

Coletânea organizada pelas professoras

Flávia Brocchetto Ramos e

Terciane Ângela Luchese

Memórias de uma educação afetiva e humanizadora



*Memórias de uma
educação afetiva e
humanizadora*

Fundação Universidade de Caxias do Sul

Presidente:
Dom José Gislon

Universidade de Caxias do Sul

Reitor:
Gelson Leonardo Rech

Vice-Reitor:
Asdrubal Falavigna

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação:
Everaldo Cescon

Pró-Reitora de Graduação:
Terciane Ângela Luchese

*Pró-Reitora de Inovação e
Desenvolvimento Tecnológico:*
Neide Pessin

Chefe de Gabinete:
Givanildo Garlet

Coordenadora da EDUCS:
Simone Côrte Real Barbieri

Conselho Editorial da EDUCS

André Felipe Streck
Alexandre Cortez Fernandes
Cleide Calgaro – Presidente do Conselho
Everaldo Cescon
Flávia Brocchetto Ramos
Francisco Catelli
Guilherme Brambatti Guzzo
Karen Mello Mattos Margutti
Márcio Miranda Alves
Matheus de Mesquita Silveira
Simone Côrte Real Barbieri – Secretária
Suzana Maria de Conto
Terciane Ângela Luchese

Comitê Editorial

Alberto Barausse
Università degli Studi del Molise/Itália

Alejandro González-Varas Ibáñez
Universidad de Zaragoza/Espanha

Alexandra Aragão
Universidade de Coimbra/Portugal

Joaquim Pintassilgo
Universidade de Lisboa/Portugal

Jorge Isaac Torres Manrique
*Escuela Interdisciplinar de Derechos
Fundamentales Praeeminentia Iustitia/
Peru*

Juan Emmerich
*Universidad Nacional de La Plata/
Argentina*

Ludmilson Abritta Mendes
Universidade Federal de Sergipe/Brasil

Margarita Sgró
*Universidad Nacional del Centro/
Argentina*

Nathália Cristine Viecelli
Chalmers University of Technology/Suécia

Tristan McCowan
University of London/Inglaterra



Coletânea organizada pelas professoras

Flávia Brocchetto Ramos e

Terciane Ângela Luchese

•

Memórias de uma educação afetiva e humanizadora



© das organizadoras

1ª edição: 2024

Preparação de Texto: Giovana Letícia Reolon

Editoração e Capa: Igor Rodrigues de Almeida

Ilustrações: Anna Brocchetto Ramos Paucar

Fotografia da Capa: Claudia Velho

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Universidade de Caxias do Sul

UCS – BICE – Processamento Técnico

M533 Memórias de uma educação afetiva e humanizadora [recurso eletrônico] / org. Flávia Brocchetto Ramos, Terciane Ângela Luchese ; il. Anna Brocchetto Ramos Paucar. – Caxias do Sul, RS : Educs, 2023.

Dados eletrônicos (1 arquivo).

Vários autores.

Apresenta bibliografia.

Modo de acesso: World Wide Web.

ISBN 978-65-5807-300-0

1. Educação afetiva. 2. Educação não-formal - Narrativas pessoais. 3. Universidade de Caxias do Sul. Programa de Pós-Graduação em Educação. I. Ramos, Flávia Brocchetto. II. Luchese, Terciane Ângela.

CDU 2. ed.: 37.015.3

Índice para o catálogo sistemático:

- | | |
|---|-----------------|
| 1. Educação afetiva | 37.015.3 |
| 2. Educação não-formal - Narrativas pessoais | 37.018:398.2 |
| 3. Universidade de Caxias do Sul. Programa de Pós-Graduação em Educação | 378.4(816.5)UCS |

Catalogação na fonte elaborada pela bibliotecária
Ana Guimarães Pereira - CRB 10/1460.

Direitos reservados a:



EDUCS – Editora da Universidade de Caxias do Sul
Rua Francisco Getúlio Vargas, 1130 – Bairro Petrópolis – CEP 95070-560 – Caxias do Sul – RS – Brasil
Ou: Caixa Postal 1352 – CEP 95020-972 – Caxias do Sul – RS – Brasil
Telefone/Telefax: (54) 3218 2100 – Ramais: 2197 e 2281 – DDR (54) 3218 2197
Home Page: www.ucs.br – E-mail: educs@ucs.br

*A vida é um fio,
a memória o seu novelo.
Enrolo – no novelo da memória –
o vivido e o sonhado.
Se desenrolo o novelo da memória,
não sei se tudo foi real
ou não passou de fantasia.
(Bartolomeu Campos de Queirós)*

Sumário

Prefácio	8
<i>Neiva Senaide Petry Panozzo</i>	
De exemplo em exemplo, tecemos a vida	10
<i>Flávia Brocchetto Ramos</i> <i>Terciane Ângela Luchese</i>	
Constantes aprendizados carregados de significado	14
<i>Aline Moreschi Vivan</i>	
Nonna Lúcia e as lembranças que ficam junto às camélias	20
<i>Bruna Battistel Defaveri</i>	
Os muitos criadores de circunstâncias que permearam a minha trajetória	23
<i>Camille Luzia Grizon</i>	
Traços da infância	30
<i>Cátia Marinello</i>	
Dona Francisca	38
<i>Eliana Ebbing</i>	
Uma narrativa de afeto: meus pais/professores	42
<i>Geiza Margarete Martins Sipp.</i>	
Meu maior professor era leigo	46
<i>Julsemina Zilli Polesello</i>	
Sobre caixas, aprendizagens e uma nuvem	52
<i>Kariane Vendramin</i>	

Memórias de aprendizagens: mulheres que ensinaram a ser mulher	59
<i>Marli de Conto</i>	
O berço familiar como primeira escola	66
<i>Patrícia Marchesini</i>	
Uma história entrelaçada: era uma vez a minha mãe!	70
<i>Paula Marchesini</i>	
A (des)educação se dá com o exemplo...	78
<i>Priscila Ghellere</i>	
Honrando a família: meu eterno vô Tito	83
<i>Rafaela Camila Rigon</i>	
Os muitos professores de uma vida	85
<i>Simone Maria Spanhol</i>	
Uma <i>dressa</i> de memórias	96
<i>Sônia Prigol</i>	
Vó Almas e a sua pedagogia da escuta	106
<i>Tatiana Marta Loch</i>	
A estrela que escolheu me amar	112
<i>Vanessa Bisutti Monteiro</i>	
Os domingos de carteadado com meu bisavô: história, cultura e lógica	120
<i>Weslei Vivan</i>	
Posfácio	
<i>O educar-se e o aprender na região da serra gaúcha</i>	126
<i>Profa. Dra. Rosecler Maschio Gilioli</i>	
Biodatas	130

Prefácio

A ORGANIZAÇÃO DESTE LIVRO REÚNE RELATOS pessoais, propostos em um exercício acadêmico sobre experiências de aprendizagem informal, cuja riqueza situa-se nos conteúdos carregados de valores, nas lembranças recolhidas nos caminhos da memória.

O contexto de inserção das narradoras e do narrador emerge numa demonstração da importância dessas vivências significativas na produção da identidade pessoal assim como na informalidade que subjaz ao processo educativo formal e ao campo profissional.

Avós, mães e pais são apresentados como elos importantes na compreensão do mundo da vida e na própria organização familiar, na qual são produzidas aprendizagens definidoras de humanização no campo dos afetos, na ética das relações sociais e na valorização da ancestralidade e das tradições culturais, até mesmo ditando bases para a futura compreensão do conhecimento científico.

O universo feminino se manifesta nos relatos das autoras, nos papéis das suas ancestrais, como exemplos de perseverança, força, coragem e protagonismo na própria constituição como mulheres capazes de enfrentamentos da vida.

Muitos termos tecem a rede de significados do texto, como acolhimento, responsabilidade, valorização, escuta, confiança e segurança, e podem contribuir como chaves para compor a estruturação formal de experiências educativas de qualidade, incluindo aquelas aprendizagens ao longo da existência.

A reflexão sobre os relatos apresentados pode ser aprofundada e gerar questionamentos e interesses de pesquisa com potencial acadêmico em áreas da educação, da história social, das práticas culturais, das questões de gênero, entre tantas possíveis.

A leitura é leve e emocionante no contato com os aprendizados marcantes, obtidos no cotidiano do convívio familiar e compartilhados de modo singelo. Entretanto, trazem ao leitor ecos de significados profundos, cujos alicerces sustentam a transmissão de valores, sentimentos de pertença e de cuidado, constitutivos de um precioso legado geracional, temperado por afeto e muita amorosidade.

É um texto que vale a pena ser lido!

Neiva Senaide Petry Panozzo
Setembro de 2023

De exemplo em exemplo, tecemos a vida

UMA TIA, UMA AVÓ, UMA MÃE PEGA UM FIO que vem de um lugar, combina com outro fio que vem de outro lugar e começa a tecer. Tece um quadradinho, outro quadradinho. Xi. O planejamento não deu certo: “Faltou linha, este quadrado ficou muito pequeno. Preciso de outro fio que combine”. Lá vai, combina cor, combina textura, temos outro tipo de quadrado! Agora aparece uma moldura em outra cor para aquele quadrado que tinha ficado inacabado. E assim vão se fazendo os fios da nossa vida, se encontrando outros fios e outras vidas e se gerando outras combinações. Somos o resultado das convivências, dos encontros, das aprendizagens que construímos nas práticas socioculturais que nos entretecem. Com muitos fios, vamos nos tecendo! Somos filhas, tias, mulheres, professoras. Somos quadradinhos que vão se formando com muitos fios. Alguns são tênues e se escondem embaixo de outro numa carreira, mas em outro ponto, outra carreira, aquele fio discreto aparece.

Como combinar, como viver com tantos fios no nosso ser? Um dos modos de viver quando não cabe em nós tantos fios, tantas inquietações, é eleger o fio da docência e com ele tecer. Por que a docência? Por que ser professora?

Porque uma professora é uma pessoa inquieta que vislumbra caminhos para si e para aqueles com quem convive. Uma professora vive o presente e tem compromisso com ele, mas olha para o passado e mira o futuro. Uma professora se nutre por meio de fios de conversas, de olhares, de leituras, de... Uma professora vai deixando fios e seus alunos vão escolhendo com quais vão seguir.

Recentemente, ao reler o texto “Foram muitos, os professores”, escrito por Bartolomeu Campos de Queirós (2019, p. 20),

floresceu em nós um desejo de escuta, um desejo de leitura, um desejo de partilha, um fio de esperança:

Meu avô poderia ter sido meu primeiro professor se fizesse plano de aula, ficha de avaliação, tivesse licenciatura plena. O fato é que ele não aplicava prova, não passava dever de casa nem brincava de exercício de coordenação motora. Jamais me pediu que acompanhasse o caminho que o coelhinho fazia para comer a cenourinha nem me deu flor para colorir. Minha coordenação motora, eu desenvolvi andando sobre muros ou pernas de pau, subindo em árvores, acertando as frutas com estilingue ou enfiando linha na agulha para minha avó chulear. Também, coelho não usava ainda nem na Páscoa, ocasião em que se comungava coordenando a hóstia para não esbarrar nos dentes nem grudar no céu da boca. Meu avô escancarava o mundo com letra bonita e me deixava livre para desvendar sua escritura.

Contrariando a norma, colocamos esse parágrafo com fonte maior do que a nossa escrita pelo impacto que nos gerou. Ler Bartolomeu no contexto do outono de 2023 nos sensibilizou e nos convocou à ação! Temos até falado sobre os professores que nos alfabetizaram e nos ensinaram durante a nossa estada na escola. E aqueles que nos ensinaram fora da sala de aula? Você teve algum educador fora da escola? Quem foram seus educadores não formais/informais, aqueles que lhe ensinaram fora dos ambientes formais de ensino e aprendizagem? Com base nessas questões, um grupo de mestradas e mestres que cursam Mestrado em Educação na Universidade de Caxias do Sul acolheram a nossa proposta. São profissionais que residem em parte da Serra Gaúcha, nos municípios que se constituíram a partir dos fluxos migratórios europeus, principalmente da Itália,

da Polônia e da Alemanha, alguns austríacos, e outros pequenos grupos que colonizaram a região.

Numa região predominantemente de colonização italiana. Saberes como o respeito ao *nonno* e à *nonna* estão presentes, o valor ao trabalho, o desejo de reter os filhos na propriedade... Nós, professoras do grupo, os estudamos em diferentes momentos durante o curso, mas almejamos que outros também acessem as narrativas que nos nutrem no cotidiano de um Programa de Pós-graduação em Educação. São ideias que escutamos. Mas queríamos a partilha das nossas estudantes e do nosso estudante.

Quem são os professores ou os mestres não formais e inesquecíveis desse grupo? Neste livro, você vai encontrar algumas histórias construídas pelos estudantes que aderiram à proposta.

Sabemos que a memória é dinâmica e seletiva, lembramos e esquecemos. Faz parte da vida! Nosso convite, mesmo assim, foi que cada estudante buscasse nas experiências infantis ou juvenis e escrevesse sobre uma pessoa importante na sua convivência, um mestre marcante que contribuiu para a sua formação. Que compartilhassem as vivências, as aprendizagens e os momentos especiais compartilhados com esses educadores. Aliás, ainda sobre educação e escola, em outra obra de Bartolomeu Campos de Queirós (2004, p. 7), o narrador protagonista confidencia no primeiro parágrafo do livro *Ler, escrever e fazer conta de cabeça*: “Parecia muito pequeno o ideal do meu pai, naquele tempo, lá. A escola, onde ele me matriculou também na caixa escolar – para ter direito a uniforme e merenda –, devia me ensinar a ler, escrever e a fazer conta de cabeça. O resto, dizia ele, é só ter gratidão, e isso se aprende copiando exemplos”.

Como resultado das escritas individuais, apresentamos este documento sensível com memórias de vivências com os mestres, memórias tecidas no presente – as memórias continuam sendo tecidas no presente. Em cada texto há uma construção singular entre o vivido e o sonhado, como anuncia a epígrafe deste livro.

O que temos? Memórias de afeto que estavam guardadas e agora, ao escrevê-las e publicá-las, são colocadas ao sol e ao vento, como roupas guardadas num baú, e chegam até você, se puder dar um tempo de si e se dedicar a lê-las.

Os fios se uniram. Temos romances que se transformaram em quadradinhos, que viraram colcha e aqui comparecem... A sua leitura vai transformar cada narrativa e pode gerar outros romances, outros quadradinhos, outras colchas, outras memórias... Vamos à leitura dessas memórias de afeto de mestres especiais? Quem sabe você também se anime e escreva sobre os seus mestres que não tinham plano de aula, ficha de avaliação nem licenciatura? Assim, vamos construindo outros fios e, com eles, novas tessituras, novos romances, novas possibilidades e novas inventividades...

*Flávia Brocchetto Ramos
Terciane Ângela Luchese*

Referências

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. *Sobre ler, escrever e outros diálogos*. Org. Júlio Abreu. 2. ed. São Paulo: Global, 2019.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. *Ler, escrever e fazer conta de cabeça*. 6. ed. São Paulo: Global, 2004.

Constantes aprendizados carregados de significado

... quando os mestres são os pais e os avós...

Aline Moreschi Vivan

MEU NOME É ALINE MORESCHI VIVAN, filha de Valmor Vivan, caminhoneiro, e de Elinara Maria Moreschi Vivan, auxiliar de serviços gerais. Minha história inicia no município de Fagundes Varela, Rio Grande do Sul. Local calmo, de povo hospitaleiro, poucos habitantes que cultivam valores e tradições culturais, às devindas de nossos antepassados, como comidas e tradição de se reunir aos domingos e ser hospitaleiro, até os dias atuais.

Minha infância foi muito divertida, tranquila e feliz ao lado da minha família, pai Valmor Vivan, mãe Elinara Maria Moreschi Vivan e avós Agolino Mauricio Vivan, Adelia Belenzier Vivan, Nilo Moreschi e Nadir Dalla Agnese Moreschi, que sempre estiveram muito presentes. Fazíamos juntos nossos dias voarem e muitos outros virem. Sinto um carinho enorme pelos meus dois avôs, que hoje me guiam do céu, e pela minha avó que recentemente se foi e sempre, mesmo longe, está em meus pensamentos. Também agradeço por ainda conviver com a minha outra avó, que em meio a essas digitações me oferece um lanche, um chá e até bergamotas descascadas. Aprendi e aprendo muito com esses professores não formais, que me ensinaram a ressignificar as coisas e seguir sempre em diante, tornando-me, assim, uma cidadã consciente e em busca de meus objetivos, dentro desse contexto social no qual estamos inseridos.

Ao compreender a infância, é preciso pensarmos que a criança não é, na evolução, apenas uma etapa cronológica, mas sim um ser participante, mediante os pares e a cultura em que se apresenta. Por isso, esses professores não formais são tão importantes e nos fazem aprender tantas coisas fora do ambiente formal. A infância carrega consigo linguagens poéticas, fatos sen-

síveis, condições de leitura de mundo em que deixa fruir seu eu interior, criança protagonista, que explora, experimenta e vivencia com a inocência do primeiro olhar, não contido rigidamente em formas preconcebidas.

As primeiras memórias de um bebê iniciam ainda no útero, com ele reconhecendo o ritmo cardíaco do coração da sua mãe e a sintonia perfeita entre ambos. No início de sua vida, ele vivencia experiências o tempo todo, as quais ficarão armazenadas em seu sistema de memórias, que mais tarde lhe trará confiança.

As interações vivenciadas entre mãe e bebê são essenciais e influenciam a estrutura do vínculo afetivo; por isso, faz-se especialmente necessário estar presente, ninar, pegar no colo, especialmente no primeiro ano de vida do bebê.

Winnicott, pediatra e psicanalista, em sua teoria do amadurecimento pessoal, dá ênfase à maternagem, que significa a relação entre mãe e bebê, porque assim o cuidado materno em relação ao seu bebê potencializa para que ocorra um desenvolvimento saudável; considera-se que a maternagem é, de fato, essencial frente ao desenvolvimento da criança.

Guardo as boas memórias dessa época dos aprendizados, assim como a lembrança do meu nascimento, feito a mão pela minha mãe e colocado em cada lembrancinha a ser entregue às visitas.

Figura 1 – Experiência infantil.



Fonte: Acervo da autora.

Aprendi que devemos respeitar todos e ser gratos por cada momento em nossa vida, que é preciso agradecer sempre e que as coisas estão na simplicidade da vida, assim como nos pequenos gestos e lembranças que recebemos a cada dia. Destaco isso demonstrando a felicidade, enquanto criança, de receber um presente, a felicidade estampada no rosto e o caminhar de quem estava redondamente feliz.

Pais (2013) reivindica uma sensibilidade sociológica que valorize as experiências cotidianas, tornando-as fonte de inspiração para a reflexão, e foi nessas experiências cotidianas que aprendi, com a simplicidade dos meus avós, sobre a força do trabalho independentemente de qual for a tarefa. Experiências marcantes, envoltas por amor, que ficam em minha memória, momentos de lazer, aprendizado, respeito e cuidado com os outros.

Para Paulo Freire (1987, p. 79-80), a “[...] educação é um ato de amor. Não é possível a pronúncia do mundo, que é um ato de criação e recriação, se não há amor que o funda [...]. Sendo fundamento do diálogo, o amor é, também, diálogo”. Portanto, a amorosidade e o diálogo¹ constituem-se como elementos indispensáveis para que ocorra, no processo educativo, “[...] o encontro amoroso entre os homens que, mediatizados pelo mundo, o ‘pronunciam’, isto é, o transformam, e, transformando-o, o humanizam para a humanização de todos” (Freire, 1993, p. 43).

Nessa perspectiva, criamos vínculos e desenvolvemos as potencialidades que na vida adulta irão nos ajudar. É necessário apenas uma dose de inquietação de uma criança no coração de um desses professores não formais para transformá-lo em alguém capaz de dialogar e perceber coisas incríveis. Acredito que todos esses aspectos citados iniciam na primeira infância e

¹ Amorosidade e diálogo constituem-se como elementos indispensáveis para que ocorra, no processo educativo, “o encontro amoroso entre os homens que, mediatizados pelo mundo, o ‘pronunciam’, isto é, o transformam, e, transformando-o, o humanizam para a humanização de todos” (Freire, 1993, p. 43).

nos aprendizados que tivemos a honra e o privilégio de ter com nossos professores não formais. Como citei, meu pai era caminhoneiro e ficava fora por dias, então a comunicação se dava por meio de contato telefônico, vivências que me ensinaram a ter responsabilidade, a suar para alcançar nossos objetivos e a, mesmo nos momentos mais difíceis, não desistir. Nesses momentos em que meu pai estava distante, ficava comigo a minha dinda Elnita Moreschi, além dos meus avós já mencionados acima e Patricia Pierosan, a vizinha de frente da minha casa, que dormia todas as noites na minha casa, fazendo companhia para a minha mãe, e, mais adiante, tornou-se minha madrinha de crisma. Passando os dias, um momento que eu aguardava ansiosa eram as férias, período em que eu podia embarcar nas viagens do meu pai, rodando este mundo todo. Ficávamos dias fora, e muitas coisas aprendi com esse professor que até nos dias atuais roda este mundão, transportando mercadorias de um local para outro, fazendo a economia girar e os alimentos e os produtos chegarem a outros estados e locais. Aprendi que as coisas não são fáceis, que existe um mundo lá fora que batalha também e que tem muita gente precisando de ajuda. Lembro de alguns locais em que parávamos para almoçar e muitas crianças pediam dinheiro, até me emociono ao escrever sobre, pois em minha memória vem a imagem da minha mãe pegando os alimentos que tínhamos na caixa do caminhão e preparando algo para dar a eles. Neste mundo, que é imenso, temos muitas coisas boas, mas ainda lutamos por igualdade.

Por isso defendo que as crianças precisam ser estimuladas a criar vínculos entre a cultura e o conhecimento, não somente por um professor com coragem de transformar espaços e concretizar sua missão, mas por esses professores não formais, e em espaços que produzem aprendizados como alguns momentos citados em meu relato. O processo se torna mais educativo onde surgem as evidentes e permanentes aprendizagens. E aqui, neste

processo, entram os aprendizados e as vivências adquiridos com esses professores não formais.

Figura 2 – Composição de lembranças.



Fonte: Acervo da autora.

Para Maturana (2002), a emoção que fundamenta o social é o amor, pois ela permite aceitação do outro como legítimo na convivência, aproximando novamente o humano racional do “ser biológico” emocional que também o habita. A criança como protagonista efetiva possíveis mudanças, por isso sigo nessa caminhada, buscando aprender cada vez mais com elas, as crianças; estimulando para que também fora do contexto escolar as crianças que me rodeiam tenham, assim como eu tive, essas experiências com os professores não formais. E considero-me uma dessas crianças, pois aprendi a desbravar coisas, criar, explorar e batalhar observando e ouvindo as pessoas que me viram crescer e estiveram ao meu lado, podendo me proporcionar tudo isso.

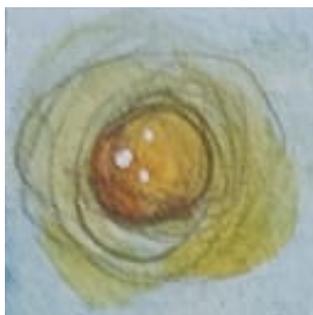
Como diria Charlot (2000, p. 56), “o sentido é produzido por estabelecimento de relações, dentro de um sistema, ou nas relações com o mundo ou com os outros”.

Dentro dessa perspectiva e vivências, o sujeito apresenta seu valor histórico e constitui-se com desejos, aprendizados e vivências que lhe mobilizam à busca pelo saber, na relação com o mundo, consigo e com o outro.

E é nesse movimento constante por novos aprendizados, novas perspectivas e novos saberes que me motivo a cada dia, e acredito que é possível mudar esse mundo, melhorar o humano, ter mais empatia e fazer um mundo melhor para os nossos descendentes.

Referências

- CHARLOT, B. *Da relação com o saber: Elementos para uma teoria*. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 27. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- MATURANA, H. *Emoções e linguagem na educação e na política*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- PAIS, José Machado (2013). O cotidiano e a prática artesanal de pesquisa. *Revista Brasileira de Sociologia*, Sociedade Brasileira de Sociologia, v. 01, p. 107-128, jan./jul. 2013. Disponível em: <http://www.sbsociologia.com.br/rbsociologia/index.php/rbs/article/view/24>. Acesso em: jun. 2020.



Nonna Lúcia e as lembranças que ficam junto às camélias

... quando a mestra é a nonna...

Bruna Battistel Defaveri

TODO MUNDO CONHECE ALGUÉM que marcou sua vida, criou boas lembranças, cruzou o seu caminho e sempre será lembrado nos momentos mais felizes – “Ah, se estivesse aqui...” – e nos tristes – “O que ela faria agora?”. Os ensinamentos que pessoas que cruzam o nosso caminho deixam e marcam a nossa vida vão nos constituindo seres humanos melhores, ou não. Todas as escolhas que fazemos as pessoas com as quais convivemos têm reflexo em nossas vivências e lembranças.

A minha pessoa, a pessoa que destaco, é a *Nonna Lúcia*. Baixinha, tímida, alegre do seu jeito, sempre com as mangas arregaçadas, serena e pacificadora, era capaz de resolver todos os problemas do mundo com um lanche da tarde, sempre esperando de portas abertas qualquer um que estivesse precisando de um colo ou de um café. Fazia mágica com as plantas e a terra, tudo em que tocava ganhava vida e cor. Sua casa estava sempre cheia de gente e sua mesa sempre rodeada de pessoas em busca do seu colo. Sempre me incentivou a estudar, trabalhar e conquistar minhas “coisinhas”, dizia ela.

As lembranças da nossa infância vão se perdendo ao longo da vida, talvez por esta ser corrida, e por estarmos atarefados sem prestar muita atenção, então vamos deixando elas irem embora. Mas há memórias que insistem em ficar e criam morada em nosso coração, negando-se a ir embora. Para essas faço questão de arrumar um lugarzinho, oferecer um café e convidá-las a permanecer comigo por toda a vida.

Convivi muito com a *Nonna Lúcia* durante toda a vida, mãe da minha mãe. Morávamos no interior do município de Nova

Prata/RS, Capela Santa Terezinha, numa casa de dois andares, eu no de baixo e a *Nonna* no de cima. Mais precisamente, eu somente dormia na minha casa, pois até os meus nove anos de idade eu vivia grudada na *Nonna*. Eu adorava ajudar (ou atrapalhar) nas tarefas diárias, e ela sempre me deixava, por mais que eu atrapalhasse – ela tinha uma paciência invejável. Foi minha professora de filosofia, me ensinando sobre a vida, sobre história, contando e lembrando suas travessuras e percalços de infância, sobre botânica, explicando sobre as plantas e seus poderes, sobre astronomia, sabendo tudo sobre a lua e a sua influência na nossa vida, sobre matemática e química, quando sabia pesos e medidas exatas para fazer deliciosos pães e queijos, bem como sobre português e italiano, quando falava o dialeto talian.

Escrevo este texto na véspera do Dia das Mães do ano de 2023, momento muito oportuno, e, emocionada, me lembro dela e escuto a sua voz ressoar em minha memória. Reitero que é mãe da minha mãe, minha avó, e bisavó da minha filha. Que alegria sinto quando me recordo do dia em que lhe contei que esperava a Maria Fernanda, sua primeira bisneta. Seus olhos brilhavam de emoção, senti-me amada e acolhida. Feliz fico em saber que a Maria Fernanda pôde sentir o seu amor e conviver um pouco com a *Nonna*. Lindas lembranças foram cultivadas.

As camélias que florescem no início da primavera possuem um encanto inestimável. Flores vermelhas e cor-de-rosa alegam meu olhar atento. Quando pequena, eu me sentava embaixo da sua sombra e, com suas folhas, flores e terra, fazia incríveis refeições que somente a *Nonna* Lúcia fazia questão de provar. A cliente mais fiel do meu restaurante e a aluna mais aplicada da minha escola. Fazíamos piqueniques embaixo das camélias, nosso espaço de aventuras.

Figura – Nonna Lucia e seu encantamento em professorar fazeres da vida com sua bisneta Maria Fernanda, em 2020.



Fonte: Acervo da autora

Nonna Lúcia, quanto me ensinaste nesta vida. Ensinaste-me sobre o amor, sobre a atenção e sobre a paciência – não sou tão boa nisso quanto a senhora foi, mas sempre tento ser melhor, recordando-me de ti e das nossas camélias. Que professora da vida incrível foste, sorte a minha de ter sido tua mais fiel aluna.



Os muitos criadores de circunstâncias que permearam a minha trajetória

... quando os mestres são os avós...

Camille Luzia Grizon

MINHA VIDA SEMPRE FOI SIMPLES. Defini-me pelo esforço e pela dedicação desde muito pequena. Estudar foi, muitas vezes, o meu refúgio. Ler abria um mundo de possibilidades que eu pensava não ter chance de realizar devido às condições da minha família.

Chego aqui formada por muitos², como dizem Resende e Miguel (2007), pois carrego experiências, vivências, esperanças, sonhos, encontros e aprendizados que trazem o legado de gerações. Sou neta de agricultores descendentes de italianos que pouco sabem escrever, e a primeira da família a ter um diploma de graduação, filha de pais que não finalizaram o ensino fundamental, irmã do meio de três mulheres, tecnóloga em logística. Sou a moça que tinha medo de ir para a cidade grande estudar sozinha, a mulher que, finalmente, é pedagoga e professora depois de um longo percurso.

Fernand Deligny (2018), no livro *Vagabundos eficazes*, traz a ideia de que um verdadeiro educador seria um criador de circunstâncias, alguém capaz de adaptar as possibilidades no meio em que está inserido e produzir diferentes maneiras de ensinar e conviver. Por isso, em sua proposta de trabalho em um centro francês de observação e triagem para crianças consideradas inadaptadas à sociedade, nos anos 40, Deligny não recrutou diplomados, aqueles que, segundo ele, têm um saber enrijecido pelas técnicas e teorias, mas sim aqueles que chamou, mais tar-

² “Ao chegarmos a Cévennes, nós somos, todos os dois, já muitos. Carregamos outros lugares, outros territórios político-afetivos, um outro país natal. [...] Essa experiência nos torna outros com tantos outros” (Resende; Miguel, 2007, p. 139, grifo nosso).

de, de “vagabundos eficazes”, educadores advindos do mesmo meio social que as crianças e os jovens, como operários.

Refletindo sobre os educadores criadores de circunstâncias que passaram pela minha vida, percebo que muitos deles não eram professores diplomados. Os encontros com esses educadores aconteceram, em sua grande maioria, em circunstâncias afetivas, construídas na ação, revividas pelas lembranças, arraigadas na cultura, na empatia, no desejo de buscar mais conhecimento, na possibilidade de oportunidades. Educadores que foram nomeados de diferentes maneiras, visto que nem sempre foi preciso uma escola com paredes, quadro e giz para que o encontro com o aprender acontecesse. Por isso, a partir de agora, relato um pouco da minha história, dos encontros com educadores criadores de circunstâncias que fazem de mim o que sou hoje...

Sou Camille Luzia Grizon, nasci no dia 4 de junho de 1992, às 14h07min, no Hospital São João Batista, em Nova Prata/RS. Filha de Luiz e Clarinda, irmã da Camila e da Carol. Neta de Avelino e Olgemina e Algemiro e Lucy. Esta é a minha primeira marca como cidadã: filha e neta de agricultores descendentes de italianos.

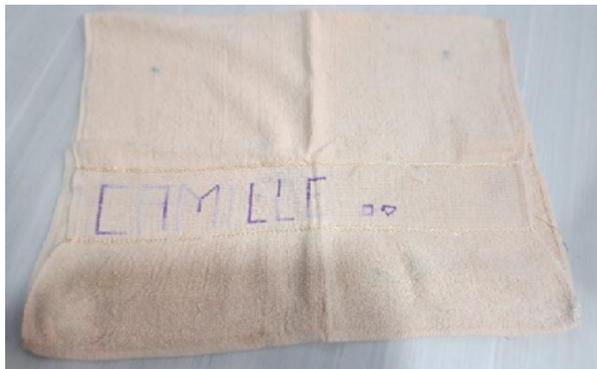
A Linha Terceira é um lugarzinho encantador, onde se situa a casa dos meus “*nonnos*”³ paternos e meu primeiro lar, no entanto, afastado da agitação da cidade. Por esse mesmo motivo, a escola também era longe. Para chegar até lá a partir da metade do ano letivo (porque tive febre paratifoide primeiro e depois fui submetida a uma cirurgia) era preciso usar a *kombi* do transporte escolar, que não ia até a escola, então eu esperava na frente da casa da minha primeira professora para irmos juntas.

Assim, aprendi a andar na cidade, atravessar a rua e perder um pouco do medo que eu tinha. Chorei muito até me adaptar. Fiz uma amiga. Levava lanche de casa e uma garrafinha de suco

³ Como chamamos os avós em dialeto italiano em nossa família.

de laranja ou bergamota, arrumava tudo em uma toalhinha que guardo até hoje (Figura 1). Passou o ano e fiz formatura. Fui a bruxa da peça de teatro da noite. Minha mãe costurou a minha saia para a formatura.

Figura 1 – Toalhinha usada no lanche na Pré-escola.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Os *nonnos* paternos me ensinaram a *dressa*⁴ – no começo não foi fácil aprender a dobrar as hastes de trigo, mas com convicção segui firme no propósito de aprender. A paciência da minha *nonna* foi primordial, já que, pequenos e ainda com pouca coordenação motora, meus dedos nem sempre conseguiam segurar tudo unido como deveria ser. Lembro como se fosse hoje... as tardes com a *nonna*, sentadas na área externa da casa, os azulejos marrons e bege, as cadeiras antigas de madeira de assento trançado de plástico, o balde de água para umedecer as hastes do trigo ao lado, a *nonna* com pressa porque a *dressa* não era um passatempo – pelo contrário, tinha o propósito de dar origem a um chapéu de palha que seria usado para proteger do sol ou da chuva aqueles que iam para a roça. Ainda assim, ela dedicava um tempo para me mostrar como eu deveria trançar as hastes de trigo para que se tornassem a *dressa*.

⁴ Como denominamos em dialeto italiano (em nossa família) a trança feita com palha de trigo.

A *nonna* evoca a lembrança da brincadeira com os dedos cantada em dialeto à sombra da grande árvore que fica no pátio da frente da casa dela com os primos reunidos. Esgotadas as brincadeiras entre nós, crianças, para que parássemos com as implicâncias vinha a *nonna* intervir, e lá ela cantava “*pin pi nim, Valentim, pena bianca, fa quarenta, buta fora, questo quá*”⁵. O canto era acompanhado pela pessoa que o proferia e passava pelos dedos expostos no centro da roda, aquele que fosse o último estava fora do jogo, até sobrar apenas um. Assim se passavam horas até que buscássemos uma nova brincadeira.

O meu pai, homem sisudo que passava o dia trabalhando na roça, chegava em casa à noite e se sentava no piso de cimento queimado da cozinha, sobre um cobertor velho, com um caderno e uma caneta para ensinar a mim e minha irmã mais nova as primeiras letras e números. Era muito importante também aprender a fazer continhas de mais e de menos – com esses nomes, nada de soma ou subtração. Para auxiliar no entendimento, aprendemos a contar nos dedos para realizar as operações.

Mas para nós o aprendizado mais importante era desenhar porquinhos e tatus. Eu, que não me considero boa no desenho, apreciava muito a técnica do desenho a partir do número três, a fim de obter um porquinho, como se pode ver na figura a seguir. Lembrando, é claro, que o porquinho não é voador, então ele precisa de um chão sob os pés.

⁵ Uma escrita baseada em minhas memórias fonéticas.

Figura 2 – Desenho de um porquinho a partir da técnica de usar o número três.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Depois de um tempo, mudei com minha família para morar junto com os meus outros “*nonnos*”. Eu adorava estudar – ler era o máximo! –, passava na biblioteca muito mais vezes do que o exigido pela escola, revisava os conteúdos nas férias, enfeitava os cadernos, esperava ansiosamente pelo início das aulas. Minhas atividades favoritas eram ler e “dar aula” para as galinhas da minha mãe e os meus alunos imaginários.

A escola era perto de casa. Minha tia, irmã da minha mãe, era a merendeira da escola, e eu adorava a comida de lá, às vezes chegava sem fome em casa porque comia muito na escola. Tínhamos horta na escola e oficinas em contraturno, foi lá que aprendi a bordar, costurar e fazer crochê, hábitos de artesanato que mantenho. A memória do primeiro ponto-cruz se faz presente, eu e mais três colegas sentados na cozinha da escola junto com a minha tia, o piso de azulejo marrom avermelhado do chão, a porta dos fundos aberta que dava para uma escada que acessava a horta com um enorme abacateiro ao lado, o cheiro do café na cozinha, a pia, o fogão a gás industrial e o fogão a lenha. Fui ousada em minha escolha e decidi bordar um cachorro plantando bananeira. Feitos os primeiros quatro pontos pretos que dariam forma ao focinho do cachorro, eu começava a jornada

que tive ao longo da vida, não só a partir de professores diplomados e reconhecidos – esses também, é claro, mas alguns educadores criadores de circunstâncias trazem contribuições singulares, já que as memórias de aprendizado que mais têm sentido são justamente aquelas que se forjaram na experiência, no encontro, na observação e na admiração, não na quantidade de folhas preenchidas ou no cumprimento do currículo imposto. Foram construídas nas possibilidades produzidas por eles no cotidiano.

Referências

DELIGNY, Fernand. *Os vagabundos eficazes*. Traduzido por Marlon Miguel. São Paulo: N-1 edições, 2018.

RESENDE, Noele; MIGUEL, Marlon. Fernand Deligny e o gesto da escrita: escrita-traçar, território comum e iniciativa popular Noelle Resende e Marlon Miguel. *Cadernos de Subjetividade*, 2007.



Traços da infância

... quando a mestra é a mãe...

Cátia Marinello

EIS QUE AQUI SURGE UMA MÃO ESCREVENTE debruçada em seu notebook pensando em suas marcas do tempo da infância. Sim, ora marcas, ora traços, algumas que hoje viraram recordações, outras cicatrizes, algumas guardadas a sete chaves e outras jogadas para escanteio.

Traços existem vários, os quais são atravessados pelos nossos caminhos, somos andarilhos, com pessoas que estendem a mão e viram nossos artesões. Um dos traços que relato aqui é o da descoberta das palavras, que aprendi não na escola, mas sim com a minha mãe. Ah, lembro como se fosse hoje: “Mãe, essa tua filha nunca vai se alfabetizar”. E a minha mãe foi uma verdadeira leoa: “Ela vai, sim!”.

Palavras soam no meu pensamento! Lembro quando eu ia para a escola do interior com uma professora, sala multisseriada, e eu e mais duas colegas estávamos no jardim, na época com seis anos, era o nosso primeiro ano. Eu era uma menina curiosa, tudo era novo, diferente. Tinha histórias, espaço para brincar e o mais legal: os grandes cuidavam e brincavam conosco, além de nos levar na garupa até a escola, pois tínhamos medo dos cachorros. Nossa, era uma caminhada e tanto, terra de chão batido, de gente simples, guarda-chuva e bota de galocha.

Tudo era encantador na escola, mas eu chegava em casa e terminava a euforia. A minha história não é como as dos contos clássicos, que têm final feliz! Hoje passo por ela e a vejo abandonada, largada às traças, me causando uma tristeza profunda, pois para mim, na época, foi um espaço de refúgio, ar puro que eu respirava, um traço feliz que atravessou o trilho da minha vida.

A fuga

Escola fuga de casa
Escola fuga da vida
Desespero em brasa
Queria ser mais atrevida
Mas não conseguia
O corpo não podia
Pois ali nasci
Ali uma parte vivi
Ali uma parte chorei
Ali uma parte sorri
Ali uma parte morri!

Da minha mãe, tenho vários traços bons, mas ela não era muito de sorrisos, gestos ou afetos, era uma mulher trabalhadora, que falava poucas palavras, mas de sabedoria. Mesmo com pouco estudo, há uma frase dela que me impulsionou a querer aprender a ler e escrever: “Filha, não seja burra como a tua mãe, estude!”. Nas raras vezes em que ela falava isso, era de uma forma *tristonha*, já que ela também não teve muito carinho dos seus pais, pois uma vez era assim mesmo. Era apenas o seu jeito de expressar seu amor por mim, porém na época eu não compreendia o que ela queria dizer com isso.

Minha mãe foi quem me ensinou a ler, mesmo com a sua vida nada fácil, na qual engravidou ainda muito jovem, aos 19 anos, e morava com a sogra, o sogro e o cunhado. Maus bocados passamos. Sim, minha infância não foi de princesa, não gosto muito de lembrar dela, mas, apesar de tudo, sempre fomos muito unidos (eu, meu pai e minha mãe).

Ela e eu chegamos num momento, do qual me recordo até hoje, metade de junho, em que precisamos sair da casa do meu avô. Não, não tinha mais como aguentar! Era insuportável! Minha avó só sabia reclamar – mesmo eu ajudando nos serviços de casa, nunca estava bom. Meu avô sempre estava bêbado. Algumas vezes ele ficava bravo e tínhamos que sair correndo e nos esconder no paiol, ou ele ficava no porão e tomava vinho na pipa até “encher o cu de trago”, ou ficava ofendendo minha mãe

com nomes pejorativos e cruéis. Insano, talvez, não o condeno, pois o álcool tomava conta do corpo e da mente daquele homem que eu desconsiderava como “*nonno*” para camuflar a dor.

Estilhaços

Estilhaços de palavras
Estilhaços de ofensas
Estilhaços de ódio
Estilhaços de fúria
Estilhaços de mágoa
Estilhaços de rancor
Estilhaços de choro
Desligo, desnorteio
Silêncio

Sim, uma semana antes do meu aniversário viemos morar em Veranópolis, e pensei: fugimos do caos. Meu pai caminharinho, minha mãe dona de casa. Fui conhecer minha escola nova. Susto. Estagnei, pois pela primeira vez entrei em uma sala de aula e vi crianças da mesma faixa etária, enfileiras, ouvindo a professora ditar palavras que eu nunca tinha conhecido. Por eu ter vindo do interior, para “os da cidade” eu falava “errado” e era uma “colona”.

Vim de família de origem humilde, na qual falamos italiano mesclado com o português, meu pai estudou só até a segunda série do ensino fundamental e a minha mãe até a quarta série, pois precisavam trabalhar na roça e cuidar dos irmãos. Acho que é também por isso que minha mãe sempre me incentivou a estudar, pois ela, infelizmente, não teve essa oportunidade e sempre precisou trabalhar de sol a sol no aviário no qual passava maior tempo do dia. Na época a comida era dada “a braço”, e minha mãe, nem com 45 quilos, carregava duas latas cheias de ração para colocar nos tubulares. Enfim, ela queria que eu não sofresse de tanto de trabalhar como ela precisou, ela queria que a filha fosse para a cidade trabalhar.

Na cabeça dela, em sua inocência, trabalhar na cidade era “vida”, e as pessoas eram mais inteligentes, pois tinham folga no

sábado e no domingo, dias, aliás, que ela nunca teve de descanso. Para ela trabalhar, na roça era coisa de gente atrasada que só tinha rodado na escola, só era importante mulher que tinha seu dinheiro e trabalhasse fora, em firma.

Uma vivência de que me lembro é que eu ia estudar à tarde e não entendia nada do que a professora falava, pois era outro mundo para mim. Minha mãe me esperava quando eu chegava da escola às 17h15 e fazia eu treinar o alfabeto decorado em cima da cama no meu quarto até a hora do jantar. Recordo que eu chorava desesperada e dizia que não queria mais ir para a escola, a mãe me “socava” na parede e dizia: “Tu va si e vai aprende de qualquer jeito, sem rodar de ano, não vai ser *bauca* que nem *to mare*⁶”.

A escola não era um espaço em que eu sentia conforto e prazer no meu primeiro ano na cidade, pois muitos colegas tiravam sarro por saberem muito mais que eu, e, além disso, eu chegava em casa e o estudo se tornava uma obrigação, então eu perdia o tempo de brincar. A atenção da minha mãe estava tão focada em me ensinar a ler e escrever que eu ficava desde que chegava da escola até a janta e de manhã, das 8h às 11h, decorando letras.

Na época, minha mãe só sabia me ensinar de forma mecanizada, então primeiro ela começou com as letras, ela falava, me mostrava no caderno ou no livro didático, e eu repetia, copiava ou dizia qual era a letra. Quando eu errava, ela me fazia repetir, e aí se eu não repetisse ou dissesse que estava cansada ou queria brincar.

Apenas sumiu

Apenas sumiu o gargalhar
Apenas desapareceu o movimentar
Apenas sumiu o voar
Apenas sumiu o imaginar
Apenas sumiu o criar

⁶ “Tu va sim e vai aprende de qualquer jeito, sem rodar de ano, não vai ser *bauca* burra que nem *to mare*”: significa: “Tu vai, sim, e vai aprender de qualquer jeito, sem rodar de ano, não vai ser burra como a tua mãe”.

Apenas era uma estátua
Numa ingenuidade mútua
De criança que queria apenas
Viver e brincar!

Ah, infância que era mais amarga do que doce, mas algumas raras vezes eu recebia um abraço da minha mãe quando conseguia acertar o alfabeto em ordem. Raras pitadas de um olhar que, hoje, mais madura, entendo, só queria o meu bem, mas na época recebi inúmeras vezes um “não” quando pedia para ir brincar na colônia com minhas primas ou no quarto de boneca ou assistir a um desenho. Ah! Não contei, mas final de semana também era para estudar.

Como eu disse antes, tinha raras pitadas de alegria, e uma delas foi quando minha mãe, cansada de repetir as sílabas – ela tentava com jeitinho, tentava sendo brava, tentava surrando, e eu simplesmente não conseguia aprender as sílabas –, me deu um jogo com várias peças quadradas de madeira com as sílabas do alfabeto. Ela ia falando as sílabas e eu ia repetindo, parecendo um papagaio. O mais legal era no final, quando, algumas vezes, ela me deixava juntar uma peça em cima da outra e derrubar a pilha formada, mas logo recolhia e dizia: “Deixa de ser boba, brincar não te leva a nada, vai pensar em estudar”. Isso me deixava triste.

Enfim, com a minha mãe aprendi as letras, depois as sílabas, e no mês de novembro, na reta final do ano letivo, comecei a primeira palavra, que era a que eu mais ouvia: uva. Depois comecei a ver os sorrisos da minha mãe com um pouco mais de frequência, a cada sílaba ou palavra que eu acertava.

Ah, gosto doce da uva: *champanheta*. Na época era do que eu mais ouvia falar e o que mais tinha na casa dos meus avós. Doce lembrança, quando raras vezes minha mãe me deixava andar de bicicleta, que eu pegava escondida do meu primo. Os meses de setembro, outubro e novembro eram os mais bonitos, pois os cachos das uvas iam ganhando vida e os seus pequenos

grãos iam crescendo e amadurecendo aos poucos, ganhando cor, do verde para o preto, o rosa e o branco.

Minha mãe, essa sim, foi a única que nunca desistiu, não foi a mais dócil nem a mais afetuosa, mas sempre me incentivou a estudar, do seu jeito, lá no fundo eu sabia que ela me amava. Na época eu não percebia que apenas ela queria o meu bem, para eu não acabar, de certa forma, dependendo do dinheiro do meu pai e trabalhando tudo o que ela trabalhou. Enfim, final de novembro comecei a ler de forma pausada, pois tinha decorado as sílabas e na época ainda não era tão exigido a leitura fluente na primeira série, somente na segunda série.

Traços

Memórias que se assemelham a traços
Pela mente se espelham
Pela fissura do nosso corpo
Que fragilizam
Que nos machucam
Que perpetuam
Pelo resto da nossa vida
Algo que penetra
Na carne e se alastra
Em nossas veias
Nos deixando cicatrizes
Profundas e avalassadoras
Boas e ruins
Alegres e tristes
De conforto e de saudades
Algumas deixadas em botequins
E outras guardadas a sete chaves!

Figura 1 – Traços do que restou da escola do interior, registro fotográfico de maio de 2023⁷.



Figura 2 – Traços do local de estudo, com a minha cama pequena, feita de madeira, e a parede branca, na qual eu estudava encostada. Minha mãe ficava de frente para mim com o livro didático da escola mostrando as letras uma por uma e eu ia repetindo o que ela dizia. Registro fotográfico maio de 2023.



⁷ As imagens foram fotografadas pela escritora, narrando uma vivência de aprendizagem fora dos muros da escola. Elas têm efeito de “traços” em tons de cinza, já que a minha história possui marcas que não me sinto confortável em recordar, pois tive mais momentos de dor do que de alegria.

Figura 3 – Traços da minha caminhada, registro fotográfico maio de 2023.



Dona Francisca

... quando a mestra é a mãe...

Eliana Ebbing

NASCIDA EM 1950, EM UMA FAMÍLIA NUMEROSA e humilde, no interior de uma pequena e simpática cidade chamada Espumoso, minha mãe, Dona Francisca, desde criança tinha muitos compromissos. Naquela época a vida era mais difícil, ela aprendera a sobreviver com os irmãos mais velhos e ensinava os irmãos menores. Aprender e ensinar em família era intrínseco àquele grupo. Os pais trabalhavam na lavoura com os filhos de mais idade, então quem ficava em casa deveria cumprir as tarefas domésticas e ajudar a educar e cuidar dos irmãos mais jovens.

A família tinha 12 filhos, quantia normal para a época, tempos em que os recursos e a informação eram escassos, tempos difíceis... Dona Maria, minha avó, de cultura ainda mais restrita, tinha preconceito com as filhas mulheres, que só frequentavam a escola até aprender a ler e escrever; já os filhos homens permaneciam um tempo maior na escola, mas também interrompiam os estudos para trabalhar na lavoura. A vida escolar era um período de passagem rápida para todos os filhos dos meus avós maternos.

No entanto, todos frequentavam catequese pelo tempo necessário. Minha mãe assumiu o posto de catequista quando tinha 14 anos, gostou muito dessa vivência e, a partir dessa experiência, sonhava em ser professora. Ela conta que sabia que, na realidade vivida, não seria possível, em virtude das condições financeiras da família rural – não tinham recursos para enviá-la, por exemplo, a um internato. Ainda, as mulheres da região eram criadas e educadas para casar e cuidar de um lar.

Dona Francisca atuou como catequista até próximo de completar 16 anos, quando foi morar e trabalhar na cidade de Espumoso, no Hospital São Sebastião, deixando a família no interior e iniciando uma nova jornada no mundo urbano. O

hospital era administrado por irmãs da Congregação de Notre Dame, o que agregou muitos conhecimentos para formação pessoal e profissional da minha mãe. Lá aprendeu técnicas de enfermagem, como aplicar injeção, atender os pacientes, enfim, tudo que precisava para ser uma boa auxiliar de enfermagem.

Sua passagem como funcionária no setor de enfermagem no hospital foi breve, pois tinha imunidade baixa e ficava doente com frequência. Ela adquiria as doenças dos pacientes de que tratava. Diante desse quadro, saiu da enfermagem e passou a ajudar na cozinha, onde se realizou, pois sabia cozinhar muito bem e todos apreciavam suas deliciosas comidas e quitutes. Até hoje minha mãe é inspiração na cozinha! Especialmente para mim, que sou sua filha, reconheço as singularidades dos sabores que por vezes se escondem nos seus pratos e me entrego ao aroma da casa perfumada com as suas iguarias. Entrar na sua casa quando está finalizando uma refeição é como adentrar num palácio de perfumes!

Como era de praxe, dona Francisca precisava se casar, afinal não poderia fugir dos padrões impostos pela sociedade da época, seria constrangedor. Saiu do hospital para assumir o matrimônio, regressando para o interior, inicialmente morando com a sogra, agora no município de Tapera. Do interior volta para outro interior! Como fruto do seu casamento, teve dois filhos, Luciano e Eliana, meu irmão nasceu em 1975 e eu em 1980.

Dona Francisca, minha mãe, em sua trajetória, foi uma professora, sim, mas informal, pois ensinou seus irmãos, depois foi catequista e, como aprendiz de enfermagem,

Figura 1 – Nossa família no meio rural onde vivíamos.



Fonte: Acervo pessoal.

auxiliou suas colegas a aprender o ofício. E quando se tornou mãe, ensinou a mim e ao meu irmão tudo o que sabia. Ela gostava de cantar, encarava a vida com coragem e alegria, assim aprendemos que os problemas não são eternos, pois quase tudo pode ser resolvido com paciência e sabedoria. Sua conduta ensinante nos mostrou que para vencer precisamos ser corajosos, fortes, persistentes e gratos.

Figura 2 – Eu, pequena, na frente da nossa casa.



Fonte: Acervo pessoal.

Lembro-me da minha mãe, na varanda de casa, com um livro no colo, me ensinando a ler, me preparando para iniciar a primeira série (hoje primeiro ano). Nessa sala de aula, eu sentia a brisa no rosto e olhava o céu, as plantas no jardim e as mais distantes nas encostas. Os sons da natureza entravam como uma canção e constituíam as nossas aulas. Tudo compunha o entorno da minha primeira sala de aula com aquela mulher professora que tinha apenas uma aluna. Ao falar dessa mestra especial, recordo-me de um texto de Bartolomeu Campos de Queirós (1997, p. 28), quando ele nos conta dos seus muitos professores. Trago aqui a figura do avô professor:

Meu avô poderia ter sido meu primeiro professor se fizesse plano de aula, ficha de avaliação, tivesse licenciatura plena. O fato é que ele não aplicava prova, não passava dever de casa nem brincava de exercício de coordenação motora.

Jamais me pediu que acompanhasse o caminho que o coelhinho fazia para comer a cenourinha nem me deu flor para colorir. Minha coordenação motora eu desenvolvi andando sobre muros ou pernas de pau, subindo em árvores, acertando as frutas com estilingue ou enfiando linha na agulha para minha avó chulear.

Minha mãe também não tinha plano de aula, caderno de chamada, quadro negro ou verde na parede, nem diploma de professora. Tinha um livro de leitura e o desejo de que sua filha aprendesse a ler. Depois, na escola, fui reapresentada às letras e aos números, mas já os conhecia pela postura e pela partilha da minha mãe, que foi, com certeza, a minha primeira professora!

Infelizmente, ela nunca pôde continuar os estudos e se tornar uma professora formal, mas sempre ensina tudo o que aprendeu ao longo de sua vida. Ela nos ensinou a ler e escrever as primeiras letras, assim como, com maestria, a enfrentar os desafios da vida a partir das suas muitas experiências ao longo da sua existência. Diante de tudo, posso afirmar que professora melhor não eu não poderia ter tido!

As lembranças desse período estão guardadas na memória e no coração, há poucos registros físicos, pois a casa onde morávamos, na qual havia a nossa sala de aula, incendiou no dia 8 de agosto de 1988. Ao sair da escola, às 17h, pude ver, ao longe, a fumaça negra que borrava o céu azul daquele fim de tarde. Ao chegar mais perto, a triste realidade se colocava diante dos meus olhos que custavam a acreditar no que viam. Minha mãe estava sozinha em casa, mas conseguiu jogar algumas coisas pela janela. Iniciou, então, um novo aprendizado, um novo começo, mas isso é outra história de docência...

Referência

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. Foram muitos, os professores. In: ABRAMOVICH, Fanny (org.). *Meu professor inesquecível: ensinamentos e aprendizados contados por alguns dos nossos melhores escritores*. São Paulo: Gente, 1997.

Uma narrativa de afeto: meus pais/ professores

... quando os mestres são os pais...

Geiza Margarete Martins Sipp.

*Eis o meu segredo. Ele é muito simples:
somente vemos bem com o coração.
O essencial é invisível aos olhos.
(Saint-Exupéry)*

EIS O MEU SEGREDO, ELE É SIMPLES: limpei minhas lentes e vi meus pais como meus professores além dos muros da escola. Percebi eles eternos em meu viver, pois me cativaram no cuidar, educar e amar. Quando pudermos ver alguém com o coração, esse alguém será sempre especial e se tornará eterno.

Hoje me coloco a pensar sobre meus dois grandes educadores fora da escola, meu pai e minha mãe. Uma homenagem para aqueles que, sem livros didáticos, souberam desenvolver práticas pedagógicas fundamentais para a minha formação humana. Eles são grandes, e eu sou a pequena, vim ao mundo por meio deles e pude conhecer tudo o que conheço, pois eles me deram a chance de chegar na jornada terrena.

A minha escola da infância, ao lado dos meus pais, foi regada de simplicidade e muitas experiências de vida, as quais jamais esquecerei. Sabemos que sempre ficam as marcas dos professores inesquecíveis, e as marcas que o meu pai e a minha mãe deixaram em mim são muito importantes, como uma joia preciosa que guardo em um lugar especial, no coração. Fui contemplada pelo Universo com muitas e boas recordações dos meus pais, narro neste texto algumas que são inesquecíveis.

Nas andanças da vida, meus pais foram morar e trabalhar em uma fazenda, eles não tinham dinheiro para comprar uma, mas tinham o “poder” do trabalho, do amor e do cuidado com a

natureza. Que lindo presente eles me deram, foram 13 anos naquele lugar. Correr pelos campos, tomar banho de chuva, pular em poças d'água, comer bergamota no pomar, subir em árvores, encontrar ninhos de passarinho e tirar leite das vacas foram experiências memoráveis. Tenho orgulho de dizer que a escola natureza foi o maior legado que meus pais me deram.

Com os meus pais, aprendi a valorizar as coisas simples e a ser grata pelos acontecimentos da vida, até mesmo por aqueles inesperados, como a falta de luz em casa à noite. Esse era um momento mágico em família, pois brincávamos de esconde-esconde no escuro. Não se tinha celular, internet, apenas duas velas para iluminar a casa toda. Confesso que eu adorava quando faltava luz, só para ter a minha família só para mim, eu, minha irmã e meus pais, era simplesmente perfeito, bons e belos tempos eram aqueles.

A morte bateu lá em casa cedinho, levando o meu pai professor a lecionar para as estrelas. Aos 14 anos, eu não compreendia muito bem a ideia de “luto” e “passagem para outra existência”. Quando a maturidade chegou, a vida iluminou-se outra vez, pude entender que aqueles que partem levam um pouco de nós e deixam um pouco de si. Apenas estamos em lugares diferentes, mas conectados eternamente pelo coração.

Meu pai foi um homem trabalhador, honesto e cheio de afeto que não sabia ler as letras, mas sabia ler o mundo muito bem. Com ele aprendi muitas coisas; andar a cavalo foi uma delas. Só quem já correu pelos campos a galope sabe o valor dessa experiência libertadora. Meu pai ensinou-me o poder do amor, de estar perto das árvores, principalmente das araucárias, para colher pinhão e depois fazer a famosa *sapitada* com a bela fogueira de grimpas.

Não posso deixar de citar minha querida mãe/professora e um dos conteúdos mais belos que ela me ensinou: a força do sagrado feminino. Minha mãe foi e continua sendo uma mulher

forte, algo que me inspira. Ela tem a fortaleza de saber cair e levantar na vida quantas vezes forem necessárias. Sempre podem existir tropeços e recomeços, tudo depende de como você vê: se são erros ou experiências.

Lá na fazenda, após ordenhar as vacas, sob a luz do luar e das estrelas, eu e minha mãe íamos caminhando para casa; naquele caminho, quantos sonhos iam sendo desenhados. Eu adorava olhar para o céu e contemplar o belo. Confesso que aprendi a comunicar para as estrelas os meus desejos e sonhos. Muito do que sonhei naquela época, hoje, pouco a pouco, a vida vai me mostrando: as estrelas têm ouvidos.

Meus pais, eternamente serão meus professores fora da escola, sempre aprendo com a jornada de vida deles cada vez que descubro algo novo de tudo o que viveram. Rubem Alves (1980, p. 14) no seu livro *Conversas com quem gosta de ensinar*, cita que: “A pessoa passou a ser definida pela sua produção: a identidade é engolida pela função. E isto se tornou tão arraigado que, quando alguém nos pergunta o que somos, respondemos inevitavelmente dizendo o que fazemos”. Essa fala fez muito sentido com a narrativa dos meus pais/professores. Aprendi que sou a minha história de vida, sou as memórias de afeto que carrego. É na costura dos retalhos de cada lembrança que nos constituímos, que vamos descobrindo o ser/professor que somos e seremos para outras pessoas.

20 de maio de 2023

Referências

ALVES, Rubem. *Conversas com quem gosta de ensinar*. São Paulo: Cortez, 1980.

EXUPEPÉRY. Saint Antoine. *O pequeno príncipe*. Rio de Janeiro, Agir, 2009.



Meu maior professor era leigo

... quando o mestre é o avô...

Julsemina Zilli Polesello

NOSSA TRAJETÓRIA SEMPRE É MARCADA POR PESSOAS especiais que, de alguma forma, imprimem em nós as suas marcas. Sim, imprimem, porque elas farão parte do nosso ser. Os professores, com certeza, têm grande contribuição na constituição da nossa história. Sua formação contempla, ou deveria englobar, o conhecimento de processos de aprendizagem, de metodologias de ensino, de pessoas, de interações construtivas, porque a aprendizagem passa, primeiro, pelas relações. Não creio que, na época em que iniciei na escola, os professores tivessem todo esse preparo, mas desempenhavam sua função (considerada quase uma missão) com louvor, fazendo o seu melhor e deixando as suas marcas impressas na nossa formação.

Mas o que dizer dos professores leigos? Aqueles que muito pouco frequentaram os bancos escolares, não entendiam de teorias de aprendizagem, nunca leram um livro sequer, ou melhor, nem alfabetizados eram? Que escreviam o nome pelo treino, porque precisam assinar documentos nos “negócios”? Ou seja, que aprenderam o suficiente e o necessário para progredir, para “se virar na vida” e constituir uma família, mas que deixaram as suas marcas registradas a “ferro e fogo”? Marcas que estão intrínsecas ao nosso ser... Esses, sim, merecem o nosso reconhecimento.

Vou falar sobre a relevância de uns grandes professores na minha vida. Tive o privilégio de conviver, na minha infância, com um grande professor: meu avô paterno Andréa Zilli⁸. Esse convívio só foi possível porque meu pai era de origem italiana. Dentre os inúmeros costumes de quem é dessa origem, um

⁸ André Zilli nasceu no dia 23 de setembro de 1913. Era filho de Angela Salami e Julio Zilli, casado com Amélia Conte, com quem teve nove filhos: Isolda, Ilda, Catarina, Carlos (meu pai), Doaraluice, Ivaldo, Ivaldir, Laila e Lodia. Residiu na Capela São Belim, Nova Prata. Faleceu em 13 de junho de 1993.

deles era de que, quando o filho homem mais velho se casasse, residiria na casa dos pais para dar prosseguimento aos trabalhos iniciados pelo patriarca. Melhor ainda se tivesse vários filhos e estes fossem homens para ajudar no trabalho pesado da vida na roça. Não que as mulheres fossem isentas dos trabalhos pesados, pois um dos grandes objetivos dos italianos era ampliar as propriedades, adquirir sempre mais terras, plantar mais, ter mais gado, mais e mais bens.

Meu pai era o filho homem mais velho da sua família. Assim, tive o grato privilégio de nascer em uma família grande, com vários adultos por perto (sim, porque as tias mulheres só saiam da casa dos pais quando casadas e ainda tinham três tias solteiras na época), e conviver com o meu avô. Sempre digo que, para mim, ele foi uma das pessoas mais sábias (ousaria até dizer que a mais sábia) com quem já convivi. E graças a esse convívio diário muito pude aprender.

Na época, ainda criança, eu não tinha noção da dimensão dessas aprendizagens, mas hoje não existe um único dia da minha existência em que seus ensinamentos não afluem. Como mãe e professora que sou, sempre procuro transmitir um pouco do que aprendi com ele, pois acho que tantos e tão ricos ensinamentos não poderiam cair no esquecimento. Devem ser preservados e repassados da forma mais fidedigna possível.

Acho que estão curiosos para saber o que meu avô tinha de tão especial. Eu gostaria de poder ter o dom da palavra para registrar com fidedignidade o ser humano que ELE é e tudo que representa na minha vida. Falo no presente porque permanece vivo na minha memória por meio dos seus ensinamentos. Com certeza, pela grandeza e pela profundidade do seu ser, demandaria muito mais do que um simples texto para externar tamanho aprendizado.

Antes de descrevê-lo, quero dizer que um dos grandes aprendizados que tive nesse convívio foi o do dialeto italiano.

Nada de fazer cursinho como nos dias atuais, mas uma aprendizagem das mais naturais e duradouras possíveis, que me auxilia na compreensão do espanhol e do próprio italiano. Como sua língua materna e dominante era o dialeto, vou me dar ao direito de usar as expressões que ele usava para nos ensinar sobre a vida, exatamente como aprendi e como as utilizo no meu fazer diário: em dialeto. Mesmo que tenha que traduzi-las, muitas vezes, pela incompreensão de quem as ouve, mantenho esse costume e assim o farei no texto. Os chavões serão escritos em italiano.

Meu avô paterno era um homem grande, forte, careca, sempre descalço, de calça arremangada e pisada firme. Destemido (para mim, um herói), resolvia situações de perigo usando uma “*schio*”⁹, que pendurava atrás da porta da entrada da casa para nos proteger. Olhando de fora, parecia uma muralha, mas o que o tornava uma pessoa tão especial era o seu sorriso largo, o seu coração enorme e a grandeza da sua sabedoria.

Fazia das suas grandes pernas (nem sei mais se eram tão grandes ou se a minha memória registrou essa grandeza pelas suas atitudes) um escorregador em que eu, criança, deslizava. Em outros momentos se tornavam um cavalinho, melhor ainda quando me colocava no colo, cantava “*Galina capon, cresta de gal, cua de cavallo...*”¹⁰ e ao final abria as pernas, fazendo com que eu deslizasse para baixo, mas nunca me deixando chegar ao chão. Suas mãos grandes e ásperas pelo árduo trabalho na lavoura e calejadas pelo cabo dos implementos agrícolas (que na época eram todos manuais) eram sempre cuidadosas e protetoras.

Mesmo não conhecendo a pedagogia da infância, ele dominava perfeitamente a arte de ensinar por meio de interações e brincadeiras, e o pouco tempo que dedicava às brincadeiras era intenso. Geralmente acontecia no período noturno, depois da janta, quando parava para descansar de um dia totalmente atribulado. O tempo era curto, pois logo precisava se recolher

⁹ Tipo de espingarda.

¹⁰ Tradução: “Galinha no capão, cristã de galo, cu de cavalo”.

para o leito, já que o dia seguinte iniciava bem antes do sol raiar e as energias precisavam ser renovadas para dar conta de todos os afazeres.

Nunca me deu aula, nem ensinou usando papel e lápis, mas sempre com exemplos e atitudes. E foram esses ensinamentos que me marcaram. Sabe, este momento também me permitiu refletir sobre o meu encanto pelos números. Eu nunca havia parado para pensar de onde vinha essa habilidade, mas agora consigo perceber que o convívio com o meu avô teve uma grande contribuição.

Como já disse anteriormente, ele era praticamente analfabeto, mas tinha uma grande habilidade com cálculos mentais. E isso me fascinava. Tudo era calculado muito precisa e rapidamente com o único recurso pedagógico de que dispunha, sua mente brilhante. Quando o via dando as respostas numéricas rápidas nas mais inusitadas situações, eu ficava imaginando que o seu cérebro era enorme. Se fosse na atualidade, eu possivelmente imaginaria um computador dos mais modernos, com todos os programas possíveis, dentro da sua cabeça. Sempre dizia: “*Fa-te burbo*”¹¹ para não ser “logrado”¹². Acredito que, pela escassez e pelas circunstâncias vividas na terra-mãe Itália, a desconfiança e a preocupação com o sustento da família foram introjetadas na cultura dessas famílias.

Sempre nos deu o exemplo de que o trabalho enaltece o homem e deve ser realizado com dignidade e prazer, pois é dele que vem o sustento. Toda vez que reclamávamos para fazer algo, ele dizia: “*Pensi di trovare il salame appeso alle piante*”¹³. E quem é desse meio, que viveu na roça, sabe quanto tempo demora-se para criar um porco e quanta comida, cuidados e tempo são precisos até chegar ao dia de poder carneá-lo. Sem contar para fazer os salames: lavar as tripas, moer a carne, fazer misturas químicas

¹¹ “Fica esperto”.

¹² Passado para trás.

¹³ “Vocês acham que os salames dão em árvores”.

com precisão (salitre) para não estragarem, pois precisavam durar até carnear o próximo porco, fazer a fumaça para secá-los, além de pendurá-los na aste de madeira que ficava presa ao teto do porão para serem preservados do ataque de alguns famintos “predadores”, como os gatos. Só depois de todo esse processo é que podiam ser degustados. Nunca parei para calcular o tempo, só sei que é longo.

E nós, crianças, participávamos de tudo isso. Ou seja, pensando no processo do salame, não há conquistas fáceis. Tudo tem seu tempo e exige trabalho com afinco e amor. Aprendíamos desde pequenos a esperar, tolerar e saborear cada pequena conquista, valorizando cada detalhe do processo.

A marca do trabalho sempre esteve registrada na cultura italiana e no fazer diário do meu avô, que dizia que ninguém morria devido ao trabalho, “*Este mia morire par laurare*”¹⁴, pelo contrário, sempre nos dava exemplos de pessoas que trabalhavam muito e tinham bastante idade para a época (mesmo que a expectativa de vida fosse menor que a de hoje). Outro chavão que sempre usava era “*Chi pianta un giorno raccoglie*”¹⁵, reforçando a ideia do trabalho digno e da recompensa pelo esforço, mas no seu devido tempo.

Uma expressão muuuito recorrente em suas falas era “*Par fim que lavore per il governo*”¹⁶, uma referência aos funcionários públicos como pessoas que não trabalham bem, que matam tempo e não têm patrão para obedecer. Hoje sou funcionária pública e em muitas situações me pego pensando sobre essa fala.

Como já referido, ele tinha um coração enorme, um dos princípios que tinha e nos transmitia era o da partilha com os vizinhos, os parentes e os necessitados que se encontravam em dificuldade (mas que tinham vontade de trabalhar), principal-

¹⁴ “Você não vai morrer pelo trabalho”.

¹⁵ “Quem planta, um dia colhe”.

¹⁶ “Até parece que trabalham para o governo”.

mente de alimentos. Dizia “*Cosa che è al sole, mangia chi vuole*”¹⁷, pois o sol nasce para todos, indistintamente. E eram as crianças as encarregadas de fazer as entregas para os vizinhos: de carne fresca, torresmo, alguma fruta que sabia que não tinham, biscoitos. Quantos ensinamentos em uma simples atividade.

Não foram muitos anos de convívio, pois para dar continuidade aos estudos tive que sair de casa e morar com uma tia em outro município. A partir de então, só o via esporadicamente, quando voltava para casa visitar a família. Sim, esporadicamente, pois eu precisava me deslocar sozinha de ônibus com apenas 11 anos de idade. Lembro que meu avô sempre dizia “*qui tem boca vai a Roma*”¹⁸. Foi o que me salvou nos momentos de medo e incertezas: perguntar. Sempre tem uma alma boa para nos orientar.

Tenho a obrigação de repassar os seus conhecimentos para as novas gerações para que se propaguem, e como meus filhos não puderam ter esse convívio, pois meu avô faleceu quando meu primogênito tinha apenas 2 anos, pretendo ser um pouco propagadora dessa sabedoria. São preciosidades muito mais valiosas que qualquer bem material. E quando falo em preciosidades, não estou falando de conhecimento acadêmico, mas de ensinamentos para a vida.



¹⁷ “Coisa que está no sol, come quem quiser”.

¹⁸ “Quem tem boca vai a Roma”.

Sobre caixas, aprendizagens e uma nuvem

... quando a mestra é a avó...

Kariane Vendramin

*Tinhas as mãos enrugadas
e cheias de histórias
A roupa lavada e vem-me à memória
Como me embalavas depois de jantar.
Tinhas o rosto sereno, calmo e sempre vivo
E o meu corpo pequeno, mas tão emotivo
Não te sabe lembrar sem chorar.
Eras da minha alma, da minha casa
Eu era tua costela.
Dormia na tua sala, na tua asa
Quente como a chama de uma vela.
E agora não te tenho, só te lembro
E gosto de te cantar.
Guarda um cantinho da tua nuvem
Para um dia eu lá morar”
(Carolina Deslandes)*

SOU FEITA DE MUITOS SONHOS. Gosto de dizer que costumo guardá-los em uma caixa imaginária que deixo no coração. No coração, porque simbolicamente ele pulsa a vida, movimentando o que nutre o corpo e alimenta a alma. Em uma caixa, para que não permaneçam livres, ao risco de se perder entre tantas outras coisas de meu ser. Vez ou outra abro minha caixa e tiro um de meus sonhos de lá. Analiso as possibilidades e verifico se está no momento torná-lo real ou se devo devolvê-lo à caixa para que aguarde seu tempo.

Ah, o tempo...! Imperioso, inexorável e fugaz. Escorre por nossas mãos tal como a areia da praia passa rapidamente pelos dedos da criança que tenta fazer seu castelo. É possível recolher o que dele se perde, mas não será mais o mesmo. E como recolho meu tempo? Tenho outra caixa que conservo ao lado daquela que guarda meus sonhos: uma caixa de memórias. “Memórias

são a história da vida da gente, com tudo o que acontece desde o dia do nascimento até o dia da morte” (Lobato, 2019, p. 7).

Veza ou outra também abro essa. Gosto de deixá-las juntas para que vibrem em mim, não me permitindo esquecer que uma depende da outra. Quando penso em desistir de algum de meus sonhos, abro a caixa de memórias e verifico por que o coloquei lá. Mas hoje não vou abrir a caixa de sonhos. Vou compartilhar da caixa de memórias nessa escrita desafiadora, que me motiva a pensar em algumas de minhas aprendizagens de infância.

Confesso que toda vez que abro essa caixa e acesso uma parte de mim torna-se impossível percorrer os pensamentos sem lembrar dela. É também inevitável lembrar e deixar que uma lágrima de saudade deslize. Foram tantas coisas que aprendi com minha avó, que escola nenhuma seria capaz de didaticamente deixar marcas tão profundas. Não haveria no mundo professor mais amável, sensível e paciente.

Há quem diga que avós são feitos de açúcar. Ela não era só açúcar. Era doce, sim, mas não derretia tão fácil. Esta foi uma das lições mais bonitas que me ensinou: mesmo que tudo pareça difícil e que você chore escondido, mostrar para aqueles que precisam de você o quanto você é forte e não se deixar abalar com as dificuldades e incertezas da vida pode te tornar alguém confiável, e isso faz de ti um refúgio para aqueles que te amam.

Cresci vendo minha avó acordar cedo, acender o fogão para aquecer a casa e passar o café. O cheiro do café anunciava que era hora de começar mais um dia. Depois do café, cada um tinha seus afazeres. Meus pais saíam cedo para trabalhar na lavoura e eu ficava com ela. Aprendia algumas tarefas domésticas mais simples e auxiliava pela manhã a recolher ovos, alimentar alguns animais, colocar o leite recém-tirado para ferver e arrumar pratos e talheres na mesa para aguardar o almoço. Nas tardes, algumas tarefas se repetiam enquanto outras eram acrescentadas.

Não tive a oportunidade de ir para a pré-escola, porque a escola que frequentei recebia alunos somente a partir da primeira série. Antes mesmo de pegar o primeiro lápis, caderno e borracha nas mãos, aprendi com minha avó a destreza que precisava para manusear esses materiais, realizando atividades simples do cotidiano.

Conceitos matemáticos como empilhar, formar conjuntos, classificar e seriar me eram ensinados quando ela rachava lenha, por exemplo. Nessas ocasiões, minha tarefa era pegar os pedaços de lenha que haviam sido cortados, separar por tamanho formando agrupamentos e depois empilhá-los intercalando-os de quatro em quatro.

Foi assim também que aprendi a fazer quadrados sem traçar linhas retas ou usar réguas para obter medidas exatas. Não precisavam ser quadrados perfeitos, mas era necessário que servissem de base um para o outro a fim de sustentar a torre de pedaços de lenha, que ia crescendo cuidadosamente a cada acréscimo que eu fazia. Sem cursos de engenharia e cálculos matemáticos complexos, era possível estimar por aproximação ou testes até onde a base seria resistente para que as torres não caíssem e o trabalho tivesse que ser refeito.

A tarefa que minha vó me designava não servia apenas para me entreter, considerando que os brinquedos eram poucos e não tínhamos muitas crianças na vizinhança para brincar. O objetivo era secar a lenha para que pudesse queimar com maior eficiência no fogão. Sem livros de ciências na mão, eu percebia, nessa simples tarefa, que as árvores retêm água através de suas raízes, e, quando recém-cortada, sua lenha é chamada de “verde”, porque ainda não está pronta para o uso.

Dentre todas as aprendizagens obtidas a partir de cortar e empilhar lenha, a mais importante delas é que classificação e seriação devem ser feitas apenas com objetos. Minha avó me ensinou que devemos nos reportar com respeito e amorosidade

a todas as pessoas, compreendendo e aceitando suas diferenças e personalidades, mesmo quando nos magoam, porque “quando não parte de você, melhor deixar pra lá”, ela dizia.

Os dias iam passando em um entreter de diferentes afazeres. Lembro que, durante alguns períodos do ano – nos quais a colheita permitia –, minha avó costumava colocar hastes de trigo imersas em água morna para que se tornassem mais flexíveis e pudessem ser moldadas. Com agilidade e precisão, suas habilidades manuais transformavam as hastes em longas tranças de palha.

Eu observava atentamente a prática desse artesanato que resultava na fabricação de alguns chapéus, os quais, com amorosidade, ela entregava aos familiares no intuito de protegê-los do sol ardente da lavoura ou da garoa dos dias mais frios.

Das tranças eram feitas, ainda, algumas cestas ou sacolas que ela usava para carregar seus pertences, especialmente nos finais de semana, quando, depois de frequentar a missa, podíamos ir até a mercearia da comunidade e comprar alguns mantimentos para a semana. Transformar artesanato em amor era uma tarefa que exigia muita habilidade e concentração.

Algumas vezes eu sentava ao seu lado e ensaiava os movimentos que ela habilidosamente fazia com aquelas hastes de palha. Eram sete ou cinco hastes que se cruzavam entre si, alternadamente. Eu não tinha tamanha destreza, mas observava que com a pressão correta sobre o material o resultado ficava uniforme. Também era mágico quando podíamos comprar tinta Guarani e tingir algumas hastes para fazer desenhos geométricos combinados nas cestas ou detalhes nos chapéus das crianças.

No final da tarde, era costume aquecer uma panela com água e colocar em um recipiente que se assemelhava a um balde com uma espécie de chuveiro fixado e em anexo uma torneira. Enchia-se aquele recipiente de metal com a água quente e era possível controlar a vazão de água suficiente para molhar e enxa-

guar o corpo no banho. Usando desse recurso, aprendi que não devemos desperdiçar água e também a controlar o tempo em relação ao recurso.

Banho tomado, jantar na mesa. A família se reunia em volta do fogão. Meus pais, cansados do trabalho na lavoura, costumavam dormir cedo, mas ainda havia tempo para mais. Lembro que minha mãe trazia um cesto com algumas espigas de milho. Minha avó ajudava a cortar as palhas que as envolviam. As espigas retornavam com os grãos para serem moídas e servidas aos animais. Os sabugos eram usados para acender o fogo. Mas as palhas do milho se transformavam em mais uma fonte de renda para a família.

Separadas da espiga, eram classificadas conforme sua cor e textura. Depois, mergulhadas em água, rasgadas e dobradas uma a uma, formando pequenos montes de 25 unidades cada. Eu não sabia contar ainda até 25, então dobrava as palhas em montes que se aproximavam do tamanho dos da minha mãe e da minha avó e lhes entregava para que fizessem a contagem.

Assim, ciência, arte, matemática e linguagem eram aprendidas com atividades simples do cotidiano familiar.

Quando o cansaço não nos permitia mais continuar, era hora de se recolher e organizar o espaço para descansar. Eu costumava dormir no quarto dos meus avós, em uma cama de madeira pequena feita artesanalmente pelo meu pai. Ele nunca foi carpinteiro, mas tinha habilidades suficientes para fabricar alguns móveis e objetos de uso doméstico.

Depois de deitar ao lado dela, a tarefa era disputar quem iria apagar a vela primeiro. Um, dois, três e já... Eu sempre ganhava! Na verdade, tempos depois, entendi que ela sempre me deixava ganhar. Era o seu jeito de me dizer que eu não precisava ter medo do escuro. Vela apagada, silêncio no quarto escuro. Ela estendia a mão alcançando a minha, segurava firme e convidava para uma oração. Escola nenhuma seria capaz de ensinar uma

criança a lidar com o medo do escuro com tamanha eficiência como ela fazia.

Não tínhamos televisão, internet ou energia elétrica. Depois de algumas idas até a cidade de Nova Prata, com muita insistência e algumas bolhas nos pés resultantes de longas caminhadas, minha mãe conseguiu solicitar que ligassem a energia. A casa ficava na zona rural, no interior do município de Nova Araçá, tornando o acesso mais difícil para alguns recursos, mas desistir não era uma opção.

Finalmente a luz elétrica havia chegado. Agora não era mais preciso ter medo do escuro. Mas a mão dela continuava junto da minha e a oração era um momento muito importante para ser desfeito por conta desse avanço. Nessa hora, sem que eu me desse conta, estava aprendendo sobre gratidão. Ter pouco e ainda assim saber ser grato por isso é uma virtude das mais elevadas.

Com a instalação da energia se abriam também novas possibilidades. Aos poucos a casa foi recebendo alguns eletrodomésticos e um televisor. Com imagens em preto e branco e apenas um ou dois canais de TV aberta disponíveis, minha mãe recomendava que era permitido assistir apenas uma hora por dia. Eu havia começado a rotina escolar e a televisão não deveria atrapalhar as aprendizagens. Minha avó concordava e monitorava o tempo, incentivando e priorizando sempre os estudos.

Aliás, depois que comecei a frequentar a escola, também precisei aprender a dividir o espaço e a atenção dos familiares com o meu irmão recém-nascido. O ambiente foi se modificando, mas o hábito de estudar era mantido com zelo e dedicação.

E a fugacidade do tempo, que nos faz crescer rapidamente, fez com que meus pais partissem em busca de novas oportunidades, deixando a casinha de madeira amarela com aberturas marrons e a horta com alguns legumes, verduras e uns poucos animais para trás. Era tempo de lançar-se a um novo futuro e deixar a vida rural. Meus avós ficaram. Aquele era o seu lar. Ela

sempre teve muito amor por sua “tapera” – era assim que chamava seu lar, por conta do relevo acidentado na volta da casa.

Continuei meus estudos, comecei a trabalhar e me formei em Pedagogia. No dia da minha formatura ela estava lá, orgulhosa, porque sabia que era também responsável por aquele momento. Me abraçou com força e disse “nunca imaginei que você pudesse me dar um presente desses”.

Eu a perdi um tempo depois. Faz parte do ciclo da vida. Ainda abro minha caixa de memórias e sei que ela vai sempre estar lá, torcendo por mim. Talvez seja por isso também que essa caixa esteja guardada no coração. Há os que dizem que os sentimentos mais bonitos estão lá.

Algumas vezes me pego pensando em como seria se ela ainda estivesse aqui, o que mais eu poderia ter aprendido com ela e o quanto estaria orgulhosa com cada pequeno passo que dei. A caminhada continua e sou imensamente grata por tudo que vivi. Momentos bons ensinam, os difíceis ainda mais, e alguns são eternos. Vó, “guarda um cantinho da tua nuvem, para um dia eu lá morar” (Deslandes, 2018).

Referências

DESLANDES, Carolina. Nuvem. In: DESLANDES, Carolina. *Casa*. Portugal: Universal Music Portugal, 2018. Faixa 10. Vinil, LP, Album, Stereo.

LOBATO, Monteiro. *Memórias da Emília*. Jandira: Ciranda Cultural, 2019.



Memórias de aprendizagens: mulheres que ensinaram a ser mulher

... quando as mestras são as mulheres da família...

Marlí de Conto

VOU CONTAR PARA VOCÊS SOBRE ALGUMAS MULHERES – seis, para ser mais precisa – que viveram em gerações diferentes. Nem todas se conheceram, mas a força que todas têm se entrelaçassem as mãos poderia mover os seus mundos!

Começo apresentando as personagens destas memórias. A mais velha, nascida no século passado, década de 1920, aqui chamaremos de “avó”; a “mãe”, nascida também no século XX, década de 1950, é da mesma década que as tias, que chamaremos de “irmã da mãe” e “irmã do pai”; esta que escreve, nascida na década de 1980, vou denominar “pesquisadora”; e a “filha da pesquisadora”, nasceu neste século XXI. Quatro gerações: heranças permeadas na coragem, na força e na determinação.

Começo estas lembranças voltando no tempo e chego na metade dos anos 90, em uma cidade do interior da Serra Gaúcha. A casa de tijolos revestida com concreto e porão de pedras situava-se na área rural, ao lado de um riacho. Era calor. Para sentirem-se mais confortáveis, elas foram trançar couro para fazer sapatos no porão da casa. Elas gostavam de estar próximas, e aquelas tranças rendiam um valor, o qual não estava apenas no dinheiro que recebiam, mas nas conversas e nas aprendizagens ali tecidas.

A guria, agora Pesquisadora, com seus 16 anos e a senhora, a avó dela, com 70 e tantos anos, mas não a imagine com cabelos brancos. Não! Ela não. Quinzenalmente o pedido para a neta era: me compra um tonalizante e pinte meu cabelo. E quando as mechas lhe caíam nos olhos era a hora de fazer permanente, que o falecido esposo tanto gostava.

As aprendizagens iniciavam em como trançar o couro, que a avó aprendera há muito tempo, trançando palha para confeccionar chapéus e *sportas*¹⁹. Ah, e como ela era detalhista – os chapéus e as *sportas* costurados muito bem, e as tranças para os sapatos tinham que estar com as laçadas perfeitas. “Imagina se alguém vai querer usar um sapato com a trança frouxa em um pé e no outro mais apertada!”, dizia ela. E se não estava como ela queria a neta desmanchava e refazia até atingir a perfeição, ou quase.

Tudo tinha que estar do melhor jeito para a avó trabalhar: a pedra que segurava a trança a ser tecida, pesada o suficiente para segurar e puxar, porém nem tanto para que pudesse ser erguida – mas sempre pedia ajuda para a sua aprendiz; a almofada no assento da cadeira, bem-posicionada; o copo com água fresca e seu cubo de gelo.

Ali, em meio às tranças, acontecia as conversas e aprendizagens mais potentes: a de uma mulher que nascera no início do século passado, casou-se nova, pois não queria ser a “mais velha a casar”, teve seus 12 filhos em casa com parteira e cochichava com as vizinhas para tentar descobrir um método para não engravidar ao se deitar com o marido, de um lado, e a neta, ouvindo tudo encantada e imaginando se com ela seria assim, de outro.

Algum tempo depois descia a tia e a mãe com pedaços de bolo ainda quente, de comer com os olhos: cheiroso e apetitoso.

E as três, ali, trançavam e conversavam. Na época da mãe já existiam os métodos contraceptivos, porém no início vinha a reprovação por parte da igreja e da sociedade. A primeira não permitia que a mulher que usasse tais métodos comungasse na missa, como se fosse uma pecadora, uma herege, e a sociedade apontava dizendo: “*Varde, quela li, a tosa de quel lá dosso, que gha pena maridar-se, no gha fiol incoro*”²⁰.

¹⁹ Bolsa feita de tranças de palha.

²⁰ Tradução do dialeto italiano: “Olha, aquela ali, a filha daquele lá embaixo, que recém se casou, ainda não tem filho”.

Aquela avó dizia à sua neta que esperava que no tempo dela fosse possível escolher, ser diferente. Poder se deitar com o marido porque gostava dele e não ficar com medo de engravidar novamente. “Claro que um filho é bem-vindo”, dizia ela, “mas não precisava tantos”.

A mãe, mulher de pouco estudo, mas com sabedoria de ultrapassar gerações, aprendendo com as mudanças dos tempos, sempre trabalhou na roça, plantando, colhendo e carpindo. Suas paixões: culinária, seus filhos e suas netas. Com uma devoção inigualável ao marido, começou a sua independência financeira após o falecimento dele, pois era quem administrava a casa e a propriedade. É isso que aprendeu com os seus pais: ser boa esposa e acompanhar o marido. Ensinou com muito zelo seus filhos sobre o amor e a força.

Ah, os sonhos interrompidos e projetados aos descendentes ou familiares, e como existem! Meu avô materno, com sua rígida criação aos filhos, acreditava que apenas os filhos homens poderiam ter acesso a uma educação formal, estudando em uma faculdade, até com a possibilidade de residir em outro município, sendo a capital melhor ainda, pois mais “bem-estudado” estariam. Porém as mulheres deveriam “*Rimanere a casa per prendersi cura dei fratelli più piccolo*”²¹ e aguardar o bom casamento. Estudar? Morar em outro município? Depois de casadas, se os maridos assim permitissem.

Assim, a irmã da mãe, filha mulher mais velha, sonhava em ser professora. E nem precisaria ir tão longe para realizar essa formação, já que na época existia o curso de Magistério na cidade e ela poderia estar em casa no final do dia para ajudar nos afazeres, mas não teve aprovação do pai. Então ficou em casa, reprimindo seu sonho. Anos após, a pesquisadora, filha da irmã, forma-se professora e vai trabalhar em uma escola próxima à casa dessa tia, que entra em contato com a irmã e solicita que a sobrinha a visitasse quando fosse até a escola, pois precisa vê-la.

²¹ Tradução do italiano: “Ficar em casa cuidando dos irmãos menores”.

A pesquisadora faz isso, claro, e ao chegar à casa da tia esta surge na janela do quarto, já velhinha, com seus cabelos brancos e olhos expressivos demonstrando orgulho, e diz: “Obrigada por você não desistir dos seus sonhos! A época é outra”.

Carrego em minhas vivências uma esperança de que as mulheres tenham seus direitos, que lhes seja possível escolher por si mesmas seus destinos e que os aprendizados que lhes sejam proporcionados venham para fortalecê-las.

A irmã do pai saiu nova da casa em que nascera junto de sua família. Do interior, moça simples, bonita, mas que queria ganhar o mundo, foi trabalhar como doméstica na casa canônica da cidade, limpando, lavando e cozinhando para os padres do município. Autorizada pelos pais, porque na época os padres eram os mais certos e justos, trazia orgulho para a família.

Ela aprendeu bordado e com o seu dinheiro comprou as máquinas para bordar. Queria desenhar, costurar e bordar vestidos de noiva, confeccionar lençóis. E fez. Comprou seu Corcel verde água e, nas horas vagas, saía com seus bordados para vender pela cidade, mas voltava para preparar a janta e ajudar na missa, pois era a empregada do padre.

E eu a via como à frente do seu tempo – quando poucas mulheres dirigiam na cidade, ia ela com o seu carro. Fazia cursos e vendia seus artesanatos, sem deixar seu trabalho. Não se importando com as opiniões dos outros, ainda mais quando pegava sua bolsa e sua cama desmontável e ia a excursões para a praia. Ela era feliz. “Ela é minha tia”, eu dizia. E as receitas... quando ia à canônica, pois o padre gostava de jogar canastra com os meus pais, ela preparava bolos e sobremesas deliciosas, mas não jogava. Ficávamos conversando. Chamava-me para o seu quarto, onde tinha suas máquinas e seus bordados, e a cada gaveta que abria contava o que estava fazendo, qual cor iria combinar. Sempre aquele sorriso, aquela empolgação, aquele amor e aquele brilho que nunca se apagavam.

Certo dia, chegou na casa dos meus pais com alguns móveis, cadeiras, mesa, roupeiro, pedindo para deixar ali guardado por um tempo. “Quando eu e o padre formos para a casa, tiramos tudo”, disse. “Para a casa, tia? Mas ele é padre, padre não tem outra casa”, aponteí.

E aquele sorriso que encantava, aquela empolgação, amor e brilho, se apagou numa manhã, em cuja noite anterior tínhamos conversado por horas, mas não no quarto dos bordados, em outro quarto à meia luz, eu sentada em uma cama e ela deitada em outra, definhando. Ela se apagou. Seus sonhos, seus bordados... A mulher que amava ir para a praia se foi após nove meses com a esperança de uma cirurgia que reparasse os danos causados pela soda cáustica ingerida. Uns disseram que, se iria ter um filho, que assumisse, outros cochichavam que era uma pecaminosa. Mas eu digo que ela é minha tia, e se tem alguém que me ensinou a viver à frente do tempo e não se importar com a opinião alheia foi ela. Será que aprendi, tia?

A pesquisadora, esta que escreve e sucede tantas mulheres batalhadoras, é a primeira da família de pai e mãe a cursar um Mestrado e se desafiar na pesquisa. E o faço sem deixar as 44 horas de trabalho em duas escolas e a faxina da casa, também não dependendo (ainda) de remédio controlado, porém falta completar os dois litros de água por dia! Essa coragem e inquietações herdo delas, e querer me desafiar não é para “se mostrar” ou ser vista, é para, e sem querer explicar-me, continuar a ser forte, ser capaz, ser *foda*. Ou tentar.

Atualmente vai se tecendo outra geração: a filha da pesquisadora. A menina que mais fica na casa dos avós, porque a mãe precisa trabalhar, que às vezes chama a mãe e a resposta é: “Espera, filha, estou estudando, me deixe terminar esta ideia”. Aquela que ouve as histórias de suas ancestrais, cultiva a força e o amor que vieram delas, mas pensa em adotar filhos, pois sofre ao ver crianças sendo abandonadas – e também não imagina sofrer as dores do parto, muito menos cortar a barriga! A garota

que desde pequena já tem sua opinião sobre vários assuntos, e ai de deixá-la de fora das decisões da família. Estuda, sim, e muito, mas não pensa em ser professora, quer ser modelo e viajar o mundo, aprender vários idiomas e conhecer países. Quer trabalhar para ser independente, dona do seu próprio destino.

Ser mulher. Estudar, trabalhar fora e decidir quantos filhos deseja ter ou não ter. Mulheres de diferentes gerações, em épocas distintas, que eram reprimidas pela família, pela sociedade, pela igreja. Que não queriam ter tantos filhos, ou que gostariam de estudar, poder escolher o seu futuro. Ter a possibilidade de trabalho, de construir uma carreira, na área que se sentisse bem.

Aqui, eu poderia, sim, relatar memórias de professores incríveis que fizeram parte da minha escolarização: aquela que ensinou tão bem a letra do hino nacional que quando ouço ou canto lembro dela, e anos depois tive e felicidade de ter a sua neta como minha aluna; eu buscava na rodoviária a professora, ela almoçava na casa dos meus pais e após íamos a pé até a escola, conversando sobre o meu estágio; o meu pai, que riscando a pedra com um cascalho me ensinava contas de matemática; e tantos outros que foram maravilhosos.

Mas certamente não teria o mesmo impacto na escrita como essas mulheres que proporcionaram forças e aprendizagens para a minha vida que elas jamais imaginariam. Essas memórias serão, para todo o viver, impulso para valer a pena ser mulher, seja qual for a época ou o governo atuante, patriarcado ou não. Ser mulher é travar batalhas desde quando se nasce, pois há sociedades que espera apenas meninos. É ser o “sexo frágil”, aquela que “não tem forças para erguer uma caixa”. É trabalhar por mais horas do seu horário de trabalho e chegar em casa e limpar, cozinhar, cuidar de filhos doentes, ajudar no tema. E ainda estudar, escrever. Ser mulher não é fraqueza. Ser mulher é ser desafiada a ser sempre melhor, mesmo que não seja reconhecida por isso. Pensei em muitas aprendizagens vividas, mas, sem dúvida, sobressaltam essas memórias de mulheres com as quais aprendi a ser mulher!



O berço familiar como primeira escola

... quando as mestras são a mãe e a irmã...

Patrícia Marchesini

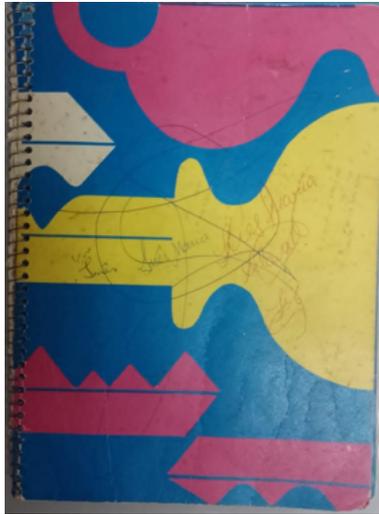
QUANDO NOS REMETEMOS À PALAVRA “APRENDER”, na maioria das vezes ela é interpretada com relação à escola. Entretanto não há limites para quem quer algo novo e significativo, mesmo que for fora do ambiente escolar. Ao longo da nossa existência, deparamo-nos com aprendizagens adquiridas no lar ou ao ar livre e ao lado de pessoas especiais, da família.

Abrem-se horizontes para a curiosidade e o conhecimento estando em meio a familiares que estão a todo momento nos inspirando, ensinando e mostrando algo que somente ali e naquele momento é possível aprender. Além do mais, interpreta-se que nossos familiares têm o objetivo de apresentar-nos o mundo por meio de sua cultura e costumes para que no futuro sejamos pessoas independentes.

Minha mãe, sempre muito envolvida com a casa e as filhas, tem em seus cadernos amarelados as receitas “mágicas” de diversos tipos de biscoitos, sobremesas e até sabão caseiro. Os ingredientes minuciosos e o modo de preparo preenchem as linhas daqueles cadernos simples e de super valia. Sua caligrafia, impossível de não se reconhecer, registra o que não é permitido esquecer ou perder. Talvez fosse pela sua profissão de professora que tinha a mania de registrar tudo, mas na época em que iniciou as escritas esse era o único lugar possível para pesquisar algo inovador para se preparar.

Dona Ines, minha mãe, iniciou seu caderno de receitas em 1978, conforme a foto que segue. Observa-se um caderno simples, com capa mole, mas bem-cuidado apesar dos anos de uso.

Figura 1 – Capa do caderno de receitas da mãe.

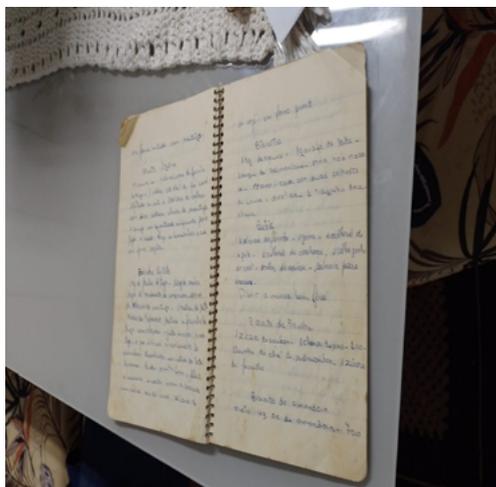


Fonte: acervo da autora.

Como diz o ditado “não julgue o livro pela capa”, ao folhear o caderno de receitas é possível encontrar dezenas de receitas, conforme um dos registros que segue.

De acordo com os relatos da minha mãe, as receitas eram conseguidas/trocadas por um grupo de mulheres que se reuniam uma vez por mês no salão da comunidade. Esse grupo se chamava “Grupo do Lar”. A cada encontro uma integrante do grupo era responsável por conseguir uma receita para passar às demais.

Figura 2 – Interior do caderno de receitas da mãe.



Fonte: acervo da autora.

As receitas eram resultantes de conversas com as avós, pessoas mais experientes da comunidade. Também advinham da Emater (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural), da qual vinha um representante que trazia algo novo e repassava às participantes do grupo. O lado positivo de conseguir receitas assim, conversando com as pessoas, era que já havia se confirmado que fazendo daquela maneira e com aqueles ingredientes citados o resultado dava certo.

Conforme o ditado de que “a fruta não vai longe do pé”, minha irmã mais velha tinha o mesmo costume de minha mãe ao registrar suas receitas em cadernos de linhas. Na época em que éramos crianças, era a maneira de guardar as receitas e pesquisar quando tivéssemos vontade. Não era somente para isso que serviam as escritas, mas também para repassar a alguma amiga, vizinha, parente. Dessa forma, uma receita boa e que dava certo era compartilhada entre as pessoas. Nos dias de hoje, ambas sabem fazer diversas receitas sem olhar nos escritos, visto que a experiência e a repetição levaram a essa memória.

Conforme fui crescendo, essa ação da minha mãe foi me marcando e eu queria aprender a fazer o que ela já sabia. Não bastava a minha mãe, eu me espelhava na minha irmã e na sua perfeita organização com seus cadernos de receitas. Elas sabem, até hoje, elaborar deliciosas receitas sem olhar seus registros.

Nos dias atuais, agradeço imensamente a elas pelos incentivos e todos os ensinamentos, principalmente no que diz respeito à preparação de receitas das mais sofisticadas até as mais simples, como fazer arroz. Não tem sabor melhor do que aprender esse tipo de conhecimento com quem amamos e que nos quer bem.

Percebo a diferença e a importância que isso faz em minha vida, visto que não poderia ter tido professoras melhores do que minha mãe e minha irmã que, com toda paciência e sabedoria, ensinaram-me o básico e o essencial.



Uma história entrelaçada: era uma vez a minha mãe!

... quando a professora é a mãe...

Paula Marchesini

FALAR EM APRENDIZAGEM FORA DO ESPAÇO institucionalizado que chamamos de escola logo me remete à casa em que fui criada na infância. Ao falar em professor da vida, ou seja, alguém que me ensinou, ou melhor, que me conduziu à aquisição de uma habilidade, não consigo pensar em outra pessoa a não ser a minha mãe!

O interessante é que ela marcou presença muito forte em minha vida, tanto pelo seu papel de mãe, exercido com louvor, quanto pelo papel de professora, da qual fui aluna da primeira até a quinta série do ensino fundamental. Como nesta escrita falarei de aprendizagem sem considerar a instituição escolar como espaço formal de aprendizagem, tratarei de discorrer a respeito das aprendizagens que minha mãe me proporcionou.

Foi com ela que aprendi a cuidar da casa e da roupa, fazer comida, ser responsável, honesta e justa, lutar pelos meus sonhos e nunca desistir. Foi nela que me inspirei para tornar-me professora, pois, com sua amorosidade e seu talento em ensinar, encantei-me pela profissão. Enfim, minha mãe é responsável pela pessoa que me tornei, tanto no lado pessoal como no profissional.

Nesta escrita quero destacar uma das coisas que aprendi com minha mãe: a arte do crochê e do tricô. As minhas mais antigas memórias, as mais antigas de que consigo me lembrar, me remetem à minha mãe lidando com linhas e agulhas confeccionando peças de roupas em crochê e tricô e peças para ornamentação da casa em crochê.

Muitas das peças de roupas que vesti na infância foram confeccionadas pela minha mãe em tricô ou crochê. Uma das peças

de que mais tenho lembrança é um xale confeccionado com lã amarela em tricô. Essa peça me marcou porque usei-a por muito tempo.

Lembro-me de que quando íamos fazer “filó” nas casas de parentes ou vizinhos o xale era meu companheiro para suportar as noites frias, o sono que chegava antes da hora de ir embora e o ar gélido que penetrava dentro do carro, já que, 30 anos atrás, poucos eram os veículos automotores que possuíam sistema de calefação.

Figura 1 – O xale amarelo confeccionado em tricô por minha mãe.



Fonte: acervo da autora.

Vendo minha mãe confeccionar tantas peças com linhas e agulhas, obviamente me interessei em aprender. Primeiramente eu quis aprender a fazer tricô. Lembro-me até hoje do par de agulhas verdes e da lã azul-clara, assim como das minhas tentativas frustradas de fazer as tramas com linha e agulhas para tentar confeccionar um pequeno retalho em tricô. Em minhas primeiras tentativas, eu não conseguia puxar, ou melhor, não havia entendido o processo de passar a linha por dentro do ponto, então o que eu fazia era um emaranhado de pontos e nós, já que pegava o ponto e depois improvisava uns giros com a linha na

agulha. Então lá ia minha mãe desmanchar e tentar ensinar-me outra vez.

Quando peguei o jeito, consegui fazer um pequeno cachecol, mas sonhando em um dia conseguir confeccionar peças de roupa em tricô igual as que minha mãe fazia. Não havia uma pessoa na casa que não tivesse uma peça confeccionada por ela, geralmente blusas, mas ela também confeccionava xales, polainas, cachecóis e meias, peças muito quentinhas para passar o inverno.

Depois desse pequeno cachecol que consegui fazer sozinha, resolvi me dedicar a aprender a fazer crochê, também interessada pelo exemplo de minha mãe. Quando aprendi, confeccionei uma peça de roupa para que eu mesma pudesse vestir: um top azul-claro, com alças e botões para vestir.

Morávamos no interior, recordo-me de que as comunidades rurais eram assistidas pela Emater (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural), assim como ainda são assistidas nos dias atuais, porém não tenho mais o contato que eu tinha antes na infância, já que nos mudamos para a cidade na minha adolescência. Um dos serviços prestados pela Emater referente à extensão rural era a oferta de cursos de culinária, costura, diferentes tipos de artesanato para confecção de roupas e acessórios de vestimenta, entre outros, para as mulheres residentes na zona rural.

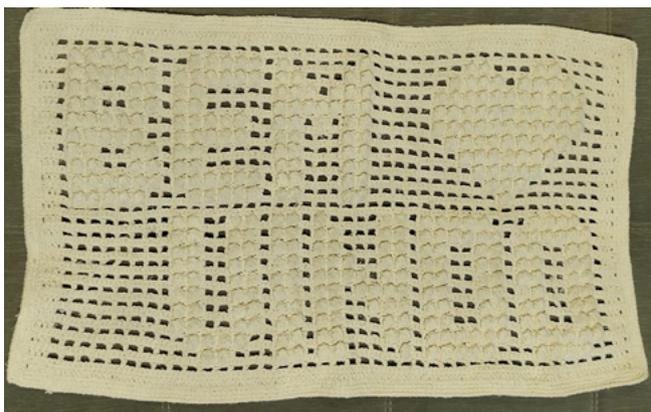
Nesses cursos as crianças costumavam acompanhar suas mães, e comigo não era diferente. Eu me escalava para participar, não somente para acompanhar a mãe, mas também por ser curiosa em aprender algo novo. Lembro-me de que, em um desses cursos em que a extensionista da Emater estava ensinando as mulheres do meio rural a confeccionarem bolsas, nécessaires, estojos e malas de viagem, minha mãe levou meu top azul confeccionado por mim em crochê para, de certa forma, se exibir

com a habilidade da filha que nem havia entrado na adolescência e já confeccionava peças em crochê.

Dentre tantos ensinamentos importantes de minha mãe para que eu me tornasse a adulta que sou hoje, tenho orgulho em dizer que herdei essa habilidade dela. Não produzo tantas peças como ela já produziu e continua produzindo, principalmente em crochê, mas, sempre que consigo um tempo livre, gosto de me dedicar a essa arte.

Das peças que já confeccionei em crochê, depois da minha primeira obra, o top azul-claro, fiz bicos em toalhas de louça, uma bolsa transversal que muito usei e alguns tapetes, que hoje uso para ornamentação da minha casa. A última peça que confeccionei foi um tapete com a escrita “bem-vindo” em ponto pipoca. Os pontos em crochê que aprendi a nomear com minha mãe são o ponto corrente e o ponto palito. O ponto pipoca envolve uma mistura, ou melhor, uma trama desses dois pontos de forma que o trabalho fique em alto relevo.

Figura 2: Tapete com a escrita “bem-vindo” confeccionado por mim em ponto pipoca.



Fonte: acervo da autora.

Diferentemente do crochê, cuja arte é utilizada tanto para confeccionar peças de roupa quanto objetos de decoração, o tri-

cô geralmente é utilizado na confecção de vestimentas. Embora a arte do crochê também se aplique na confecção de objetos de decoração, minha mãe e eu nos dedicamos apenas à confecção de peças de roupa.

Sempre considerei fácil fazer os pontos em tricô, que, ao contrário do crochê, que utiliza linha e uma agulha em forma de gancho, é produzido com duas agulhas. Apesar de considerar fácil tecer os pontos, difícil mesmo é produzir uma peça de roupa, tendo que calcular desde o início o número de pontos que serão utilizados considerando o tamanho da peça que se quer produzir. No caso de uma blusa, a parte da frente, a parte de trás, as mangas e a gola são confeccionadas separadamente. No final ainda é necessário costurar as peças para juntá-las e dar formato à peça de roupa.

Dessa forma, mesmo sabendo fazer os pontos, quando criança e adolescente produzi apenas polainas e pequenos cachecóis, mas sempre fiz uso das peças, principalmente blusas de lã, produzidas por minha mãe. São peças ideais para encarar o frio aqui do Sul, graças à propriedade da lã de atuar como um isolante térmico.

Depois de completar 20 anos, lancei-me o desafio de tentar, mesmo sem ter certeza se eu chegaria ao final, de copiar um modelo de outra blusa que adquiri sob encomenda. Comprei as linhas na cor vermelha e um par de agulhas novas e comecei pela parte da frente, que considero a mais difícil, já que ela possui um trabalho diferenciado nos pontos que formam uma trança. Examinando cuidadosamente a forma em que esse trabalho foi realizado na peça que usei de modelo, consegui confeccionar a minha, porém o trabalho da trança não ficou como o esperado. Considerando o tempo necessário para fazer uma peça em crochê, resolvi seguir com ela sem desmanchá-la.

Não contente por não ter atingido meu objetivo, no inverno seguinte comprei novelos de lã na cor lilás e desafiei-me

novamente. Eis que, nessa segunda tentativa, o trabalho teve o resultado esperado.

Figura 3 – Blusa de lã confeccionada por mim em tricô.



Fonte: acervo da autora.

Antigamente, as artes do crochê e do tricô eram muito mais transmitidas de geração a geração, de forma oral, geralmente, pelo que pude observar, uma pessoa que já dominava a arte ensinava-a a outras pessoas, de forma individual ou em pequenos grupos organizados em oficinas. Além disso, lembro-me de que as mulheres, em sua maioria, compartilhavam amostras de crochê ou tricô entre si, ou compravam revistas que traziam alguma novidade ou outro modelo. Hoje em dia, tendo conhecimento dos pontos básicos e com a facilidade da internet, é possível desafiar-se a confeccionar inúmeras peças de diferentes modelos, sejam roupas ou peças para ornamentação da casa. Esse último trabalho que confeccionei em crochê foi possível em razão de um vídeo com o passo a passo, carreira por carreira, que assisti via plataforma *YouTube*.

Apesar das facilidades de acesso aos diferentes modelos que podem ser confeccionados em tricô ou crochê, inclusive vídeos com tutoriais para iniciantes aprenderem a fazer esse artesanato, me sinto privilegiada por ter aprendido com minha mãe. O carinho envolvido nesse processo e o orgulho da ensinante, ou seja, da minha mãe, ao ver os progressos da aprendiz, neste caso, eu, só foram e são possíveis estando juntas, compartilhando os erros e os acertos.

Nos meus primeiros pontos em tricô eu não conseguia puxar a linha através do ponto, apenas passava o ponto de uma agulha para outra e fazia um emaranhado de linha “simulando” uma laçada. Os erros fazem parte do processo e a forma como são tratados pelo ensinante reflete nos próximos passos dados pelo aprendiz: ou se frustra e se sente incapaz ou tenta mais e mais vezes, esforçando-se para atingir o objetivo final, a aprendizagem e o desenvolvimento de uma habilidade. A amorosidade e o carinho estiveram envolvidos nesse processo do qual participamos eu e minha mãe, ela na condição de ensinante e eu na de aprendiz.

Voltando à questão do xale amarelo, esta escrita me fez questionar minha mãe sobre seu paradeiro. E não é que ele tem sobrevivido em meio a mudanças, doações e tempo? Então, em uma linda manhã de domingo – pelo momento, não pelo clima, já que o céu estava cinzento –, minha mãe chega à minha casa trazendo, intacto, meu xale amarelo. Como sou durona no quesito “expressão de sentimentos”, me contive por fora, mas, por dentro, lágrimas brotaram. Ao final do dia, essas lágrimas rolaram pelo meu rosto enquanto eu finalizava esta escrita, com a visão embaçada provocada pelo choro. Um choro de lembranças felizes.

Muito mais do que uma trama de fios, as peças que são produzidas com artesanato carregam sentimentos e momentos da vida de quem os confeccionou. E quanto sentimento tem depo-

sitado nesse xale, já que minha mãe confeccionou para mim, sua primeira filha, que tinha pouco mais de um ano de vida.

Enquanto teço os fios, seja no crochê, seja no tricô, entrelaço memórias, momentos e sentimentos que ficam armazenados nas peças produzidas e carregam um valor sentimental pela forma e pelo momento em que foram produzidos, assim como o xale amarelo, que, muito mais do que uma simples vestimenta, carrega o amor e o carinho de uma mãe que o produziu em um momento muito especial de sua vida: a chegada da primeira filha. O xale amarelo que carrega o amor mais puro, verdadeiro e incondicional que pode existir!



A (des)educação se dá com o exemplo...

... quando os mestres são os familiares...

Priscila Ghellere

AO SENTAR PARA ESCREVER SOBRE MIM, retornei à infância, possibilitando-me olhar para a criança que habita o meu íntimo. Hoje meu olhar é de carinho, amor e ternura para com ela. Logo passou um filme na minha cabeça. Precisei me concentrar para fragmentar meu percurso. Muitas foram as memórias carregadas de afetos e, conseqüentemente, sentimentos... As memórias afetivas são muitas, mas comprometo-me a narrar o que evidenciou essa parte do meu caminho.

Minha história se inicia no começo dos anos 90 do século passado. Mais precisamente em 24 de dezembro de 1992, quando nasci. Cheguei numa madrugada enluarada que antecedia o Natal. Minha mãe e eu fomos para casa no dia 25 de dezembro. Quando chegamos, fomos recebidas pelo meu pai e meus irmãos. Sim, sou a filha mais nova entre quatro irmãos e a única mulher também. Meu irmão mais velho, Marcos, e eu, temos 20 anos de diferença de idade. Fui a “Raspa do tacho”, diria meu pai.

Assim como a maioria das crianças daquela época, brinquei na rua, andei de bicicleta, joguei taco, cuidei das minhas bonecas e me sujei muito de barro. Vivi uma infância plena, com muito faz de conta e “esconde-esconde”, sem contar as frequentes visitas à casa da vó Ermide. Porém, desde criança, aprendi que nem tudo são flores... Quando eu tinha apenas 4 anos, meu pai, que até então era caminhoneiro e passava a maior parte do tempo viajando, adoeceu. Foram anos apreensivos para a nossa família, pois a doença do meu pai era rara e afetava lentamente o sistema nervoso, sendo descoberta dois anos após os primeiros indícios.

Com isso, foram necessárias algumas mudanças na minha rotina, que até então se resumia em brincar, escovar os dentes e dormir, porque minha mãe era quem me cuidava e passava

a maior parte do tempo comigo, em função de não trabalhar fora. Tinha nela o meu porto seguro. Com a piora do quadro do meu pai, passei a frequentar a casa de diferentes parentes, especialmente da minha avó materna, no tempo em que meus pais ficavam fora da cidade em busca de respostas para a doença dele. As viagens se faziam necessárias, porque sempre moramos em Nova Prata, localizada no interior do Rio Grande do Sul, onde não havia muitos recursos na época. Lembro que eu chorava muito, sentia muita falta, especialmente da minha mãe, pois tínhamos um vínculo afetivo bem forte.

Foi nessa fase que encontrei nos livros de literatura infantil certo conforto. Recordo-me de que ganhei uma maletinha de livros de uma tia que era professora. Quando eu precisava passar alguns dias fora de casa, carregava-os comigo, como se eles fossem me deixar mais próxima da minha mãe, pois era ela que contava as histórias para mim. Eis meu primeiro aprendizado extraescolar (o qual só pude perceber e entender quando adulta): “As dificuldades nos tornam mais fortes”. Nesse período meus pais foram meus mestres e me incentivaram a ser forte e corajosa.

Passados dois anos, meu pai já havia perdido grande parte da sua coordenação motora, do movimento coordenado das suas pernas e, com o isso, do seu equilíbrio. Então precisamos nos mudar para outra casa, com maior acessibilidade para ele. Foi aí que nos mudamos para outro bairro de Nova Prata e precisei trocar de escola e refazer minhas amizades.

Recordo que eu gostava muito de estudar e ler, porém não gostava de falar sobre minha família na escola, pois naquela época eu tinha vergonha de ter pais mais velhos do que os dos meus colegas e, além de tudo, um pai que não caminhava. Hoje vejo o quanto eu estava sendo injusta, mas com apenas 7 anos de idade eu não tinha o discernimento para compreender os acontecimentos. Eis que mais uma vez meus pais foram mestres em me mostrar que “não podemos nos comparar aos outros, pois

todos somos diferentes e é exatamente isso que nos torna únicos e especiais”.

Quando eu tinha mais ou menos 13 anos de idade, houve outro acontecimento marcante que me fez, mais uma vez, aprender a lidar com as dificuldades e os abalos na minha família. Talvez seja esse o maior ensinamento que pude aprender até hoje, pois aprendi, com o exemplo, o que eu NÃO queria para mim.

Nessa época um dos meus irmãos, o mais novo entre os homens, se perdeu no submundo das drogas. Nesse período meu pai já era cadeirante, então minha mãe precisou lutar muito e praticamente sozinha para tentar recuperar esse meu irmão. Assim como quando meu pai adoeceu, senti-me novamente desassistida, pois, na minha cabeça, minha mãe só pensava e se preocupava com esse meu irmão e não tinha tempo para mim. De certa forma, revoltava-me com toda a situação. Mas o importante é que, apesar de anos de sofrimento e muita luta, hoje meu irmão é um homem de bem, que constitui uma família linda!

Quis mencionar essa parte da minha história de vida porque foi um período bem difícil para mim, o qual me ensinou muito. Foram anos, mais de dez, de luta. Nesse tempo, meu irmão foi meu mestre, pois me mostrou o quão sofrido e doloroso é o caminho das drogas. Ele me ensinou, com o exemplo, como o ser humano pode ser escravo de si mesmo por escolhas erradas. Com ele pude aprender que cada ação gera uma reação e não podemos escapar de conviver com as consequências das nossas escolhas, sejam elas boas ou não.

Mas, certamente, a minha maior memória afetiva vem acompanhada de cheirinho de café passado... Ah, que saudade! A minha avó materna foi minha grande professora extraclasse. Nossa! Ela me ensinou tanto sem fazer um plano de aula sequer. Não precisei passar por avaliações, fazer dever de casa nem preencher linhas no caderno de caligrafia. Ela não me ensinou

família silábica, tampouco adição com transporte ou subtração com empréstimo. E assim mesmo foi uma excelente mestra. Posso dizer que, com ela, pude desenvolver minha coordenação motora pulando nas calçadas da casa dela e riscando números com pedra para pular amarelinha. Sem falar em quantas vezes a ajudei a colocar a linha na agulha da máquina para costurar panos e fazer as barras das minhas calças...

Eu adorava passar os dias na casa dela. As vivências lá foram amortecendo a ausência da minha mãe. Na casa da vó, eu me sentia livre, leve e solta. Lá eu podia ser quem eu quisesse... Lá o “Era uma vez” ganhava um gostinho especial. Lá eu não precisava dormir num quarto sozinha... Os panos (trapos) da vó se transformavam em vestidos, capas e até tapete mágico. Recordo-me de que a vó, nas noites frias de inverno, ligava o lençol térmico algum tempo antes de deitarmos. Quando chegava a hora de dormir, eu deitava naquela cama super quentinha e aconchegante ao lado da vó, que fazia eu rezar parte do terço com ela antes de adormecer.

Aprendi tanto com a minha avó! Com sua pedagogia materna, ela me fez compreender que a vida é uma grande escola, na qual não se fazem necessários cartazes pendurados nas paredes para que possamos fixar “conteúdo”. Entendi que na prática também se aprende, e não é pouco. Recordo-me das vezes em que pude usar seu fogão. Aprendi a cozinhar com ela. Ensinou-me a fazer molho, assar carne no forno e cozinhar arroz sem que eu soubesse ler uma receita... Memorizei os ingredientes e sabia quando estava pronto pela textura, sem precisar contar o tempo no relógio.

O relógio... Ah, o relógio! Na casa da minha avó tinha um relógio de parede que tinham números e ponteiros bem grandes... E fazia um “tic-tac” tão alto que era impossível não olhar para ele. Foi ele que despertou meu interesse em saber as horas, e aprendi! A vó me explicou tão didaticamente as horas e os minutos que compreendi com facilidade. A partir de então, eu sabia

quando estava na hora do nosso café da tarde, com direito a pão e mortadela. Nunca comi uma mortadela tão gostosa como a da casa da vó. Não sei por que, mas acho que era pelo gosto de amor misturado com afeto...

Foram anos de vivências alegres e algumas tristes também, mas, acima de tudo, de superação. Hoje me dou conta do quanto pude aprender sem, necessariamente, registrar meu progresso num caderno. Não precisei de borracha para apagar absolutamente nada da minha infância, pois vivi tudo com muita intensidade! Percebo que cada processo se fez necessário para que hoje eu pudesse estar aqui, toda orgulhosa, escrevendo essa história sobre a minha criança... Tenho a consciência de que sou uma eterna aprendiz... Há muito o que aprender ainda...

Inocente, pensando que a vida fosse um caminho só de ida, fui somando no trajeto o maior número de aprendizados que consegui absorver... Mais tarde entendi que o trajeto é de mão dupla, com idas e vindas. Foi então que resolvi subtrair as bagagens desnecessárias para cada etapa do percurso. Permito-me concluir dizendo que quase tudo é relativo e depende da interpretação de cada um, que vai decidir se é bom ou ruim, se educa ou deseduca... A única certeza que habita em mim é a de que a metodologia do afeto facilita muito o aprendizado e torna o caminho mais leve e prazeroso.



Honrando a família: meu eterno vô Tito

... quando o mestre é o avô...

Rafaela Camila Rigon

[...] a recordação não é apenas a presença do passado. Não é uma pista ou um rastro, que podemos olhar ou ordenar como se observa e se ordena um álbum de fotos. A recordação implica imaginação, implica um certo sentido do que somos, implica habilidade narrativa (Larrosa Bondía, 1994, p. 68).

COMO DESCREVER UMA INFÂNCIA repleta de aprendizagem, amor e afeto? São essas memórias que a tornaram tão especial. Tive a honra de conviver com meus dois avôs e minhas duas avós, que nunca mediram esforços para cuidar dos seus netos. Mas, ao fechar os olhos e pensar nesses meus ilustres professores, Seu Tito arrematou meu coração.

Meu avô, Clodoaldo, o “Tito”, sempre esteve presente para me ensinar todas as “travessuras” possíveis! Lembro-me das vezes que ele me buscava em casa para passar o dia comigo, afinal, quando minha mãe chamava minha atenção, eu ligava para ele, que logo chegava para me “proteger”; lembro-me dos telefonemas para conversarmos sobre as vitórias ou derrotas dos nossos times (eu gremista e ele colorado) – “Nega, como foi o jogo hoje?”; ou das aventuras em outras cidades, quando “tiravam fotos do carro” (muita) – “Nega, tu acredita que tiraram uma foto nossa no Paraí?”

Crescer com ele foi a melhor forma de aprender o quanto a vida é única e especial: meu avô amava viver e aproveitou a sua vida. Dirigir era a sua paixão, e todos os dias realizava sua caminhada e passava pela olaria, seu legado para a família. Nos finais de semana, amava jogar cartas e realizar almoço nos domingos, reunindo a família.

Como era gostoso ouvir suas histórias sobre a infância ou sobre como a sua vida começou. Nos ensinou que batalhar era

o principal caminho para as conquistas da vida. Vô Tito, desde muito cedo, começou a construir sua vida e pensar na sua família.

Nos seus últimos anos, tentou, incansavelmente, mostrar como a família é importante e buscou estar sempre presente em todos os momentos (bons ou ruins). Com força, garra e determinação, mostrou que, mesmo nos piores momentos, precisamos estar fortes e ter fé em Deus.

Infelizmente, chegou o momento em que precisamos estar separados e a saudade é arrebatadora.

Quando fecho os olhos, ainda vejo você, sentado em sua poltrona, e a vó, no sofá, feliz quando todos nós estávamos lá, principalmente os netos, afinal, quando crescemos, esses momentos ocorriam em datas especiais como Páscoa, Dia dos Pais e Natal.

Com você aprendi a valorizar a vida... Você tinha vontade de viver! Aprendi a valorizar os pequenos momentos, aqueles que estamos em família, afinal é ela que estará sempre conosco. Aprendi que o amor está em atos, atitudes, palavras, olhar... Sigo firme nos teus ensinamentos de vida, tentando, a cada dia, ser uma pessoa melhor.

Dizem que saudade é amor que fica... Temos muito amor por você aqui! Sei que está nos guiando lá do céu! Aqui está tudo bem, lembro de você todos os dias.

Referência

LARROSA BONDÍA, Jorge. Tecnologias do eu e da Educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *O sujeito da educação: estudos foucaultianos*. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 11-22.



Os muitos professores de uma vida

... quando os mestres são nonno, nonna, mãe, pai e mano...

Simone Maria Spanhol

MORO DESDE CRIANÇA EM UMA CIDADE PEQUENA. Foi aqui que nasci, cresci e ainda vivo. Tive uma infância feliz, desenhando em folhas amareladas, cortando tecidos, brincando com meu veadinho e pescando com meu pai. Sem contar, as ‘andanças’ de carroça, as corridas pelos poteiros, os banhos de lagoa e a “comilança” de bergamotas. Em meio a essas ricas vivências foram muitos os professores que cruzaram e se mantiveram em meu caminho.

Fui criada no interior, onde convivia com bois, vacas, terneiros, coelhos, codornas, galinhas, gatos e cachorros. A primeira cartilha que aprendi (Queirós, 2019) foi aquela que, desde cedo, ensinada por meus pais e avós, pregava o respeito por tudo o que estava ao meu redor, desde pessoas até animais, árvores e flores. Todavia, alguns ensinamentos não foram concretizados...

Sempre fui uma criança medrosa. Tinha muitos medos, alguns bobos (agora os nomeio assim, mas quando pequena eram apavorantes). O primeiro deles era o touro de meu padrinho. Ele era enorme e pulava a cerca com frequência. Quando estudava, voltava a pé para casa e meu maior pavor era, na descida do morro próximo de minha casa, “dar de cara” com aquele terrível animal branco. Seu olhar e aqueles chifres gigantescos me apavoravam.

Eu tinha medo, também, de engolir semente de fruta (bergamota, laranja...). Coloquei na minha cabeça que, com aquilo, eu poderia morrer; quando acontecia de alguma descer garganta abaixo, eu entrava em pânico e chorava desesperadamente. Em uma ocasião, o apavoro foi tanto que me escondi em um cocho na estrebaria; meus pais chamavam e eu, de tão amedrontada, não conseguia responder. Um bom tempo depois, meu pai me

encontrou, encolhida e em prantos. Acredito que sua vontade era me bater, pois seu susto certamente era maior que o meu.

Hoje percebo que, mesmo que meus pais e avós tivessem me auxiliado na resolução desses temores, vários deles eu mesma precisei aprender a combater (ou conviver).

Todavia, não seria possível seguir com estes escritos sem falar dos mestres que estiveram e ainda estão presentes em minhas vivências. Não precisaram de livros didáticos, folhas de chamada ou quadro negro com giz, apenas de suas experiências de vida...

Meu avô...

Homem alto, de cabelos ruivos e bigode. Ao meu ver, era enorme, mal sabia eu que ele poderia voltar a ser criança e o quanto seria frágil, mais tarde, ao ser tomado por um câncer fulminante. Como era triste ver aquele senhor, na época com cabelos brancos, hospitalizado e não poder fazer nada. Ainda hoje sinto sua falta... Seu caminhar lento apoiado na bengala, o olhar baixo... E, ao reviver momentos, me vem sua silhueta sentada no sofá ou ao lado do fogão a lenha, de cuia de chimarrão em mãos, me observar, dar aquela gargalhada e dizer: “Ei, ei, ei!”. Já faz um bom tempo que foi ao encontro da minha primeira avó, mas ainda sinto um forte aperto no peito e lágrimas me vêm aos olhos quando essas lembranças me encontram.

Foi meu *nonno* Vitório, como eu o chamava, o célebre ouvinte matinal da Rádio Prata e o dono de umas manias um tanto estanhas, como molhar o pão no copo de vinho e tomar sopa com vinagre da salada, que me ensinou a jogar bisca, escova e tria. Foi muito gentil, me auxiliando pacientemente, na maioria das vezes, a somar os pontos de valetes, damas, reis e ases.

Toda vez que ele ia para o centro da cidade eu o esperava ansiosamente, pois sabia que receberia um merengue ou um delicioso sorvete seco de presente. Aquele homenzarrão teve uma história muito triste e perdeu a esposa quando a filha nasceu

(minha mãe). Casou-se novamente, e a minha avó deu todo o seu amor para a enteada, mas não foi a mesma coisa.

Figura 1 – Meu nonno Vitório.



Fonte: acervo da autora.

Minha mãe e minha *nonna* eram severas comigo, e várias vezes apanhei de chinelo e vara. Não que eu fosse uma criança desrespeitosa, mas, como toda menina, eu aprontava, e a forma de me ensinar a não realizar mais tal ação era dar a surra que merecia. Entretanto, mesmo em meio às varadas, cada qual, à sua maneira, foi uma excelente professora.

Minha avó...

Era uma senhora que possuía uma atrofia em uma das pernas e usava um calçado mais alto que o outro. Utilizava uma bengala para se locomover e, com o tempo, acabou por ficar de cadeira de rodas. Minha *nonna* alemã era rígida, mas me ensinou muitas coisas. Toda manhã ela tirava a folhinha do calendário mariano, lia as recomendações e se informava acerca das fases da lua, da estação do ano e das receitas que estavam no verso do dia da semana. Sabia alguns jogos e, como passávamos parte da tarde juntas, me treinou para todos. Jogávamos tria com frequência, e durante uma das partidas me mostrou um truque que

sempre me garantia comer uma peça do adversário. Todavia, não havia me instruído a saber perder. Como eu ficava brava quando ela ganhava!

Com *nonna* Romilda aprendi a costurar à mão e fazer roupas caprichadas para a minha boneca! Eu amava a Barbie, porém ela não era um brinquedo que meus pais podiam comprar. Quando meus padrinhos me presentearam com uma, fui a menina mais feliz do mundo. Com os retalhos de tecido da minha mãe, fiz as roupas mais lindas que consegui: saias de tule branco, vestidos estampados, calças pantalonas coloridas, tops enfeitados, blazers ajustados... Ela ficava bonita com todo tipo de roupa, como era possível alguém ser tão elegante?

Minha *nonna* me fez decorar todas as orações que conhecia, desde o “Glória ao Pai” até o “Creio em Deus”. Era devota e, inúmeras vezes na semana, além de ler a Bíblia Sagrada, assistia às missas e ao rosário na Rede Vida no final da tarde, porém esse era o horário que eu mais gostava de brincar. Como eu falava alto, corria, andava de jipe ou bicicleta, minha avó não conseguia ouvir as leituras da Santa Missa, o que a deixava muito nervosa. E não escapei, em muitos entardeceres, de umas belas varadas nas pernas.

Minha mãe...

A mais gentil das criaturas, mas também a mais dura, quando necessário. A mulher que aguentou meus inúmeros choros quando bebê e passou muitas noites em claro comigo. Eu chorava por qualquer motivo (e sempre!), por dor, insegurança, medo, e às vezes nem eu mesma sabia por que chorava, mas simplesmente ficava em prantos por horas. Aquela que também fez (e faz) os melhores palitinhos de cebola e os *muffins* de farinha de milho. E sua pipoca com mel, então, não há como definir o quão deliciosa é!

Eu a admirava (e ainda admiro) por muitos motivos, mas o que me encantava era ver o quão rápida ela era com suas agulhas

de crochê e tricô. Como ela conseguia seguir aqueles desenhos que mais pareciam um amontoado de linhas nas revistas e fazer aquilo virar um belo casaco ou colete? Eu não entendia! Até hoje é apaixonada por essas duas artes, seja ao fazer bicos para toalhas ou tricotar um blusão de lã. Sem contar que ela ainda fazia macacões e toucas para a minha bonequinha, aquela que se tornaria minha companheira de muitas brincadeiras.

Parecia tão fácil fazer os pontos, então pedi que ela me ensinasse, porque eu também queria tricotar roupas para a minha boneca. Ela assim o fez, porém mal sabia que eu me perderia em meio aos fios e enodaria todos. Tentamos, também, o crochê, porém sem sucesso. Até saíram alguns pontos, mas esse cruzamento de lãs e agulhas não era para mim. Como aquilo era confuso!

Minha mãe tinha, ainda, uma máquina de costura. Eu vivia grudada nela, quando costurava, para ver como tudo era feito. Em uma oportunidade, tentei costurar sozinha, mas as coisas não saíram exatamente como planejei, porque dei um grande nó na linha da espoleta. Em outro momento, vendo meu interesse, me mostrou como mexer na máquina, porém, ao invés de costurar o tecido, espetei meu dedo. Foram várias tentativas, mas só fui aprender a manusear esse artefato quando, finalmente, comprei o meu. Assim compreendi que meu dedo não deve ficar embaixo da agulha, pois o que precisa ficar ali é o tecido.

Todavia, nem tudo o que me ensinou foi em vão. Aprendi a ser gentil, respeitar e escutar quando necessário. Ela me mostrou algo que não sairia mais da minha vida... a paixão pelas linhas de um desenho. Foi minha mãe quem me instruiu a manusear o carbono para retirar as moças da revista AVON. Não foi necessário me mostrar uma segunda vez a maneira como proceder... Nem os santinhos escaparam, sendo retirados nos espaços em branco de seus livros de escola. Ela tinha alguns de seus materiais guardados: cadernos, livros... E eu adorava escrever e desenhar ao lado das atividades feitas por ela. Havia um livro de Ciências

com um leão da capa e dois de Arte que eu não largava nunca. Desenhei em cada espaço branco e retirei com carbono todas as imagens que encontrei.

Depois do primeiro risco, várias folhas com linhas femininas, animais, flores e paisagens surgiram. A partir desse momento, descobri meu gosto pela arte e pelo artesanato, o que daria vida, futuramente, ao Cia d'Arte, meu ateliê, que trabalha com a montagem de lembranças e convites para ocasiões diversas.

Minha mãe teve que parar de estudar cedo para auxiliar meu avô na roça. Esse fato lhe gerou uma grande tristeza, pois seu sonho era ser professora (mal sabia ela que já era, e das boas!). Somente anos depois, quando eu já era uma moça, frequentou a EJA e completou seus estudos. Como ficou feliz quando, finalmente, chegou a sua formatura do Ensino Médio!

Meu pai...

Excelente montador de móveis e baterista. Tocava nos bailes noite adentro. Dono, até hoje, de um corcel verde, 1969, veículo que tem seu coração e que ele não vende por valor algum (mal sabia ele que, futuramente, eternizaríamos seu xodó com um ensaio fotográfico). Sempre foi seu desejo que eu tomasse gosto pela música ou por algum instrumento musical. Quando me apresentou com um teclado eu até me esforcei e aprendi a tocar algumas músicas com o auxílio de revistas, mas sem sucesso. Mais tarde tentaria o violão! Meus dedos ficaram, muitas vezes, sem a pele de tanto praticar. Eu parecia não ter a velocidade que era preciso para a troca rápida de notas... e assim meu interesse pelo instrumento de cordas foi se esvaindo.

Figura 2 – Meus pais, Neri e Inês, e o Corcel 69, em ensaio fotográfico realizado em 2021.



Fonte: acervo da autora.

O que eu gostava mesmo era de acompanhar meu pai nas atividades diárias da roça: dobrar os pés de milho, juntar as espigas e os ovos de galinha, arrancar mandioca, cortar cana e tratar os animais. Sem contar que eu era a sua melhor acompanhante para os terrenos que precisavam ser capinados. Era ver meu pai pegar a enxada que eu já ia correndo buscar a minha para ajudar. Com ele aprendi a trançar as cebolas que ficavam nas pencas e guardar as espigas de milho para que os grãos pudessem ser plantados na próxima safra.

Eu era uma criança que tinha suas próprias ferramentas. Meu pai construiu muitos apetrechos para eu conseguir acompanhá-lo na lida. Tinha minha enxadinha para capinar e meu martelinho para pregar, ambos pequenos, para ficar mais fácil meu manuseio. Com algumas sucatas, fez uma bicicleta vermelha de rodinhas e um jipe para eu andar morro abaixo. Há coisas que não precisam ser ensinadas duas vezes, uma é mais do que suficiente. Esses dois veículos foram responsáveis por muitas descidas e inúmeros arranhões nos joelhos e braços. Mesmo assim, eles ainda eram fantásticos!

Meu irmão...

Ele surgiu após a partida da minha avó. Era o ser mais bonitinho que eu já havia visto. Quando soube da sua existência, pedi muito para que fosse como eu: ruivo e com sardinhas. Ao nascer, percebi que meu mano era perfeito! Exatamente como eu havia solicitado (até melhor), para o desespero da minha mãe, que não queria outro “vermelho” em sua vida. Sua existência me fez aprender a amar alguém incondicionalmente. Eu lhe ensinei tudo o que sabia, emprestei a ele, inclusive, o jipe e a bicicletinha vermelha.

Figura 3 – Meu irmãozinho Elias, que amei (e amo) incondicionalmente e ensinei tudo o que eu sabia.



Fonte: acervo da autora.

Os professores que passaram e estão presentes em minha vida não necessitaram de “plano de aula, fichas de avaliação” (Queirós, 2019, p. 20) ou atividades escritas, mas me proporcionaram as melhores lições sem possuir sequer uma formação ou experiência acadêmica.

Não frequentei a pré-escola, esta foi cursada a partir das experiências vivenciadas cotidianamente, seja na roça ou entre a confecção de roupas de bonecas, jogos de cartas, brincadeiras e desenhos. Essas atividades aprimoraram minha noção de lateralidade, coordenação motora fina ou mesmo competências

socioemocionais. Foi com minha mãe que aprendi as primeiras letras e números. Com ela li as primeiras palavras do seu livro do Topo Gigio. Ela o tinha como lembrança de quando estudava e sempre me contava o quanto seu tempo de colégio era difícil, com longas caminhadas e dificuldade para adquirir o material em função do preço, e o quanto era cuidadosa com seus lápis, canetas e cadernos.

Quando adentrei o ambiente escolar, fui uma aluna caprichosa e aplicada, porém o que me deixava triste era muitas vezes não conseguir interpretar e resolver os problemas de matemática. Eles me faziam chorar... Contar os ovos de galinha ajuntados, desenhar, comer cuca com minha mãe ou ajudar meu avô a descascar os vimes para trançar cestas era muito mais divertido.

Figura 4 – Alguns dos meus professores: minha mãe, meu pai e meu mano.



Fonte: acervo da autora.

Esses saberes aprendidos com os meus mestres dizem respeito ao modo como me coloco diante dos outros e do mundo ou do que me ocorre ou toca (Larrosa Bondía, 2002). Essas vivências trazem aspectos não sabidos sobre um fato, possibilitando mais informações a seu respeito, o que acaba por me afetar diretamente. Pode-se dizer que, ao aprender a costurar à mão ou retirar o desenho de uma revista com carbono, estive aberta à

minha própria transformação (Larrosa Bondía, 2022), afinal toda experiência desacomoda, desafia e instiga.

Os ensinamentos dos meus professores foram repletos de “raízes históricas, culturais e sociais” (Kuhlmann Júnior, 2003, p. 485) e trouxeram consigo modos de vida transmitidos, concomitantemente, com a formação da minha personalidade. A esse conjunto pode-se dar o nome de educação, palavra complexa que media as relações existentes na sociedade, na cultura, na família... Eu estava sendo preparada para a vida sem mesmo frequentar, ainda, a escola. Mal sabia eu que, quando adentrasse essa instituição, minha liberdade sofreria certas limitações, pois me depararia com algumas regras que deveriam ser rigidamente seguidas: traçar as letras, realizar exercícios de pontilhar, ler, escrever, estudar para avaliações...

Os professores que passaram por minha vida, e que podem ser conhecidos no decorrer destes escritos, tinham seu próprio método de ensino. Posso afirmar que o melhor deles foi o afeto. Os jogos ensinados por meu avô, a costura mostrada por minha avó, as ferramentas e os veículos feitos por meu pai, o adentramento no mundo das linhas proporcionado por minha mãe e o amor que aprendi a ter por meu maninho demonstram que certas experiências são impossíveis de serem desaprendidas (De Queirós, 2019), assim, tornam-se para todo o sempre parte do que somos.

Nem sempre os professores possuem um diploma ou uma licenciatura plena, mas ensinam e instruem por toda a vida por meio de infinitas práticas e singulares saberes que permeiam por toda a nossa própria existência.

Referências

DE QUEIRÓS, Bartolomeu Campos. *Sobre ler, escrever e outros diálogos*. Global Editora, 2019.

KUHLMANN JÚNIOR, Moysés. *Educando a Infância Brasileira*. In: LOPES, Eliana Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes;

VEIGA, Cynthia Greive (orgs.). *500 anos de educação no Brasil*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p. 469-496.

LARROSA BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista brasileira de educação*, n. 19, p. 20-28, 2002.



Uma dressa²² de memórias

... quando os mestres são os avós...

Sônia Prigol

PASSADAS ALGUMAS DÉCADAS, neste momento registro lindas lembranças vividas na minha infância. Não mais do que aos 6 anos de idade, recordo-me de quando meus pais me embarcavam no ônibus de linha com uma sacola contendo alguns pertences, como calçados e roupas, para fazer uma “longa viagem” de Nova Prata até Protásio Alves, local no qual passaria um tempo na casa dos meus avós paternos; isso acontecia com certa frequência.

Lembro-me de que meus pais se despediam, encaminhavam-me ao ônibus e solicitavam ao motorista para que me deixasse na entrada da propriedade do meu avô, localizada próximo à estrada. Nas primeiras vezes sempre havia alguém a me esperar, mas com o passar do tempo eu segui sozinha.

Chegando ao destino, meus avós recebiam-me com muito carinho e alegria, com o fogão a lenha funcionando a todo vapor, chaleiras com água borbulhando, panelas de comidas tão deliciosas que eu podia sentir o cheirinho antes mesmo de entrar pelo portão.

Sentavam-se para o almoço toda a família, visitas e vizinhos, não raramente, que ajudavam no trabalho da roça. Naquele tempo, realizavam a troca dos dias de trabalho, em que ajudavam meu avô e em outro momento alguém da família devolvia o turno de trabalho. Era um tempo de ajuda mútua, empatia e respeito. Sobre o fogão a lenha havia as comidas mais diversas de origem italiana e em substancial quantidade para alimentar aqueles que trabalhavam longas horas diárias em um trabalho exaustivo, mas realizado com determinação.

²² Trança feita com palha de trigo.

Na casa dos meus avós, de família numerosa, recordo-me da espaçosa cozinha, dos vários quartos, de uma vasta área para chimarrão e roda de conversa, do banheiro; ao lado externo da casa também tinha um porão de chão batido, onde eram armazenadas as enormes pipas de vinho, algumas ferramentas menores, os tarros de leite no resfriador, as latas de banha, as varas penduradas no teto em que ficavam os salames, as prateleiras com queijos e os alimentos produzidos na roça.

Na propriedade havia um galpão para armazenar milho e trigo; embaixo existia uma estrebaria para a ordenha das vacas, o chiqueiro com alguns porcos para consumo da própria família, a estufa para secagem do fumo e, em anexo, um telhado que abrigava as máquinas de costura do fumo, as mesas de classificação e o espaço fechado e coberto para estocar o produto pronto para a comercialização.

Meu avô Fioravante, com pouca escolarização, mas, como diziam na época, com o que bastava para se virar na vida, nos primeiros tempos de casado trabalhava na construção das estradas férreas, já a minha avó Pierina, a qual não teve oportunidade de estudar, e os seus filhos davam continuidade aos serviços da propriedade. Durante o tempo que passei nos avós, meu avô só trabalhava em casa nas atividades rurais, e foi na companhia dele e da minha avó que pude vivenciar incríveis experiências e ensinamentos que se tornaram indelévels em minha memória, princípios e atitudes que foram determinantes para a constituição de meu caráter e personalidade. Na condição de ser uma das netas mais velhas e de frequentemente passar tempos consideráveis na casa deles, havia uma intensa ligação afetiva, um cuidado muito grande deles para comigo bem como instruções para a vida, incluindo o ensino de um simples trabalho no cuidado com a casa até o direcionamento no que diz respeito à conduta moral e à educação.

Diariamente, às 6h, já estavam todos acordados para tomar café e seguir para suas respectivas tarefas. Havia os que se

destinavam para a roça e para a ordenha, geralmente minha avó ficava realizando os serviços domésticos e as atividades perto da casa, e eu a auxiliava. No horário das 8h30 fazíamos o lanche, o *merendim*²³; todos estavam na roça, pois era época do plantio do milho. O lanche era composto por polenta *brustolada*²⁴, salame, queijo, pão cozido no forno, *chimia*²⁵ de uva ou figo e outras misturas, assim como biscoitos feitos em casa, café com leite e vinho. Tudo era levado em uma cesta de vime e coberto por uma grande toalha bem colorida. Chegando na roça era hora de comer. Espalhavam a toalha sobre uma cobertura de pastinho verde e todos sentavam para saborear as delícias e descansar um pouco, mas sem demora voltavam ao serviço.

Ao som do bater das enxadas e da plantadeira de milho manual, eu organizava o meu espaço: construía uma casinha, utilizando alguns galhos de capoeira, varria alguns metros quadrados de terra, aqueles em que não havia condições de plantio, recolhia e organizava as pedras, demarcando espaço, e colhia flores que estavam no contorno da lavoura para enfeitar o local. Lembro-me tão bem das flores-de-mel, amarelinhas e com um perfume intenso, as quais embelezavam a minha “casa”. As comidinhas eram feitas com folhas e talos encontrados no entorno. Frequentemente meus avós passavam por perto e diziam: “Capricha na limpeza e na organização dessa casa que depois voltamos para tomar um café”. Aquele espaço ficava lá até terminar o plantio das sementes e todos os dias a brincadeira da casa na roça se repetia.

Meu avô, um grande mestre que sabia como ninguém incentivar e ensinar os ofícios da vida na colônia, ficava radiante cada vez que compartilhava conosco as experiências e as histórias para perpetuar a cultura. Sabe aquela pessoa que fica em sua companhia por horas a fio, com uma fala mansa, conversando

²³ Lanche típico italiano.

²⁴ Polenta cozida sobre a chapa do fogão a lenha.

²⁵ Doce feito com frutas da estação para servir de mistura com pão.

sobre assuntos variados e sempre muito interessantes? Esse era meu avô, o qual ministrava verdadeiras aulas a todos que convíviam com ele.

Minhas primeiras memórias musicais surgiram a partir das cantigas que meu avô ensinava; frequentemente eu me sentava em sua perna e ele cantava, batia o pé para acompanhar o ritmo e segurava as minhas mãos para simular o movimento do acordeom. Sabia muito bem tocar esse instrumento, pois ele e meu pai costumavam animar os bailes no vilarejo e as festas de casamentos em tempos anteriores. Algumas dessas canções restam vivas em minha memória: “Para, Pedro, Pedro, para, e assim foi a noite inteira até o fim da madrugada...” E uma das músicas ele cantava quando uma prima chegava, já que ela tinha cabelos castanhos e eu loiros. Colocava-nos sentadas uma em cada perna e soltava a voz cheia de entusiasmo: “Tenho uma loira e uma moreninha, tenho prazer que sejam todas minhas, mas o ciúme que a morena tem me faz ter receio da loira também...” e seguia a cantoria divertindo as netas e animando a reunião da família. Algumas brincadeiras, que depois transferi para meus filhos, também aprendi com meu avô, que sinalizava a gola da minha blusa, dizia “*vara que bel boton*”²⁶, olhava para conferir, erguia o dedo e, carinhosamente, tocava na ponta do meu nariz concluindo: “*pipa nazon*”²⁷. O engraçado é que eu já conhecia a brincadeira, mas mesmo assim continuava olhando, e ao final sobravam as gargalhadas.

Outra questão muito interessante para se mencionar é a culinária, pois a maioria dos alimentos consumidos na casa era produzida na propriedade. Analisando hoje, percebemos que não se ouvia falar em sobremesas elaboradas como as atuais, sagu e pudim eram preparados somente em datas especiais. Recordo-me tão bem que às vezes fazíamos um amendoim

²⁶ “Olha que bonito botão”.

²⁷ Brincadeira na qual o adulto dizia para a criança olhar um botão da roupa e o adulto aproveita a distração e lhe tocava no nariz. “Toca no botão e aperta narigão”.

torrado e triturado com açúcar para comer e, como não queríamos distribuir entre tantas pessoas, guardávamos em lugares estratégicos que chamávamos de *scundignoti*²⁸. A respeito disso, sempre havia alguém me instruindo nos esconderijos – era um misto de alegria e medo ao esconder as comidinhas. Minha avó, uma cozinheira de mão cheia, preparava os mais deliciosos pães, biscoitos, comidas típicas italianas, como sopas de capeletti com carne lessa e polenta cozida dentro do tacho, armazenada sobre um tabuleiro redondo de madeira e cortada em fatias generosas com auxílio de um barbante.

O dia de fazer pães era uma alegria. Ao redor da mesa preparávamos a massa, e, na hora de enrolá-la para modelar os pães, minha avó me ensinava a fazer as *colombinas*²⁹, as quais eram somente minhas, num formato semelhante a uma pombinha, com feijões para marcar os olhos, depois colocávamos sobre uma palha de milho e esperávamos o crescimento. Enquanto isso, preparávamos o forno a lenha; o fogo ficava aceso dentro do forno para aquecê-lo, eu era encarregada de ir recolher as *scoas*³⁰ para varrer as brasas e cinzas que se acumulavam e já reservava alguns galhos para colocar no forno durante o processo de cozimento, porque exalavam um cheirinho delicioso que adentrava aos pães. Após, varriamos rapidamente as brasas para deixá-lo na temperatura certa para assar os pães e as *colombinas*. Geralmente em dias de sábado, com o clima mais ameno, fazíamos também os biscoitos, minha avó preparava a massa, espichava e cortava em formato de losango; no momento de colocar para assar, passávamos uma mistura de água e suco em pó sobre cada biscoitinho e polvilhávamos açúcar cristal. Fico com água na boca quando penso nos biscoitinhos doces e coloridos preparados pela vovó.

²⁸ Escondidinho.

²⁹ Pombinhas feitas com massa de pão.

³⁰ Vassoura feita com uma determinada capoeira.

Ao ir se aproximando o final do dia, exceto no inverno, tomávamos banho de *bica*³¹. Distante uns 200 metros da casa havia um espaço de lajeado por onde passava um córrego, ali meu avô instalou um cano de ferro, na parte mais alta do terreno, para tomarmos banho ao ar livre. Levávamos toalhas e roupas limpas, porque os produtos de higiene ficavam armazenados no local. Como eu era pequena e o lugar apresentava certo perigo, sempre estava acompanhada por minha tia ou minha avó. Lembro-me de que esfregavam os pés sobre as pedras para fazer a esfoliação, mas eu, ainda uma criança, não compreendia muito bem o porquê de tal costume. Aquele espaço da propriedade também era muito frequentado por vizinhos e pessoas que visitavam a residência, pois as visitas de parentes e amigos aconteciam com muita frequência.

Depois da janta, costumávamos sentar na varanda para conversar e observar as cores e os sons da noite, uma vez que estávamos em um lugar isolado da movimentação. Meu avô mostrava-me a lua e as estrelas. Sempre com uma imaginação muito fluida, contava-me as histórias do *Capa Preta*, segundo ele, uma figura assustadora que andava sempre por aí porque queria namorar a avó – lembro-me do seu ar de ironia; depois ele complementava dizendo que as moças bonitas queriam namorá-lo, mas ele queria a avó. Era um momento de descontração e risos. As mais variadas aves cantavam ao cair da noite. Também ouvíamos rãs e outros animais que por lá habitavam, então o avô aproveitava para chamar minha atenção para um dos sons dizendo que era para ter muito cuidado, porque lá no banhado havia uma *quaieta*, que até hoje não sei bem o que é, mas para mim era um bicho perigoso.

Um episódio que até hoje a minha família lembra com muito bom humor foi quando, certa noite, perdi o bico. Já havíamos procurado por toda a casa sem êxito e meu avô, vendo a movimentação e a preocupação em encontrar o objeto, pois sa-

³¹ Um cano de ferro de onde saía água.

bia que eu era muito apegada, já tratou de me convencer de que eu não deveria me afligir, pois imediatamente ele iria resolver o problema. Dizia ele que eu não precisava chorar, visto que ele faria um novo bico, algo delicioso que eu nunca havia experimentado, docinho que nem imaginava. Fiquei apreensiva para ver do que se tratava e fiquei observando meu avô começar o preparo. Pegou um pedacinho de tecido branco, colocou no centro uma colher de açúcar e um pouco de suco em pó, amarrou em forma de trouxinha e me alcançou para chupar o bico improvisado. Quando percebi do que se tratava fiquei tão brava que tive um acesso de choro e as pessoas que estavam no local se divertiram diante daquela cena inusitada; seguidamente, nos encontros de família, comentam acerca do ocorrido. Hoje recordo-me com saudade dos momentos felizes que vivi na companhia dos meus avós.

Na época da colheita de uva iniciava a movimentação em torno da propriedade. Os vizinhos estavam sempre presentes para auxiliar na colheita; lembro-me das pipas para armazenar o vinho – eram enormes, e meu avô sempre instalava junto a elas uma espécie de escadinha para poder visualizar o conteúdo que estava dentro. Com o trabalho coletivo e organizado, eram destinadas pessoas para a colheita da uva, algumas ficavam responsáveis pelo carregamento em uma carroça de bois, outras pelo descarregamento dentro do enorme moedor manual. Havia o revezamento para tocar a manivela, e meu avô ficava na supervisão final do produto, após a moagem, a adição do açúcar e o controle da graduação alcoólica.

Era um período de fartura em que saboreávamos o puríssimo suco de uva, sem falar no creme feito com suco e farinha de trigo, para dar consistência ao que minha avó chamava de *sugolo*, e, dependendo da safra, produzia-se vinho para comercializar.

Como o passar dos meses, chegava a época da colheita do trigo nos mesmos moldes, e trocávamos dias com vizinhos para que a colheita fosse feita em tempo menor. Tudo era carregado

e transportado em feixes na carreta de bois. Armazenávamos em um galpão porque logo em seguida eram retirados maços menores para fazer o corte do trigo separando-o da palha. O trigo era encaminhado para o moinho que ficava localizado no centro do vilarejo; parte da palha era guardada em um local apropriado para que, depois de limpa, se transformasse em trança – *dressa*, como chamamos. Havia sempre uma prática muito interessante na limpeza da palha, uma espécie de ritual: minha avó organizava uma lona enorme embaixo de uma árvore, todos os anos no mesmo local, sentávamos em formato de semicírculo, geralmente as vizinhas auxiliavam e ali passávamos longas tardes limpando a palha.

As histórias contadas no período em que estávamos trabalhando eram tecidas a partir de relatos, desabafos e, ao mesmo tempo, usos e costumes que eram passados de geração em geração. Depois da palha limpa e organizada em feixinhos menores, fazíamos a trança que era armazenada em *pacos*³². Cada paco continha 22 metros e era vendido aos compradores de trança vindos de outras cidades. A trança também era utilizada para fazer cestas e bonitos chapéus, hoje é aproveitada para fazer vários objetos de decoração e até utensílios domésticos. A *dressa* era companheira diária das mulheres que moravam naquele lugar; toda vez que estavam em casa descansando ou dirigiam-se para algum lugar a fim de visitar alguém levavam consigo seus feixinhos de palha e aproveitavam para ir trançando pelo caminho. Quem me ensinou a trabalhar com a palha desde a seleção até a limpeza e a produção da trança foi minha avó, que como incentivo me repassava o valor pago pelas tranças que eu fazia, e tal atitude me deixava muito feliz.

Assim como o trigo, o milho também era levado ao moinho para ser triturado e transformado em farinha, já que a polenta era um alimento indispensável na mesa da família; não me lembro de um dia sequer em que tivesse faltado polenta nas refeições.

³² A quantidade de 22 metros de trança.

Em uma dessas idas e vindas ao moinho, minha tia decidiu levar-me junto para fazer a retirada da farinha de milho; encilhámos o cavalo e partimos. Em certa altura do passeio aconteceu um percalço: o cavalo se agitou e nós caímos. Recordo-me de que ficamos uns bons dias com o corpo dolorido e escoriações que foram curadas a partir de tratamentos caseiros utilizando banha de porco, uma vez que não havia farmácia, médico e hospital no município.

Uma das práticas comuns que vivíamos naquele tempo eram os *filós*³³. Várias vezes na semana meus avós organizavam as visitas que faríamos. A prioridade eram as pessoas que estavam doentes ou passando por um momento difícil, pois aproveitava-se a ocasião para levar uma palavra de conforto, colocando-se à disposição para auxiliar no que fosse necessário. Para as próximas visitas seguia-se uma certa ordem para que nenhuma família fosse esquecida. Naqueles momentos aproveitava-se para falar da plantação, da criação de animais, do clima, das organizações religiosas, das festas nas capelas, das trocas de sementes para plantio, da carneação de animais para o consumo de cada família, entre outros assuntos.

O roteiro era programado ao meio-dia, quando todos estavam em casa. Meus avós comunicavam o horário de saída para que todos se organizassem a tempo, pois a maioria das famílias morava a uma certa distância. Chegada a hora de ir, todos preparados e animados observavam se a noite era de lua cheia: se assim fosse poderiam partir, caso contrário meu avô preparava um lampião a gás para iluminar o caminho. Para realizar o trajeto, percorriam-se caminhos alternativos para ser mais rápido, estradinhas feitas pelas famílias que roçavam as capoeiras e, com o trânsito frequente pelo local, acabavam deixando as marcas de uso que facilitavam a visualização e a utilização do caminho.

Entre muitas lembranças que guardo da minha infância na casa dos meus avós, escolhi algumas para registrar. Com certeza

³³ Visitas feitas no período da noite.

somos portadores de histórias peculiares que nos ensinaram e ensinam tantas lições de vida. Fioravante Prigol, meu avô, já é falecido, mas tenho certeza de que foi um grande professor, não somente para mim, mas para muitas pessoas que o conheceram. Minha vó Pierina ainda vive e podemos desfrutar de sua companhia para relembrarmos aqueles tempos de muita alegria compartilhada com todos que por lá passavam e aprender mais um bocado. Houve tempos difíceis, outros mais fáceis, alguns felizes, outros nem tanto, mas com superação e fé tudo foi se alinhando e passou...

Foi um privilégio ter convivido por longos tempos na companhia de pessoas simples, fortes, corajosas, perseverantes e vencedoras. Levo comigo ensinamentos e memórias que nunca se apagarão do meu coração.

Gratidão.



Oó Almas e a sua pedagogia da escuta

... quando a mestra é a avó...

Tatiane Marta Loch

MINHA AVÓ MATERNA, ALMAS, foi minha primeira professora, e para isso ela não cursou licenciatura plena. Tive o privilégio de aprender com uma mulher muito sábia, especial, repleta de luz e rodeada de perfumadas flores... É assim que a sinto em meus sonhos atuais, minha avó Almas.

Os preciosos ensinamentos que ela me deixou foram construídos em mais de 40 anos de convivência e estão vivos em minhas memórias e meu coração.

Todos carregamos uma história, e a da minha avó Almas é perpassada pelo cotidiano quieto da colônia, pela dureza para a sobrevivência na terra, pela submissão feminina, pela maternidade, pelos sonhos e pelo tempo que corre.

Almas, natural de Fagundes Varela, perdeu a mãe precocemente, após 40 dias de seu nascimento. Com ela, outros oito irmãos foram criados pelo pai e pela mãe. Sua infância se resumiu a cuidar dos irmãos e providenciar água diariamente pela manhã para ser utilizada no preparo de alimentos e na higiene. Também era responsável por buscar brasas nos vizinhos para alimentar o fogo.

Seu pai casou-se novamente e teve outros três filhos; logo, as tarefas direcionadas aos cuidados com os irmãos só aumentaram. Cresceu com os ensinamentos dos mais velhos e teve responsabilidades desde cedo.

Aos 7 anos perdeu o pai, passagem que sempre relatava com muito sofrimento. Uma semana depois, faleceu sua madras-ta. Ficaram três crianças pequenas, inclusive um bebê, que foi enviado para parentes distantes, porém, devido às circunstân-

cias econômicas da época, retornou à casa para ser criado pelos irmãos.

Até os 25 anos, quando casou com Pedro, em 1955, dedicou-se a cuidar dos irmãos e sobrinhos, sempre com muito amor e alegria. Vó Almas e seu esposo tiveram 11 filhos. Ela sempre foi a responsável pela confecção de roupas, também lavava e desfiava lã de ovelha, ajudava a fazer os berços com vime e confeccionava panos de linho e de seda bem como toalhas de crochê e tricô.

Em um período do dia, os filhos maiores acompanhavam o pai na lavoura, pois frequentavam a escola no turno inverso, sempre incentivados a estudar. As principais refeições reuniam todos os membros da casa e consistiam em alimentos produzidos pela família, baseados em feijão, batata-doce, aipim e farinha de milho.

Nesse universo da imigração italiana, minha avó Almas cresceu acostumada ao sofrimento e à batalha diária para construir seu destino com a têmpera dos fortes em tempos difíceis.

Ao revirar minhas memórias, sinto-me inebriada pelo delicioso sabor da geleia de laranja com melado, do pão no forno de barro, dos merengues, do chá de mate, produzido e secado em casa, misturado com leite, das deliciosas sopas de feijão sempre preparadas com muito carinho e das rapaduras feitas artesanalmente com nozes, amendoins e castanhas. Eu gostava de acompanhar e aprender todas as atividades domésticas.

Escrevi receitas ditadas por ela a partir de seus cadernos da adolescência e fiz muita massa de pão sob seus cuidados e orientações. Nem sempre as receitas davam certo, mas lá estava ela me incentivando, apoiando e contornando a situação. Biscoitos dos mais variados sabores e merengue assado no forno depois de tirar o pão eram algumas das delícias caseiras.

Lembro-me das inúmeras vezes em que, juntas, ao redor do fogão a lenha, especialmente à noite, preparávamos polenta na calheira. Enquanto ela cozinhava, quem estivesse em casa rezava

e cantava com muita fé em agradecimento ao dia e à vida. Era um momento de muito respeito e gratidão. Foi nesse espaço de acolhimento e oração que aprendi a fazer polenta!

Durante esses momentos, aprendi orações e entoei muitos louvores. Depois do jantar, com todos reunidos, sentados ao redor da mesa, conversávamos, contávamos piadas e histórias, liamos a Bíblia e rezávamos o terço. Eu apreciava com atenção todos os detalhes.

Tenho as mais gratas recordações dos preciosos momentos em que vó Almas me ajudou a ler e escrever. Ela não me cobrou a leitura do alfabeto, tampouco que eu decorasse as famílias silábicas, e não precisei preencher linhas do caderno com frases prontas: O boi baba... Ivo viu a uva... A babá é boa...

Vó Almas desenhava e pintava comigo, ouvia as histórias quando aprendi a ler, fazia perguntas em relação ao sentido do que foi lido e adorava me ensinar cálculos.

Vó Almas me ensinou sobre a Pedagogia da Escuta, mesmo sem nunca ter pisado em uma instituição de ensino superior. Ela valorizava minha livre expressão, como criança, me ouvia e me acolhia em toda a minha pluralidade.

Vó Almas acolhia meus interesses e as experiências vivenciadas no contexto em que vivíamos. Ela me ensinou que estudar significava a possibilidade de um futuro melhor do que aquele que ela tivera... Contava que amava ir para a escola – cursou até a quarta série – e tinha 50 colegas de diferentes séries, todos juntos na mesma sala. Com os pés descalços, independentemente de frio ou calor, ia para a escola. No final da década de 1930 não havia caderno: era preciso aprender e gravar na memória. Não pôde seguir os estudos em razão da precária situação familiar.

Suas maiores heranças são a fé e a busca pelo conhecimento. Gostava muito de ouvir rádio, acompanhar músicas, cantar e saber das notícias.

Com ela aprendi a engomar roupas, pregar botão, costurar, fazer macramê, semear e colher algodão para utilizar, quando necessário, em ferimentos. Cuidar do enorme, sempre lindo e colorido jardim era uma das minhas atividades favoritas. Além de cuidar da horta, repleta de temperos e chás, havia os ensinamentos práticos sobre a melhor época de cultivo para cada espécie de verduras da época, o carinho com cada semente, o saboroso gosto das cenouras, dos morangos... O melhor chá para resfriado era o dela, preparado com folhas de lima ou laranjeira, açúcar, água quente e brasa extraída do fogão a lenha.

Deliciosas castanhas colhidas ao redor de casa, bergamotas, laranjas, ameixas... Como era bom plantar e colher com a vó! Aqueles frutos tinham sabor especial, porque vinham acompanhados de relatos fabulosos que enchiam nossos ouvidos e preenchiam os dias.

Em suas falas, sempre positivas, repetia: “Se você deseja algo, faça tudo o que puder para alcançar”. Ela gostava muito de participar da vida em comunidade, ajudar vizinhos, respeitar todos e comparecer às missas e confraternizações, e com os seus exemplos nos incentivava a seguir pelo mesmo caminho. Por muitos anos acompanhei a entrega da capelinha na família vizinha. Durante o rito tradicional, no caminho, rezávamos o terço e espalhávamos flores pela estrada.

O momento mais esperado eram as férias escolares para passar dias na casa da vó, dormir no sótão, estar com ela, cozinhar, ouvir suas histórias...

Hoje consigo olhar para trás e perceber que a vó Almas me ajudou a entender meu lugar no mundo e a ser protagonista da minha história. Para isso, sua escuta cuidadosa foi o fator-chave. E rememoro uma escuta plena, pautada na observação, na empatia e na curiosidade, no desejo de querer, sim, me ensinar a fazer todas aquelas atividades, mas, acima de tudo, de entender a criança que eu era sem julgamentos.

E é por isso, hoje sei, que a casa da vó Almas foi o lugar mais seguro e acolhedor que habitei... E foi por isso que lá aprendi tantas coisas... Ela tinha sensibilidade para respeitar meu tempo de criança e entender que, eu e ela, a todo momento, éramos aprendizes.

Minha saudosa vó Almas sequer ouviu falar da linha pedagógica criada na Itália por Loris Malaguzzi, mas me ensinou que a aprendizagem é construída em conjunto entre adulto e criança. Para tal, o adulto precisa reconhecer que a criança é um indivíduo multidimensional e completo em si mesmo. Isso significa valorizar suas experiências, jeito de ver o mundo e sentimentos. E era exatamente isso que ela fazia quando me ensinou que para lavar roupa brancas e limpar os utensílios não há nada melhor do que cinza do fogão a lenha. Foi vivenciando a experiência mediada pelo olhar cuidadoso da vó que pude aprender como tudo ficava muito limpo e brilhante. Vó Almas confidenciou-me, também, que utilizava cinzas desde a infância para lavar o cabelo!

A Pedagogia da Escuta da vó Almas não teve embasamento teórico, tampouco foi testada, refutada ou ampliada com instrumentos de pesquisa, mas carregou em mim os benefícios práticos dessa abordagem em minha vida.

Vó Almas me mostrou que eu, criança, era um ser competente, capaz de me expressar e perceber que o que eu dizia era levado em consideração. Ela me ensinou a me reconhecer enquanto sujeito.

Vó Almas me ajudou a descobrir o mundo. E, nesse processo, precisei lidar com minhas emoções, medo, raiva, insegurança, saudade, ansiedade, alegria, frustração...

Quanta vezes corri para o colo da vó...

Vó Almas era meu ponto acolhimento, no qual pude me expressar e saber que tinha atenção. Ela me ouvia e me orientava,

me ajudando a entender o que eu estava sentindo e, assim, lidar melhor com as minhas sensações.

Minha saudosa vó acompanhou minha formatura na faculdade. Sempre perguntou sobre a rotina com os alunos, rezou muito durante o período em que estive hospitalizada, vibrou a cada nova conquista e nunca perdeu a esperança de me ver voltar a caminhar. Se hoje sigo de pé, dando um passo de cada vez, é porque ela nunca deixou de acreditar em mim.

Vó Almas também conheceu e a brincou com minha filha, Vitória.

Lembro-me do seu sorriso sereno, da tranquilidade junto à porta, do abraço caloroso da despedida e das palavras: “Até logo, estarei aqui te esperando!”

Durante muitos anos, a primeira ligação no dia do meu aniversário era da vó Almas. Hoje o telefone não toca mais, mas eu ainda a ouço e a sinto pulsando em mim.

Vó Almas segue viva em mim, na mulher, na mãe e na professora que hoje sou.

Vó Almas foi, sim, minha primeira e melhor professora, porque me ensinou a enxergar o que há de mais potente e único em mim!



A estrela que escolheu me amar

... quando a mestra é a mãe...

Vanessa Bisutti Monteiro

NO DIA 15 DE NOVEMBRO DE 1947 NASCEU, na cidade de Tapejara/RS, uma menina de pele clara e olhos cor de mel, a décima terceira filha de Ferdinando Bisutti e Emilia Coronetti Bisutti, que tiveram 15 filhos. Recebeu o nome de Lurdes Bisutti, minha mãe, minha estrela de amor, a mulher com quem mais aprendi, minha melhor professora na escola da vida.

A menina de sorriso tímido, meiga e delicada cresceu no interior de Esmeralda/RS, passando por dificuldades financeiras. Diante dessa situação, sete de seus irmãos faleceram por não conseguirem chegar ao atendimento médico a tempo, por causa da distância de um hospital. A família trabalhava no campo, com agricultura familiar, mas mesmo com os esforços e o trabalho de seus pais a renda não era o suficiente para alimentar, vestir e oferecer educação escolar para os filhos. Apesar das adversidades, teve um lar de amor e aprendizagens sobre respeito ao próximo, responsabilidades, honestidade, empatia e fé em Deus.

Figura 1 – Lurdes Bisutti Monteiro em 2013, em sua residência em Farroupilha/RS.



Fonte: acervo da autora.

Lurdes, apesar da escassez de alimentos e vestimentas, sempre manteve o sorriso no rosto. Era uma pessoa de muita fé e agradecia pelo pouco que tinha. Queria ser professora, mas sua realidade não permitiu que frequentasse a escola.

Aos 8 anos de idade, foi trabalhar como babá da filha de um fazendeiro em Esmeralda. O pagamento era o direito a comida, estadia e algumas roupas. Lá, ficava admirada com os livros na biblioteca, mas não era autorizada a pegá-los. Lurdes contemplava e pensava... Como gostaria de saber ler. Um dia a esposa do fazendeiro viu Lurdes contemplando os livros, mas não deu importância ao desejo da menina que sonhava em ser professora e a repreendeu: “Saia daí, Lurdes, esses livros são do meu marido e servem para as minhas filhas estudarem, seu trabalho aqui nesta casa é cuidar da bebê”.

O tempo foi passando e Lurdes tornou-se uma linda jovem, com cabelos claros e longos. Resolveu voltar para a casa dos pais, onde trabalhava muito, tirava água do poço, fazia tarefas domésticas com capricho e trabalhava na lavoura.

Com 15 anos foi morar com seu irmão Marcelino, na Vila Gregório, em Esmeralda. Lurdes foi acompanhada por seus irmãos a uma “matiné”, nome dado às festividades da cidade em que havia música e as famílias reuniam-se para almoçar e dançar. Nesse dia, conversou com Luiz Paulo dos Reis Monteiro, um jovem negro de 25 anos, nascido na cidade de Bom Jesus, que estava em Esmeralda trabalhando na serraria juntamente com Adão e Marcelino, irmãos de Lurdes.

Os dois conversaram e dançaram. Foi amor à primeira vista! Luiz Paulo foi expulso do salão por ser negro. Aos olhos daquela comunidade ele não podia ficar no mesmo ambiente e tampouco dançar com uma jovem branca. Lurdes contou para seus pais sobre Luiz Paulo, mas foi repreendida imediatamente. Como foi proibida de ver seu amado, passaram a encontrar-se às escondidas.

Luiz Paulo era órfão de seus pais adotivos, contava apenas com a ajuda de seu irmão adotivo João Luiz, com quem tinha uma relação de afeto. Luiz Paulo foi entregue para adoção aos 4 anos de idade e perdeu contato com sua família biológica.

Na família italiana que o adotou, trabalhava muito na lavoura, tratava os animais e, aos 14 anos, era forçado a dormir no estábulo juntamente com os cavalos, com o pretexto de cuidar deles. Luiz Paulo tinha muito medo de ficar ali sozinho, mas precisava permanecer devido às ordens de seu pai adotivo. Realizava os trabalhos mais pesados, teve uma irmã adotiva que era professora, mas não foi apresentado ao mundo letrado. A família que o adotou deixava claro que seus filhos brancos e biológicos tinham prioridade e direitos, ele não.

Em 1963, ainda com 15 anos e sem a autorização de seus pais, Lurdes resolveu vencer o preconceito da época e enfrentou sua família, pois queria ser feliz com Luiz Paulo, por quem estava apaixonada. Os dois fugiram juntos para Vilinha, uma pequena vila na cidade de Esmeralda.

No dia seguinte, o irmão Marcelino foi até eles para levar Lurdes de volta, porém, percebendo a felicidade de sua irmã, voltou pra casa e convenceu seus pais de que Lurdes estava bem.

Figura 2 – Lurdes Bisutti Monteiro e Luiz Paulo Dos Reis Monteiro em 1963, Vilinha, Esmeralda/RS.



Fonte: acervo da autora.

Casaram-se, e Luiz Paulo construiu uma casa de madeira para morarem próximo à serraria. Em novembro de 1964, na cidade de Vacaria, nasceu Airton, o primogênito. O casal teve mais três filhas: Suzana, nascida em março de 1966; Vera Lúcia, em janeiro de 1968; e Juçara, em dezembro de 1968. Gorete, nascida em outubro de 1957, era filha do primeiro casamento de Luiz Paulo, morava com a mãe biológica na cidade de Caxias do Sul e fazia visitas ao pai sendo sempre bem-recebida por todos.

A família Monteiro mudava-se de cidade constantemente por causa do trabalho de Luiz Paulo, que era serralheiro. Lurdes era do lar e cuidava da casa e das crianças com muita dedicação e amor. Quando os filhos já estavam na adolescência, mudaram-se para a cidade de Farroupilha, em 1980, onde residem até hoje. Farroupilha é uma cidade com indústrias e oportunidades de emprego. Com isso, a família conseguiu construir sua casa própria. Luiz Paulo e os filhos trabalhavam na indústria e melhoraram sua condição financeira. Ele teve um bar e um mercado, e os filhos tiveram acesso à educação formal, conseguindo concluir o ensino médio.

Em 1974, Ferdinando, pai de Lurdes, faleceu na cidade de Vacaria. A viúva Emília mudou-se para a residência da família Monteiro, em Farroupilha, onde pôde constatar que sua filha Lurdes era feliz com a família que havia construído e que o genro, Luiz Paulo Dos Reis Monteiro, era homem honesto e trabalhador.

A família Monteiro soube de uma jovem que queria entregar sua filha para a adoção. Recém-chegada a Farroupilha, vinda de Guaporé para trabalhar, ocorreu a gestação não planejada e o pai não quis assumir a paternidade.

No dia 23 de abril de 1986, às 16h, eu, Vanessa Bisutti Monteiro, nasci no Hospital São Carlos, em Farroupilha.

Minha família adotiva aguardou ansiosamente por meu nascimento, meu pai garantiu que a adoção fosse pelas formas

legais, conforme a legislação, e para isso contratou um advogado. Minha mãe biológica era menor de idade e minha avó biológica autorizou a adoção. Ao me conhecer, após o nascimento, quis desistir e ficar comigo, mas Lurdes já estava tocada com minha chegada e insistiu em ser minha mãe.

Foi então travada uma disputa judicial, mas, tendo em vista as condições financeiras favoráveis e a demonstração de amor, o juiz concedeu minha adoção para a família Monteiro.

Cresci em um lar repleto de amor. Meu pai, minhas três irmãs e meu irmão foram muito presentes na minha vida. Minha mãe Lurdes sempre me incentivava a ser uma pessoa melhor a cada dia. Todos os dias ela arrumava meus cachos, passava creme cuidadosamente e colocava tiaras ou presilhas diferentes e lindas. Colocava-me na frente do espelho e dizia para mim o quanto eu era bonita, que minha pele morena era belíssima e que era para eu sempre acreditar no meu coração.

Na época eu não entendia por que ela repetia tanto essas palavras, minha mãe foi a professora mais sábia que alguém poderia ter.

Hoje, já adulta e pelo fato de ser mãe também, compreendo o que minha mãe-professora me ensinou. Minha mãe Lurdes estava me preparando para o mundo, queria que eu fosse uma mulher forte como ela. Com uma voz mansa, falou sempre com um tom meigo e amoroso e me ensinou com suas palavras cheias de ternura e seu exemplo de vida a ser uma mulher caprichosa, prestar atenção aos mínimos detalhes, ter empatia e respeito com o próximo, trabalhar e ir em busca de meus sonhos.

Minha mãe sempre ia aos eventos na escola em que estudei e fazia questão de estar presente para me prestigiar. Ela guardava todos os cartões de Dia das Mães que eu fazia com muito carinho. Preocupava-se com todos de forma especial, dirigia-se às pessoas com muito respeito e atenção, era uma excelente cozinheira, fazia tortas enormes com muito glacê para os aniversários.

sários e datas comemorativas. Era apaixonada pelo Natal, época em que se ocupava com preparativos para a ceia e os enfeites natalinos.

Não tinha conhecimentos acadêmicos, porém era uma conhecedora da vida. Além de minha primeira professora, foi enfermeira e médica, com os seus chás milagrosos e um abraço para passar a dor. Foi psicóloga, pois sabia ouvir e acolher as pessoas sem julgar. Astuta vendedora, na hora de me convencer a comer frutas e legumes. Advogada rígida, em defesa de quem amava. Juíza em momentos de disciplina, sendo justa e correta. Gostava de organizar almoços e jantares para receber parentes e amigos. Tinha uma personalidade calma e sutil. Em suas vestimentas apreciava cores discretas e adorava usar brincos pequenos e anéis, a maquiagem sempre leve e discreta.

Prestei vestibular no ano 2011 e iniciei o curso de Licenciatura em Pedagogia na Universidade de Caxias do Sul. No ano da minha formatura, minha mãe Lurdes ficou muito doente e foi hospitalizada, com câncer. Apesar da dedicação da médica, o coração de minha mãe não resistiu e parou no dia 17 de setembro de 2015, às 22h.

No dia de seu falecimento, estive junto com as minhas irmãs cuidando dela no hospital. Dei um beijo e a agradei por ter me adotado e me amado tanto e fui até a universidade para o ensaio da cerimônia de colação de grau.

Ao término do ensaio, eu soube pelo meu sobrinho Vinícius da confirmação do falecimento da minha mãe, aos 67 anos, faltando apenas uma semana para a minha formatura, algo que minha mãe esperava com muito orgulho, pois era o sonho dela ser professora e estava se concretizando em mim.

No dia da minha formatura em Pedagogia, ao subir ao palco para receber o meu diploma, senti a minha mãe ao meu lado, sorrindo e feliz... Senti sua mão carinhosa afagar os meus cabelos e

naquele instante a abracei em silêncio. Sorrimos juntas... Deixei fluir aquela emoção, um misto de alegria e saudade.

O legado que minha mãe deixou para a nossa família foi amar as pessoas. Ela me amou sem me conhecer, sem ter o mesmo sangue, foi movida por um amor incondicional e inexplicável. Sinto-me a pessoa mais feliz do mundo, pois tive uma mãe amorosa e uma vó maravilhosa para o meu filho Daniel, que conviveu com ela até seus 12 anos.

Minha mãe é a estrela que escolheu me amar. Mesmo sem ter tido um diploma, minha mãe me ensinou sobre acolhimento, perseverança, paciência... Saberes fundamentais ao meu fazer docente. Se hoje estou aqui é porque tive minha mãe Lurdes como minha primeira e melhor professora. Por mais que o tempo e a distância insistam em me fazer esquecer momentos da nossa convivência, sei que o amor verdadeiro nunca morre. E, por todo o tempo que eu viver, perpetuarei a memória da minha mãe, Lurdes Bisutti Monteiro, e serei fiel aos princípios dela, pois tudo o que ela me ensinou foram sementes para as minhas conquistas.

Figura 3 – Lurdes Bisutti Monteiro com seu neto Daniel Monteiro da Silva, meu filho, em 2008, nas Escola CNEC, no evento Chá para os avós, em Farroupilha/RS



Figura 4 – Da esquerda para a direita: Gorete, filha do primeiro casamento do meu pai, Juçara Monteiro Andriguetti, Vera Lúcia Bisutti Monteiro, Airton Bisutti Monteiro, e Suzana Bisutti Monteiro. No centro da fotografia eu, Vanessa Bisutti Monteiro



Fonte: acervo da autora.

Os domingos de carteadado com meu bisavô: história, cultura e lógica

... quando o mestre é o bisavô...

Weslei Vivan

AO DECORRER DAS NOSSAS VIDAS acumulamos experiências e aprendizados de diversas maneiras, mas, quando buscamos em nossas memórias individuais momentos relacionados ao aprender, de forma quase que automática voltamos aos tempos de frequência em espaços escolares, desde a pré-escola, passando pelo ensino fundamental, as boas recordações do ensino médio e as noites de aula na faculdade. Entretanto, durante a disciplina de Seminário Avançado em História da Educação, no curso de Mestrado em Educação da Universidade de Caxias do Sul, fomos convidados a tecer uma escrita sobre algum educador que marcou nossa trajetória, porém desafiados a não escrever sobre um profissional da área da educação, e sim os outros professores da vida.

Os professores que tive na minha vida foram diversos – variados membros da minha família, amigos, outros ilustres conhecidos –, cada um deles acredito que me marcou de diferentes maneiras. Como citado por diferentes autores que escreveram em obra organizada por Abramovich (1997), *Meu professor inesquecível*, essas pessoas nos marcam por sentimentos positivos e negativos, transformações pessoais, métodos, diversas conjunturas, momentos que ficam gravados em nossas mentes. Os ensinamentos desses mestres do dia a dia vão além das tradicionais lições da sala de aula – português, história, ciência, geografia –, a experiência de vida deles transmite conhecimentos que podem ser considerados na esfera da prática de vivência.

O meu professor escolhido para escrever sobre é o meu bisavô por parte da família da minha mãe. O seu nome era Laurindo. Posso me considerar, nesse aspecto, uma pessoa de

sorte, pois consegui conhecer e conviver com um bisavô, uma bisavó e todos os meus avós, e todos que tiveram a oportunidade de conviver com essas pessoas sabem que, por sua vasta experiência de vida, elas são excelentes transmissoras de conhecimento. Devo esclarecer agora o porquê de ter escolhido meu bisavô Laurindo para esta escrita. Dentre tantos conhecimentos repassados, o do jogo de cartas foi de certa maneira especial, algo que ficou gravado na minha memória.

A minha família mantinha uma tradição e aos domingos ir visitar a casa dos meus avós da família da minha mãe, que moravam no interior de uma cidade vizinha à minha, nada muito distante, algo de 15 minutos. Normalmente íamos eu e meus pais juntos e às vezes apenas eu e minha mãe, porém eram poucos os finais de semana que “falávamos” em ir. Aos domingos, encontravam-se no local meus tios e minhas tias, era um grande encontro familiar. A época desse rito, de visita aos domingos, pelas minhas lembranças, já ocorria por volta dos anos 2000, e para mim durou por quase uma década, chegando ao ano de 2010. Conforme eu ia tendo mais idade, outros compromissos faziam com que eu deixasse o hábito e as minhas visitas ficassem esporádicas. Na casa, primeiramente moravam meus bisavós (pais do meu avô materno) e meus avós maternos, porém no ano de 2004 ocorreu o falecimento da minha bisavó. Nesse tempo meu bisavô já estava com seus 80 anos, porém mesmo a perda de sua companheira não o fez desanimar de continuar vivendo.

A casa era constituída de dois andares, um porão e a parte da moradia. Em razão disso, as escadarias de acesso fizeram com que, pela baixa mobilidade, o *nonno*, como chamávamos, ficasse na maioria dos dias dentro de casa. Seus afazeres se resumiam a cuidar do fogo, auxiliar minha avó em pequenas atividades e, em seu rádio, escutar as notícias e atualidades, nunca faltando assunto para as conversas, porém aos finais de semana havia o evento que quebrava a sua rotina e o tirava de casa: jogar cartas no bar do salão da comunidade.

Se analisarmos a visão de Chartier (1988) de que uma das características da cultura é um conjunto de práticas efetuadas por um grupo de indivíduos em determinado recorte temporal e territorial, podemos considerar que determinados jogos de cartas praticados por famílias descendentes de imigrantes italianos faziam parte da cultura praticada por essas famílias e comunidade. Dessa maneira, o jogo de cartas se torna um dos principais entretenimentos nos tempos que tecnologias não eram tão acessíveis, também pelo baixo custo, exigindo dos jogadores um baralho e o conhecimento do jogo para ser jogado. Nessa dinâmica, os adultos eram os principais jogadores nos encontros, com as crianças ao redor destes. Marin *et al.* (2012), em pesquisa que elenca os principais jogos praticados entre os imigrantes, destacam a bisca, o 3sete, o menos copa e o quatrilha.

Apesar de tradicional, quando criança eu não me interessava tanto assim pela jogatina. Na minha casa não se praticava tanto e nas idas à casa da minha vó nos primeiros anos dificilmente ocorriam jogos, normalmente os dias se decorriam com o almoço, o descanso, a sobremesa e as conversas, depois meu avô e meu bisavô iam para o jogo de cartas na comunidade, mas no decorrer dos anos meu bisavô acabou ficando um pouco mais debilitado na mobilidade e preferia ir ao jogo apenas no fim de tarde, para encurtar o tempo fora de casa. Nessa época eu não tinha tanto contato com o meu *nonno* – havia, claro, uma diferença de idade bastante elevada, o que por vezes não combinava nas conversas que se encaixavam –, mas um dia, aproveitando o tempo livre à tarde, meu bisavô me chamou e perguntou se eu sabia jogar cartas ou queria aprender.

No domingo de “carteado” em que tive a primeira aula, lembro que após pedir o que eu conhecia o meu novo professor me falou que poderia me ensinar alguns jogos como o 3sete, o menos copa, a bisca e a escova, mas que o quatrilha era bem difícil, ainda mais para alguém da minha idade e com pouca experiência. O único jogo que eu conhecia para o primeiro dia é

conhecido como bisca, que envolve um naipe que pega a carta de qualquer outro jogador, esta, renovada a cada partida, é chamada de bisca, e as demais cartas o jogador pode ir acumulando, cartas de maior valor do mesmo naipe são usadas para ganhar das cartas de menor valor, caso não acompanhe o naipe da mesa, quem jogou a carta primeiro fica com ela.

Naquele dia treinamos a bisca, que pode ser jogada com dois a quatro jogadores. Mais do que apenas jogar, meu *nonno* me ensinava que o bom jogador contava todas as cartas que passavam, pois assim, utilizando a lógica, poderia saber quais cartas o oponente seguraria para as últimas rodadas, estimulando a memorização, e que, ao jogar com uma dupla, cada carta mais valiosa tinha um determinado sinal para informar sua dupla de forma desapercebida.

As aulas de bisca logo passaram para “disciplinas” mais avançadas. O 3sete e o menos copa foram introduzidos, porém esses jogos são melhores de jogar em quatro pessoas ou mais, e não em duplas. O grande jogo para duplas, segundo meu professor, era o escova. Enquanto a bisca era um jogo que dependia mais da sorte do jogador em tirar boas cartas do baralho do que da habilidade, a escova unia a memorização das cartas, a lógica para conseguir as cartas precisas para pontuar e a matemática, pois pode pontuar quem consegue mais cartas do naipe de ouro, quem tem o sete de ouro, conhecido como o “*bello*”, quem consegue somar mais cartas e quem acumula mais cartas sete ou menores de todos os naipes. Para pegar as cartas, quatro são jogadas na mesa e cada jogador tem três na mão, sendo preciso somar as cartas da sua mão com as da mesa e resultar no valor de 15, porém, se um dos jogadores pegar todas as cartas da mesa, ganha mais um ponto. Aquele que somar quinze 15 no total primeiro é o vencedor.

O jogo, como visto na explicação, mostra-se complexo e necessita de boa matemática e atenção. Meu *nonno*, nesses quesitos, mostrava-se um tanto quanto aguçado, e foram di-

versas derrotas até eu conseguir algum êxito. Depois de eu ter aprendido os jogos de cartas, iniciou-se o rito domingueiro de almoçarmos juntos e jogarmos algumas partidas de bisca para aquecer e depois a escova. Assim iam-se as tardes. No fim da jogatina, comíamos alguma sobremesa, depois eu voltava para casa e o meu bisavô ia para outro turno de baralho, mas com os seus conhecidos no salão da comunidade.

As tardes de carteadado me ensinaram mais do que apenas essa tradição, essa cultura de jogos vinda com os imigrantes. A partir do momento em que eu e meu bisavô jogávamos, a diferença de idade não importava mais, pois havia algo em comum entre nós dois, estabelecemos uma relação e as conversas de certa forma foram para além do jogo. Na época eu nem imagina que seguiria os rumos da educação, da pesquisa e da história, mas, mesmo assim, um dia conversamos sobre a origem da família e o pouco que sei sobre o meu tataravô aprendi nessas tardes. Meu *nonno* contou que perdeu seu pai quando era jovem, vinte e poucos anos. Seu pai sofreu um acidente, quebrou a perna e, pelo tratamento disponibilizado naqueles anos, acabou por perder a mobilidade, nos anos posteriores perdeu alguns animais por doença e morreu com quarenta e poucos anos.

Nos dias atuais, reflito sobre esses momentos e acho que quando somos jovens não damos tanta atenção para as pessoas mais experientes da nossa família. E o quanto perdemos com isso! Nas salas de aula aprendi sobre os principais momentos da história humana e as teorias educacionais, mas quanto sei sobre a minha própria trajetória? Daqueles que antecederam a minha família? Com o passar dos anos, como dito anteriormente, acabei não indo com tanta frequência visitar meu bisavô. Quantas coisas deixei de aprender com ele por isso? Pouco sei sobre o meu tataravô, a realidade dele quando jovem e as coisas que ele fez durante a vida.

Com o passar dos anos, meu *nonno* se mostrou satisfeito com a vida que teve e fez sua passagem de forma tranquila no

ano de 2012. É curioso que após esse evento aprendi mais sobre a vida dele do que com nossas conversas: que ele foi um dos primeiros a ter um carro na sua comunidade, um Jeep Willys da década de 1940 fabricado no Canadá, e por vezes dava carona para muitas pessoas até a área urbana; que, na verdade, a casa dos meus avós foi construída por ele e abrigou muitas pessoas da minha família; que fez seu papel de avô e cuidou de minha mãe, meus tios e minhas tias em diversas ocasiões...

Os jogos de cartas, repassados por gerações, não foram a única coisa que aprendi com meu professor. Aprendi que devemos valorizar as pessoas que nos rodeiam enquanto podemos, que o aprender pode acontecer fora das instituições e que é importante escutar certas histórias. Hoje em dia, sempre que pego numa carta e vou jogar algum desses jogos me lembro com alegria e nostalgia dessas tardes de domingo.

Referências

ABRAMOVICH, Fanny. *Meu professor inesquecível*. São Paulo: Gente, 1997.

CHARTIER, Roger. *Entre práticas e representações*. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Algés, Portugal: Difel Difusão, 1988.

MARÍN, Elizara Carolina *et al.* Jogos tradicionais no Estado do Rio Grande do Sul: manifestação pulsante e silenciada. *Movimento*, v. 18, n. 3, p. 73-94, 2012.



Posfácio

O educar-se e o aprender na região da serra gaúcha

*Profa. Dra. Rosecler Maschio Gilioli
Diretora do Campus UCS de Nova Prata*

A ESCOLA FOI UM AMBIENTE RICO em termos de aprendizado e socialização. Estudei no Colégio Nossa Senhora Aparecida, no município de Nova Prata, a partir de 1974, cursando o Jardim da Infância. Com 6 anos, em 1975, iniciei a primeira série do primeiro grau, assim chamada na época. As professoras utilizavam uma cartilha para alfabetização, a partir da qual apresentavam as letras, as vogais, as sílabas, etc. Nos momentos de estudo, em casa, minha mãe, que também era professora alfabetizadora, acompanhava e revisava meus cadernos, meus temas e minhas provas e tomava os conteúdos vistos em sala de aula a fim de contribuir para a minha formação.

Além de proporcionar o aprendizado, a escola também foi um ambiente de socialização onde conheci colegas que se tornaram amigos para a vida toda. O recreio era um momento de muita alegria, quando podíamos brincar e interagir livremente com nossos colegas e amigos, em uma convivência saudável e feliz. Os docentes eram bastante dedicados e preocupados com o aprendizado dos estudantes, cobrando disciplina e respeito em sala de aula, valores que também eram incentivados pelos pais em casa.

Entre as disciplinas que mais me encantavam estava a de língua portuguesa, em especial por eu ter muito gosto e prazer pela escrita de redações e histórias. Além disso, a leitura – nas diferentes áreas do saber – também era motivo de alegria e deleite. Por conta desse interesse pelo texto, eu tinha afinidade também com a língua inglesa e a literatura. Tenho belas lembranças dos

educadores e das professoras desse período inicial. Havia muita dedicação e carinho da parte delas para comigo e meus colegas. Era bastante comum eu ser recomendada para realizar atividades extracurriculares, uma vez que tinha um bom desempenho como aluna. Entre esses professores, comprometidos, acolhedores e amorosos, são diversos os que ainda me inspiram e colaboraram para a construção da docente que sou hoje.

Já no antigo segundo grau – hoje ensino médio –, saí da escola particular para estudar no Colégio Tiradentes, a maior escola estadual do município até os dias atuais. Eu ainda tinha grande apreço pela área de linguagens, obtendo bons resultados em língua portuguesa, língua inglesa e literatura.

Poucos anos depois de finalizar os estudos médios, em 1991, tive a oportunidade de ingressar no Colégio Tiradentes como professora de técnicas comerciais, para a oitava série (ensino fundamental), e outras disciplinas vinculadas à administração, para as turmas de ensino médio da época. Foi minha primeira experiência como docente e é uma lembrança afetiva que carrego comigo até hoje. Lembro que a diretora, quando fui conversar com ela sobre a possibilidade de ministrar aulas, logo me contratou, pois lembrava do meu desempenho positivo como discente. Fui muito bem-recebida e acolhida pela comunidade escolar. Como havia pouca diferença de idade entre os estudantes e eu, tínhamos interesses e formas de comunicação semelhantes, o que contribuiu fortemente para a integração, a receptividade e a amabilidade das relações de ensino e aprendizagem.

Quando concluí minha primeira Graduação, em Administração, pela UCS, no ano de 1991, meus pais me estimularam a continuar os estudos. Assim, em 1992, iniciei a Especialização em Metodologia da Pesquisa e do Ensino, também pela nossa instituição. De lá para cá, tenho buscado qualificação e aprimoramento por meio de novos conhecimentos e formações complementares. Nesse sentido, cursei outras Pós-Graduações, *lato sensu*, nas seguintes áreas: Especialização

em Gestão Estratégica de Recursos Humanos – UCB-RJ (2007-2008) – e Especialização em MBA em Gestão do Ensino Superior – UCS (2017-2019). Ainda como pós-graduanda, *stricto sensu*, concluí o Mestrado em Administração com ênfase em Marketing – UFRGS (1995-1999) –, o Doutorado em Administração – UCS/PUC-RS (2012-2014) – e o Estágio de Pós-Doutoramento, tendo como título *A Relação entre Prática de Gestão de Pessoas, Modernidade Organizacional e Inovação Disruptiva*, – UCS (2018-2020). Após finalizar minha segunda Graduação em 2022, em Ciências Contábeis, continuo estudando e buscando aprimoramento em áreas complementares. Por isso estou cursando Psicologia e fazendo uma Especialização de *MBA in Strategic Management of Higher Education Institutions*, ambas pela UCS.

Em termos profissionais, hoje atuo como diretora do Campus Universitário de Nova Prata, ministro disciplinas no curso de Administração, como Gestão de Pessoas e Comportamento Organizacional, e oriento Trabalhos de Conclusão de Curso. Também costumo ministrar disciplinas em Especializações na área e sou docente colaboradora no Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade da UCS.

É imprescindível relatar o pioneirismo da Universidade de Caxias do Sul como promotora do Ensino Superior em Nova Prata e região. A inserção da instituição na comunidade ocorreu a partir do projeto de regionalização da UCS, implementado no início da década de 1990 e consolidado a partir da inauguração do Núcleo Universitário de Nova Prata, em 4 de agosto de 1993. Em 2015, ocorreu a elevação da unidade à categoria de Campus Universitário. Assim, além de atender um número importante de graduandos, o Campus Universitário de Nova Prata também contempla uma turma de Mestrado Profissional em Ciências e Matemática, uma segunda turma de Mestrado em Educação e a primeira turma de Doutorado em Educação. Os mestrandos e mestres em Educação estão nos brindando com a publicação de

livros, contos, artigos, exposições e organização de eventos. A área da Educação na região tem um marcador relevante, que é a inclusão dos cursos de Mestrado, e, a partir dessa abrangência, o saber tem sido disseminado pelos mestres de forma peculiar e espetacular, inclusive nas redes públicas de ensino, por meio de suas práticas docentes.

Portanto, o Campus UCS de Nova Prata e a oferta de cursos e serviços se conectam às demandas regionais por meio do alinhamento com as necessidades específicas na área da Educação, com a colaboração de empresas locais, a prestação de serviços à comunidade, a promoção da transferência de conhecimento e de tecnologia, além de programas voltados à inovação reconhecidos até mesmo pelo Ranking Universitário Folha de São Paulo, em 2023, estando a UCS em primeiro lugar em termos de inovação.

Com todos esses investimentos e recursos de conhecimento, o Campus UCS de Nova Prata oferece, fornece e apoia o desenvolvimento econômico, social e cultural da região de atuação, com ofertas diretamente atreladas às necessidades das comunidades, “os pés na região e os olhos no mundo”!



Biodatas

Turma 1

Aline Vivian

CONSTANTES APRENDIZADOS CARREGADOS DE SIGNIFICADO

Mestra em Educação – PPGEDU Universidade de Caxias do Sul. Atualmente atua como Secretária da Educação, Cultura e Deporto na cidade de Fagundes Varela.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3694251823067709nazon>

Email: aline050786@gmail.com

Catia Marinello

TRAÇOS DA INFÂNCIA

Mestra em Educação – PPGEDU Universidade de Caxias do Sul.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5842886030180850>

Email: cmarinello@ucs.br

Jusemina Zilli Polesello

MEU MAIOR PROFESSOR ERA LEIGO

Mestra em Educação – PPGEDU Universidade de Caxias do Sul.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7230603405618788>

Email: jzpolesello1@ucs.br

Patricia Marchesini

O BERÇO FAMILIAR COMO PRIMEIRA ESCOLA

Mestra em Educação – PPGEDU Universidade de Caxias do Sul.

Paula Marchesini

UMA HISTÓRIA ENTRELAÇADA: ERA UMA VEZ A MINHA MÃE!

Mestra em Educação – PPGEDU Universidade de Caxias do Sul.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4440511609503288>

Email: paulaprofe2013@gmail.com

Sônia Prigol

UMA DRESSA DE MEMÓRIAS

Mestra em Educação – PPGEDU Universidade de Caxias do Sul. Licenciada em Pedagogia de Séries Iniciais pela UCS. Professora da rede pública municipal de Nova Prata.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8769152109388823>

Email: soniaprigol40@gmail.com

Vanessa Bisutti Monteiro

A ESTRELA QUE ESCOLHEU ME AMAR

Mestra em Educação – PPGEDU Universidade de Caxias do Sul. Pedagoga na empresa Soprano em Farroupilha.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3840846863628927>

Email: vanessapedagoga32@gmail.com

Turma 2

Bruna Battistel Defaveri

NONNA LÚCIA E AS LEMBRANÇAS QUE FICAM JUNTAS ÀS CAMÉLIAS

Mestranda em Educação – PPGEDU Universidade de Caxias do Sul. Professora de Educação Infantil em Nova Prata.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5411967139962548>

Email: bbdefaveri@ucs.br

Camile Luzia Grizon Rampon

OS MUITOS CRIADORES DE CIRCUNSTÂNCIAS QUE PERMEARAM A MINHA TRAJETÓRIA

Mestranda em Educação – PPGEDU Universidade de Caxias do Sul. Pesquisadora da Pedagogia da Diferença. Pedagoga, professora, educadora e alfabetizadora de Séries Iniciais do Ensino Fundamental.

Email: clgrizon@ucs.br

Eliana Ebbing

DONA FRANCISCA

Mestra em Educação – PPGEDU Universidade de Caxias do Sul. Professora na Rede Municipal de Serafina Corrêa e na rede pública estadual.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5297627959581023>

Email: eliana.ebbing@gmail.com

Geiza Margarete Martins Sipp

UMA NARRATIVA DE AFETO: MEUS PAIS/PROFESSORES

Mestranda em Educação – PPGEDU Universidade de Caxias do Sul. Graduada em Pedagogia – UCS.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3911184142592734>

Email: gmsipp@ucs.br

Kariane Vendramin

SOBRE CAIXA, APRENDIZAGENS E UMA NUVEM

Mestra em Educação – PPGEDU Universidade de Caxias do Sul. Licenciada em Pedagogia – PUF. Professora de Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Nova Araçá desde 2012.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5920944239145258>

Email: karianevendramin@gmail.com

Marli de Conto

MEMÓRIAS DE APRENDIZAGENS: MULHERES QUE ENSINARAM A SER MULHER

Mestranda em Educação – PPGEDU Universidade de Caxias do Sul. Graduada em Pedagogia. Professora no município de Veranópolis/RS. Pesquisadora do grupo de pesquisa da “Diferença”.

Email: mconto4@ucs.br

Priscila Ghellere

A (DES)EDUCAÇÃO SE DÁ COM EXEMPLO...

Mestra em Educação – PPGEDU Universidade de Caxias do Sul. Graduada em Pedagogia. Professora com atuação na Educação Básica. Pesquisadora em História da Educação, vinculada ao grupo de pesquisa GRUPHEIM.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0936213886003843>

Email: pghellere@ucs.br

Rafaela Camila Rigon

HONRANDO A FAMÍLIA: MEU ETERNO VÔ TITO

Mestranda em Educação – PPGEDU Universidade de Caxias do Sul. Professora de 3º e 5º anos da Rede Particular na cidade de Nova Prata.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9812131130588851>

Email: rrigon@ucs.br

Simone Maria Spanhol

OS MUITOS PROFESSORES DE UMA VIDA

Mestranda em Educação – PPGEDU Universidade de Caxias do Sul. Graduada em Licenciatura Plena em Educação Artística – UCS. Bacharela em Artes Visuais – UCS. Professora de Arte e coordenadora pedagógica da Escola Municipal de Ensino Fundamental Reinaldo Cherubini, Nova Prata/RS.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1888170417100574>

Email: simoms.spanhol@gmail.com

Tatiane Marta Loch

VÓ ALMAS E A SUA PEDAGOGIA DA ESCUTA

Mestra em Educação – PPGEDU Universidade de Caxias do Sul. Graduada em Geografia – ULBRA. Professora de Geografia em Nova Prata.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6067617004404627>

Email: tmloch@ucs.br

Weslei Vivan

OS DOMINGOS DE CARTEADO COM MEU BISAVÔ: HISTÓRIA, CULTURA E LÓGICA

Mestre em Educação – PPGEDU Universidade de Caxias do Sul. Licenciado em História – UCS. Professora na Quíron Centro Cultural.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/984447471621859>

Email: vweslei@gmail.com



A Universidade de Caxias do Sul é uma Instituição Comunitária de Educação Superior (ICES), com atuação direta na região nordeste do estado do Rio Grande do Sul. Tem como mantenedora a Fundação Universidade de Caxias do Sul, entidade jurídica de Direito Privado. É afiliada ao Consórcio das Universidades Comunitárias Gaúchas - COMUNG; à Associação Brasileira das Universidades Comunitárias - ABRUC; ao Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras - CRUB; e ao Fórum das Instituições de Ensino Superior Gaúchas.

Criada em 1967, a UCS é a mais antiga Instituição de Ensino Superior da região e foi construída pelo esforço coletivo da comunidade.

Uma história de tradição

Em meio século de atividades, a UCS marcou a vida de mais de 120 mil pessoas, que contribuem com o seu conhecimento para o progresso da região e do país.

A universidade de hoje

A atuação da Universidade na atualidade também pode ser traduzida em números que ratificam uma trajetória comprometida com o desenvolvimento social.

Localizada na região nordeste do Rio Grande do Sul, a Universidade de Caxias do Sul faz parte da vida de uma região com mais de 1,2 milhão de pessoas.

Com ênfase no ensino de graduação e pós-graduação, a UCS responde pela formação de milhares de profissionais, que têm a possibilidade de aperfeiçoar sua formação nos programas de Pós-Graduação, Especializações, MBAs, Mestrados e Doutorados. Comprometida com excelência acadêmica, a UCS é uma instituição sintonizada com o seu tempo e projetada para além dele.

Como agente de promoção do desenvolvimento a UCS procura fomentar a cultura da inovação científica e tecnológica e do empreendedorismo, articulando as ações entre a academia e a sociedade.

A Editora da Universidade de Caxias do Sul

O papel da EDUCS, por tratar-se de uma editora acadêmica, é o compromisso com a produção e a difusão do conhecimento oriundo da pesquisa, do ensino e da extensão. Nos mais de 1.500 títulos publicados é possível verificar a qualidade do conhecimento produzido e sua relevância para o desenvolvimento regional.



Conheça as possibilidades de formação e aperfeiçoamento vinculadas às áreas de conhecimento desta publicação acessando o QR Code:

Temos até falado sobre os professores que nos alfabetizaram e nos ensinaram durante a nossa estada na escola. E aqueles que nos ensinaram fora da sala de aula? Você teve algum educador fora da escola? Quem foram seus educadores não formais/informais, aqueles que lhe ensinaram fora dos ambientes formais de ensino e de aprendizagem? Com base nessas questões, um grupo de mestrandas e mestres que cursam Mestrado em Educação na Universidade de Caxias do Sul acolheram a nossa proposta.

Assim, apresentamos esta obra, a qual é resultado do movimento reflexivo e narrativo de memórias de professoras que contam sobre seus processos educativos em ambientes não-escolares.

